31761 06184956 8

GUILHERME DE SANTA RITA

O POEMA

D'UM

MORTO

EM

PROEMIO E DEZ CANTOS

PREFACIADO

POR

GOMES LEAL

JOSÉ BASTOS

Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

ANTIGA CASA BERTRAND

PQ
9261
S15P64
1897
c.1
ROBARTS

J. Guedes da Silva

R. Mártires da Liberdade, 10
Telefone 2 5988 — PORTO

LIVROS USADOS
COMPRA E VENDE

O POEMA

D'UM MORTO

Reservados todos os direitos

Guilherme de SANTA RITA

O POEMA

D'UM

MORTO

EM

PROEMIO E DEZ CANTOS

PREFACIADO

POR

GOMES LEAL

JOSE BASTOS

Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

ANTIGA CASA BERTRAND

LISBOA—Imprensa Nacional—1897

Á MEMORIA

DE

MINHA MÃE

PREFACIO

I

DUAS PALAVRAS SOBRE ESTE POEMA

E A

ESTHETICA DO MYSTERIO

J'ai cru, tout à coup, à la transmigration des âmes . . .

NERVAL.

Totus mundus constat et positus est in magnetismo. Omnes sublunarum vicessitudines fiunt per magnetismum. Vita conservatur magnetismo. Interitus omnium rerum fiunt per magnetismum.

Medicina Spiritum.

KIRCHER.

DE CERTO devido a algumas composições poeticas minhas singulares, e á attracção que me impelle para tudo o que eu chamarei a *Esthetica do Mysterio,* que eu devo o prefaciar este livro, e não, de certo, a outros nullos meritos. Um amigo meu, n'uma hora de expansibilidade, chamou-me, ao lêr alguns versos meus da *Mulher de Luto,* o Edgar Pöe da peninsula. Um outro, não menos benevolo, denominou-me *sacerdote magno da poesia mysteriosa.* Respondendo aqui, agora,

a estes dois companheiros da Arte, direi, visto tratar-se do assumpto, ao primeiro, que de Edgar Pöe eu sou apenas um mero discipulo, n'uma attitude sempre admirativa. Da *Esthetica do Mysterio,* em vez de Officiante Maximo, eu me considero apenas simples e obscuro diácono. No emtanto, o que é innegavel é que alguma cousa vibra em nós, ante o perenne Desconhecido, as nuvens que pairam aereas, como ilhas errantes, os ais maguados das folhagens, as lendas e historias sobrenaturaes, e os phenomenos tão estranhos da *evocação, da suggestão,* do hypnotismo, e da telepathia. Singularissimo é de certo este poema, e não menos singular o titulo que o encima: *Poema d'um Morto.* Mas, mais se vincará e salientará esta impressão de mysterio, que d'elle reçuma, quando, pelos olhos do leitor, desfilarem as suas phalanges de rimas, de evocações, de pesadelos...

E, quer o leitor seja massiçamente positivo, quer dado um tanto a influenciar-se pelo Sobrenatural, convirá que, em Arte, é indiscutivelmente bello tudo aquillo que é executado segundo a mais alta e pura Esthetica. Que nos importa, em arte, se Hoffman acreditava, ou não, verdadeiramente em Lucifer, nos sortilegios, nos encantamentos, ou nas noctambulas mulheres vampiros?... Não deram os seus contos um algido arrepio de medo a toda a Allemanha, e mais tarde a todos que, na Europa, empallideceram nas suas paginas, cheias de espectros, em noites suarentas e de terrores?... Que nos importa se Apuleo foi verdadeiramente iniciado, ou não, nos segredos da magia negra da antiguidade, se o seu *Asno de ouro* tem visões de um prestigio tal, que ao mesmo tempo deliciam e gelam, nos attrahem, e empedram?... Em

arte, é superior tudo o que é bem executado, seja qual for o assumpto a que o artista dê fórma. Tão prestigioso é a *rainha Mab,* de Schelley, o mysterioso poeta atheu da Grã Bretanha nevoenta, como a *quéda de um anjo* de Lamartine, a *Eloa* de Vigny, ou os *Amores dos Anjos* de Moore, os louros sonhadores christãos.

Leu, acaso, o leitor, alguma vez, esse tenebroso pesadelo poetico chamado o *Smarra?* . . . Desceu, acaso, alguma vez, hirto e gélido, aquellas espiraes vertiginosas de vesanias e demonios nocturnos, espiraes serpentinas e tôrvas, que vão desembocar a uma gemonia de trevas e de suspiros estrangulados, como de mulheres que degollam na sombra? Folheou acaso, alguma vez, as *Viagens ás terras astraes* de Swedemborg, ou empallideceu, como um alchimista contemporaneo de Catharina de Médicis, a feiticeira coroada, n'alguma pagina amarellenta de um livro secreto da *Kabála?* . . Talvez este home fatidico, e que trescála a praticas escuras de magia, tenha o poder de o emmudecer e amarellar. Pois a minha sensibilidade é mais compacta: e confesso que leio, com curiosidade, todos os escriptos mysteriosos das sciencias occultas. Em toda a parte me sinto impellido a sondar o Desconhecido, a levantar uma ponta do véu do Ignorado, e das cousas inesperadamente insólitas, saturadas de prestigio. Aquillo que os homens, em sciencia ou em philosophia, podem repellir, o artista póde acolher e modelar, com um alvo superior de Esthetica pura.

De resto, eu creio pela observação propria, que ha forças e phenomenos na Natureza completamente desconhecidos, que as antigas raças souberam, como

os Indios, os Chaldeos, os Egypcios, e que nos permanecem cerrados a sete sellos magicos. Não acredito que as Sciencias tenham proferido a sua palavra derradeira: e, parece-me que lhe estarão reservadas surprezas maximas, um dia, d'essas que deslocam a incredulidade[1]. O anthropologo Lombroso, que é um sabio tão notorio, já nos deu um d'estes exemplos, que, de certo, abalam o espirito mais pratico.

Na *Revista do hypnotismo,* citada pelo sr. de Rémora, que é um moderno Occultista, lêem-se as seguintes palavras de Lombroso:

«Poucos sabios têem sido mais incredulos do que eu, em materia de spiritismo, e aquelles que de tal sintam a suspeita não têem mais do que consultarem as minhas obras: *Os loucos e os anormaes,* e os meus *Estudos sobre o hypnotismo,* em que eu cheguei a arremessar aos spiritistas graves doestos. Mas, depois de ter visto os sabios repellirem factos como o da transmissão do pensamento, e da transposição dos sentidos: factos que, ainda que raros, não deixam de ser por isso menos reaes, e que eu havia verificado, *de visu,* comecei a suspeitar que o meu scepticismo, por certos phenomenos do Occultismo, era da mesma natureza do dos outros sabios pelos phenomenos hypnoticos. N'este entrementes, foi-me dado estudar estes phenomenos na pessoa de um *medium,* certamente extraordinario, Eusapia. Acceitei, pressuroso, o offerecimento, tanto mais que me era facil estudar a materia, em companhia de distinctos alienistas,

[1] Consultem-se os *Grandes Mysterios,* as *Allucinações Telepathicas,* a *Magia Moderna,* ou as *Revelações da minha vida sobrenatural,* de Douglas Home.

taes como, Tamburini, Virgilio Bianchi, Vizioli, que eram tão scepticos, como eu, sobre o assumpto, e que me poderiam ajudar na verificação dos phenomenos observados.»

E então, depois de Lombroso narrar as suas observações, que não reproduziremos, pois que são do dominio commum de todos os Occultistas, citaremos aquillo que elle diz referente aos seus amigos, sabios como elle tambem.

«Identicas experiencias, diz Lombroso, foram feitas por Eusapia nas pessoas dos medicos Barth e Defiosa, que me escreveram, contando os factos seguintes: Viram, varias vezes, as oscillações de uma campainha agitar-se, no ar, e vibrar, sem ser agitada por pessoa visivel. Escutaram tambem mãos invisiveis que palmeavam. O banqueiro Hirsch, que os acompanhava, pediu para fallar com determinada pessoa que lhe era cara, e ha já muito extincta. Viu, então, a imagem d'essa pessoa fallecida, e pôde ouvir-lhe a voz, em francez, pois ella era d'esta nacionalidade. Identico phenomeno foi observado por M. Barth, que viu o espectro de seu pae, e recebeu d'elle dois beijos. Todos viram, igualmente, uma pequenina chamma tremular, sobre a fronte de Eusapia...»

Eis os factos prestigiosos, citados pelo sabio alienista, e que lhe deslocaram o seu scepticismo, todo physico, mas estreitamente radicado.

Se os sabios, pois, de tal sorte vacillam, e vêem publicamente bater, nos peitos marmoreos, o seu *mea culpa* de incredulidade, como é que o poeta, senhor absoluto, —pela Imaginação e pela Intuição,— depois do grande Ser, das *regiões mysteriosas,* não terá o

direito de, sobre um thema de tal largueza, amontoar accessorios, ampliar e idear?... Foi levado por esta ordem de cogitações que eu emprehendi, na *Mulher de Luto,* estudar uma personalidade singular de artista, que, influido por um amor espiritual e portentoso, é levado ás sessões dos Occultistas, e iniciado nas suas praticas nocturnas.

O auctor d'este poema, que eu prefacío, pediu-me certa vez, que lhe recitasse algumas composições d'esse dito poema, que a elle se lhe antolhava prestigioso e bizarro. Satisfiz-lhe a vontade, e o poeta, encorajado, talvez, pelo mundo intérmino e confuso das sombras, em que eu o havia feito divagar e sonhar, revelou-me que elle tambem possuia um poema começado, mas que não ousára, até então, mostrar, nem completar. Tendo-lhe inquirido o motivo, respondeu-me que era pelo receio de que o cuidassem imbuido de superstições vagas e inferiores.

Meu caro amigo, disse-lhe eu, a Sciencia, e a Philosophia, que se diz o laço virtual de todas as sciencias, têem todos os dias levantado novas babeis de Theorias e Systemas que, n'uma certa manhã pardacenta, novos sabios veem bater, ruir, e desmantelar... O mundo tem conhecido quatro ou cinco systemas planetarios, que todos elles, successivamente, têem destruido os antecedentes: e agora mesmo, diz-se, que surgiu um outro novo, que ha de ruir todos os outros, e esfarellal-os em pó rasteiro e vil... O poeta, guiado pelo puro e sideral Sentimento, jamais se tem contradicto: e, primeiro que nenhum homem da sciencia, elle fallou dos phenomenos da *dupla vista,* da *evocação,* do hypnotismo, e da telepathia. A *Intuição* n'elle tem sido mais poderoso instrumento de verdade do

que nos sabios as tenazes da Analyse, e os proprios orgãos de visão. Moniz Barreto escreveu, certo dia, que os dois elementos iniciaes de toda a minha obra são a Revolta e o Mysterio. Pois, creia o amigo, disse-lhe, que eu lamento a somma esteril de annos que tenho consagrado a uma Revolta, até hoje esteril e inefficaz, em vez de ter feito ulular, gritar, e chorar, pelas estradas luarentas da Arte pura, a matilha dos meus rythmos mysteriosos. Mostre-me pois o seu poema!... Dias depois, effectivamente, o sr. Guilherme de Santa Rita lia-me os primeiros cantos do seu tão estranho poema e, no meu espirito, fez-se logo, a favor d'elle, um grande movimento de interesse e de sympathia pelo plano. O plano da obra é todo baseado na doutrina indiana, sobretudo da budhica, das successivas reencarnações de um espirito na terra, reencarnações que têem na India o nome de *avatares*. Pythagoras, que foi iniciado nos mysterios rituaes do Egypto, onde esta doutrina tomou o nome de *metempsychose*, affirmava que se lembrava de algumas das suas estranhas existencias anteriores, e, sobretudo, de ter combatido na guerra de Troia. O conde de Saint Germain affirmava, tambem, ter sido um guerreiro do tempo das Cruzadas. Eu mesmo, se é licito citar-me, já tratei este assumpto dos *avatares*, na Revista de um poeta amigo, que hoje é nosso consul em Genova, sob o titulo de *Poemas humoristicos em prosa*. Tratei o assumpto, todavia, sob a fórma de um humorismo anormal e bizarro. Uma obra em verso, porém, que tratasse este mesmo assumpto, sob uma fórma heroica e seria, vincando affirmações superiores, teria sempre o applauso do bom senso critico, se fosse um producto de esthésia não

vulgar. Ora, foi esta a impressão que me causou a audição dos primeiros cantos do poema. É, como já dissemos, todo elle baseado na theoria indiana dos *avatares*. Vejamos o que o sr. de Rémora, a quem já nos temos referido, nos diz ácerca d'esta locução genuinamente asiatica e theurgica:

«Para os Indús —diz elle— a alma sobrevive alem da morte, e conserva a sua personalidade, até ao dia em que se tem sufficientemente purificado em varias reencarnações *(avatares)*, mais ou menos numerosos: e quando, tendo-se já identificado com os espiritos purificados, póde penetrar na divindade e fruir do *Nirvana*, —que não é o repouso absoluto, pois que este não existe,— mas que corresponde a um estado de beatitude completa, em que a alma não póde decaír mais, e aonde ella, a seu turno, póde sustentar, na sua lucta, as almas inferiores, e favorecer-lhes a sua ascensão progressiva.»

O sr. de Rémora equivoca-se fundamentalmente, devemos acrescentar a esta citação, quando affirma que as almas, attingindo o *Nirvana*, não poderão mais decaír. A doutrina do *Nirvana*, que é essencialmente budhica, não prolonga este repouso das almas senão até a creação de um novo universo.

Depois d'isto, ellas serão individualisadas n'um novo corpo, isto é: terão de descer, irremissivelmente, a *estados inferiores:* e isto, n'uma serie, que póde prolongar-se até um numero indefinido...

Sómente os *Budhás* —ou os patriarchas dos espiritos— se mantêem excepcionalmente ao abrigo d'este destino nefasto. Todavia, tambem descem de vez em quando á terra, n'um siderio raio de luz: mas é para elegerem um corpo que lhes deva dar asylo na terra,

e n'ella possam apostolar uma nova moral transcendente...

Os principaes *Budhás* não reencarnam na terra, senão uma vez só: porém, os outros, mais correntiamente conhecidos pelo nome de *Budhisátras,* são coagidos a varios *avatares,* até que, depois de multiplas provas, venham a assumir, por sua vez, o logar preclaro de primeiros *Budhás.*—Tal é a pura e genuina doutrina budhistica.

Anthero do Quental, cuja musa tinha uns tons mysticos do *Illuminismo* allemão, e cuja lyra luctuosa cantou o *Nirvana,* cinzelou e fundiu de um jacto este systema, em um soneto cheio de solemnidade, e insolito. Faz lembrar, pela sua estranheza, um diamante negro na fronte do idolo de *Vishnú,* o mystico deus dos nove *avatares.* Eis como Anthero descreve as suas encarnações na terra:

Fui rocha em tempo, e fui no mundo antigo
Tronco ou ramo, na incognita floresta...
Onda, espumei, quebrando-me na aresta
Do granito, antiquissimo inimigo...

Rugi, féra talvez, buscando abrigo,
Na caverna que ensombra urze e giesta:
Ou, monstro primitivo, ergui a testa
No limoso paul, glauco pacigo...

Hoje sou homem,—e na sombra enorme
Vejo a meus pés a escada multiforme
Que desce, em espiraes, na immensidade...

Interrogo o infinito e ás vezes chóro...
Mas, estendendo as mãos no vacuo, adoro
E aspiro unicamente á liberdade.

Este soneto de Anthero é, de certo, um dos mais bellos do seu pequeno livro, e n'elle está bem tracejada e vincada, a pinceladas rapidas de flamma e sombra, toda a romagem tragica de um espirito, através do desconhecido opáco.

Ora, o poema, para cuja audição fôra convidado, tinha escriptos os quatros primeiros cantos, apenas. Na realidade, elles pareceram-me originaes na sua metaphysica; grandiosos, bem rythmados: e alguns deram-me a impressão bizarra de um paiz longinquo e anormal. E, devéras, era um paiz bem insolito e remoto esse em que se passava, por vezes, a acção. Era o paiz não perlustrado e intérmino, sem barreiras, sem portas, sem geographia, da *não realidade* tangivel. Estava-se em plena região dos Espiritos: pairavamos na Idealidade e no Sobrenatural, como se tivessemos sido a ellas transportados, em uma sessão magnetica. Mas d'esta vez, a Poesia não se librava sómente nas azas da imaginosa Chiméra subjectiva. Tinha todo um systema seu, uma doutrina, e uma philosophia, como a dos *Illuminados* da Allemanha, a de Anthero, Pythagoras, ou Pedro Leroux. Felicitei o seu auctor por esses quatros primeiros cantos, e encorajei-o a que completasse a sua obra. O auctor, segundo soube, estava abatido de animo e falho de iniciativa propria, por não sei que insuccesso theatral: insuccesso que, de resto, não ha nenhum applaudido nome dramatico que, nos seus inicios, o não tenha experimentado, começando por Schiller ou Ibsen, e acabando no mais infimo carpinteiro de lyricas operetas.

Mas, alentado pelo meu admirativo applauso, o poema, que se tinha arrastado penosamente durante

não sei que largo tempo, foi acabado, a breve trecho. Foi producto de um d'esses furacões de energia, de um d'esses cyclones arrebatadores da Vontade e da Inspiração, que me deixou surpreso. E, na realidade, devo asseveral-o, um dos actos sãos e puros de que se gloría a minha consciencia de artista, é de haver arrancado um espirito original e creador a um desanimo inactivo e immerito!...E agora, antes de entrarmos na analyse do poema, duas palavras finaes sobre a *Esthetica do Mysterio,* em que esta composição se filía.

O *interesse pelo Desconhecido,* —que fórma a essencia mesma da Sciencia,— constitue de igual modo a alma da pura Esthetica. Com a differença de que, em Sciencia, esse interesse se denomina a ancia de saber, e em Esthetica se denomina a *ancia de sentir, e fazer sentir.* Se a Sciencia, para saber, emprega dois processos, a synthese e a analyse, a Arte, para fazer sentir, emprega outros dois, que são o *interesse, e a emoção.* Toda a obra de arte, que não interessar ou commover, falhou sobre nós, sempre, o effeito que tentou produzir. D'ahi, o pouco successo dos auctores didacticos, que empregam, ordinariamente, os processos que pertencem á Sciencia, em vez de se servirem dos instrumentos da Esthetica. Ora o *mysterio,* tanto em Sciencia como em arte, é mais alguma cousa que o simples desconhecido, porque se nos representa sempre ao espirito como uma maravilhosa incognita. Mas, independente da Sciencia, a Arte, visto que tem processos diversos dos d'ella, e diverso objectivo, tem a plena soberania de acolher o que a Sciencia repelle, ou suppõe incerto e obscuro. D'ahi, os poemas epicos, que alteiam os seus

grandes vôos nos mundos invisiveis: a *Tempestade* de Shakspeare, na Inglaterra lutherana: os Contos de Edgar Pöe, na massiça America: e em pleno seculo XVIII racionalista, o mácabro *Diabo Amoroso* de Cazotte—idealisando as doutrinas da *Kabala*.

A Poesia, armada ligeiramente da Intuição, vê mais longe do que a cordata Sciencia: e esta, pondo em movimento as suas valvulas e os seus pistões, não faz, mais tarde, do que registar o que ella adivinhára, seculos antes.

Em Roma, nos tempos dos Cesares, existia, n'aquelle templo consagrado a todos os deuses do Universo, um altar supportando um idolo de uma deusa estrangeira, velada com um espesso e mystico véu. Na frente do altar, de um gosto barbaro, todo de oiro luzente, em tres linguas, o latim, o grego, e o egypcio, liam-se estas palavras estranhas: *Eu sou a Deusa desconhecida. Nenhum mortal levantou a ponta do meu véu!*

Quem era esta Deusa incognita, de quem jamais ninguem, nem mesmo os seus padres e pontifices, haviam contemplado a face?

Era a egypcia e mysteriosa Isis—symbolo theurgico da Natureza. Esta deusa infundia um respeito panico e mudo: uma curiosidade inabalavel e insana: como nenhum outro deus latino, barbaro, ou da Etruria.

Era o eterno *mysterio* que symbolisava o Idolo.

N'este seculo XIX tão pratico, os cultores d'este genero tão subtilmente grandioso, não têem escasseado, todavia. Poderemos citar rapidamente, na Allemanha:—Klopstock, Goëthe, Schiller, Burger, Uhland, Hoffman, Achin d'Arnin, e João Paulo Richter. Da In-

glaterra citaremos Byron, Quincey, Young, Radcliff, Schelley, Moore, e o contemporaneo auctor do *Phantasma Branco*. Na America o nome do insolito Edgar Pöe impõe-se, cheio de um prestigio radioso. Na França salientam-se, plenos de originalidade, a par d'estes: — Nerval, Quinet, Isle Adam, Eugenio Nus, Balzac, Nodier nos seus *Contos*, e Theophilo Gauthier em *Spirite, e em Avatar*.

Em Portugal — no verso, — apenas nós temos cultivado, quasi isoladamente, o genero. Ha specimens varios d'elle: nas *Claridades do Sul*, na *Poesia da Morta*, na *Nevrose Nocturna*, nos *Espiritos*, e na *Mulher de Luto*, ainda inedita. Anthero do Quental affirma-se em varios sonetos, taes como *Mors-Amor:* Theophilo Braga e Alvaro Carvalhal nos *Contos:* Eça em passagens do *Mandarim*, e na visão da *Reliquia:* Soares de Passos n'uma ballada celebre: e, finalmente, esta obra que hoje sáe a lume.

Não se supponha, porém, que o *chinesismo* ou o *japonismo*, genero que explora exoticas civilisações, nem que auctores complicados, que escrevem poemas nephelibatas, com uma terminologia cahotica, se devam filiar n'esta cathegoria. O successo d'esta litteratura não póde ser senão eventual e ephemero: não tem ante si futuro. Tem só, apenas, o brilho transitorio e fugaz de um aerolitho na noite, que, como uma virgula de fogo, pontúa rapidamente a treva...

Mas o genero subtil e prestigioso de que fallâmos, tirando o seu prestigio da mesma Natureza, jamais violada, infunde uma curiosidade tão intensa como ella, e terá um futuro tão dilatado como o seu. O mundo tangivel e visivel está estreitamente rodeado do mundo mysterioso e invisivel...

II

Que dis-tu de fantômes? . . . Regarde, répondit il, en étendant le doigt dans le crépuscule. Les voilá qui viennent!—

SMARRA.

EJAMOS, agora, como o auctor narra os seus proprios *avatares.*

O proemio do poema abre com a descripção do apartamento do Espirito da Carne, n'uma das suas existencias varias n'este planeta. O sol agonisa, no poente, com as suas afflicções derradeiras. É uma tarde de Agosto cheia de solemnidade. Pela janella entre-aberta, o moribundo enxerga ainda os ultimos raios de luz, e os ultimos ruidos de um rio claro que suspira. Em torno do leito, baixinho, o Espirito distingue ainda vozes amigas, soluços reprimidos, cicio de ais cortados. Fimbrias de vestidos longos e escuros se arrastam. A tarde esmorece, o espirito debate-se: e a visão, cada vez mais confusa e incoherente das fórmas, dilue-se. A morte, a final, acerca-se da borda do leito: o antigo scenario theatral do mundo esvae-se: e o Espirito liberto, mas bastante lacerado, abre as suas grandes azas espirituaes e brancas. E de todo parte. . . Parte para onde? . . . Para as regiões que os olhos da carne chamam o Vago, o Indistincto, o Inominado.

Segundo as obras dos modernos *Occultistas,* d'aquelles que têem procurado comprehender as affinidades mysteriosas, essas regiões a que os Espiritos se alam, quando recentemente *desencarnados*, são muito proximas ainda da Terra, se os appetites, os sonhos, os amores, os desejos, ainda o tentam... Tanto mais o Espirito vem purificado e contundido, tanto mais alto, mais longe vôa... Nos primeiros momentos, porém, da sua nova existencia, todo o Espirito se preoccupa ainda com a Terra, e paira nas cercanias d'ella. Deseja acercar-se dos rostos amigos que deixou: ouvir-lhes os seus commentarios, os seus doestos, as suas saudades... Uma attracção intima e mysteriosa, segundo os *Occultistas,* impelle irresistivelmente o Espirito áquelles logares que deixou, áquelles campos onde viveu, carpiu, ou amou... É admiravel a descripção que o poeta faz d'essas regiões innominadas, e da attracção que o leva a assistir — invisivel e immaterial — ao seu proprio enterramento. No meio das outras almas, a sua achou-se agradavelmente surprehendida, porque encontrou um espirito caricioso e flebil, que lhe diz palavras saudosas. É o espirito de sua Mãe, que trata de o iniciar nos segredos d'aquelles bosques sobrenaturaes, e cheios de silencios. O Espirito, porém, tem saudades dos olhos dolorosos da que foi a *bem amada,* da inolvidavel e tranzida mulher, que, hoje, arrasta roçagantes vestes de viuva. Supplica á Mãe que o deixe abeirar-se do planeta das lagrimas. A Mãe porém dissuade-o, docemente: e exora-lhe a que não mais se deixe tentar, nem prender nos fios do desejo dementado de um novo *avatar*. São dolentes as quadras que o poeta põe nos labios espirituaes d'essa alma alan-

ceada e desilludida. Eis, porém, que a meio do caminho surge a embargar-lhes os passos, o espectro da Dor: giganteo abutre de azas desconformes, de garra adunca e recurva, eterna devoradora de Raças, insaciado Vampiro dos corações, do sangue, e das lagrimas dos homens. É um espectro que irrequietamente vôa e paira, tem garras até nas azas, que de instante a instante lhe crescem. A descripção que o poeta faz d'essa caçadora sinistra de almas tem umas tintas escuras que entenebrecem. É tambem eloquente a narração que elle faz do anceio inconsciente das almas para, á porfia, reencarnarem. Os suicidas, cujo fim prematuro abreviou o tempo da prova na terra, á qual tinham sido destinadas, são os que se mostram mais ávidos de novas reencarnações, a fim de continuarem, novamente, a existencia quebrada. O Espirito, a este espectaculo que o perturba, interroga a Dor, e pergunta-lhe a explicação d'aquelle turbilhão de clamores. Interroga-a sobre as origens, sobre as suas antigas existencias, sobre o destino provavel de novos e temerosos *avatares*. A Dor satisfaz-lhe o desejo: e, como o Espirito pretende assistir ao enterro do que foi na terra o seu corpo, a Dor condul-o ao cemiterio, para que elle veja essa cerimonia ultima, e escute o tôrvo latim catholico. Este quadro tem uns esbatidos singulares á Zurbaran, e como que uma sentida realidade, meio melancholica e faceta, á maneira convulsionada de Goya. A Dor narra-lhe a sua ingerencia continua n'essa existencia extincta: e, então, ante o seu proprio cadaver, o espirito do poeta entrega-se a dolorosas contemplações. É bello o adeus que o Espirito lança áquelle que foi o seu involucro carnal, áquella argilla agora fria e inerte, onde o

seu *eu* sonhou, carpiu, devaneou e soffreu... mas, todavia, amou! O segundo canto é quasi consagrado a descrever as primeiras evoluções do seu ser, desde o inorganico passivo e inerte, immerso quasi todo ainda no mar morto da Inconsciencia, até ás primeiras auroras do Pensamento e da sensibilidade: desde a penha bronca e o minerio até á planta: da planta até á Aza: e da Aza até ao homem. São admiraveis todas essas visões das existencias atravessadas e obscuras, que a Dor evoca do vortice do tempo desapparecido. São magnificos os episodios da Rocha, da Palmeira, do Rouxinol: e, sobretudo, das sombras estranhas que confusamente perpassam, n'um crepusculo cinereo e indistincto, no qual o Espirito póde conhecer todas as fórmas bestiaes da animalidade. Os episodios do *Dromedario* e do *Gorilla* são magistraes, e conhecemos poucos trechos poeticos na litteratura da Europa, em que o sôpro potente da concepção original corra assim parelhas com a execução superior. São uns bellos trechos do livro. Não póde haver nada mais completo, no acabamento e na côr, do que o episodio das *Sombras estranhas*, que começa por estes versos:

Succede á luz da lua morna e branca
A negra sombra — O vento não se acalma.

Chove. Troveja. A onda a onda espanca.
E, a espaços, fende-se a amplidão dos céus,
Quando das nuvens a scentelha arranca.

Noite cruel d'angustias! Onde os teus
Brandos murmurios que te ouvi ha pouco?
Ó Terra, acaso te abandona Deus?...

Que blasphemias são essas, vento?... Rouco
É teu bramir nas gaveas e pavezes...
Mar furibundo que pareces louco!

Tu que és mais docil que um cordeiro, ás vezes,
Porque has de agora ameaçar o mundo,
Cheio de tanto fel, tantos revezes?!

Noite cruel d'angustias! No profundo
Vacuo de sombras que minh'alma envolve,
Sombras estranhas... vão passando ao fundo!

Uma... outra após... inda mais outra volve!...
E, á luz dos raios que no ar se cruzam,
Nasce esta... emquanto aquella se dissolve...

Infimas fórmas de animaes!... accusam
Cansaço grande nos seus lentos passos...
Porém de guia, ou de pastor escusam!

Vão indo... vão na minha frente... A espaços...
Ao som medonho do trovão pujante,
E das scentelhas aos sanguineos traços!

Param... arquejam!... Mas depois, avante,
Engolpham-se no mar da treva espesso...
Emquanto outras de mim surgem adiante!

. . . . . .

Então a voz, que por meu mal conheço,
Falla-me assim, pausadamente, agora,
Como, a cada palavra, dando preço:

— «N'aquellas fórmas, que alem vão em fóra,
Sentiste o meu imperio, a minha força!
Não vês? não vês? como já foste outr'ora:

Reptil... lobo... leão... timida corça...
Corcel de guerra... antilope... elephante...
Rafeiro magro que a viver se esforça...

Á fome... á chuva... ao frio penetrante?
. . . . . .

— «Cala-te, ó Dor! Ó Dor tôrva, refece!
No fundo d'esta treva palpitante

Submerge essa visão que me enlouquece!...

. . . . . .

A descripção do Dromedario, penosamente arrastando os seus pés doridos, no areal adusto, n'uma caravana de arabes, não tem, na poesia contemporanea europea, muitos trechos que o excedam, ou se assimilhem, já pela vehemencia da verdade, já pela originalidade do assumpto, já pelo sentimento delicado que lhe fórma o fundo. Leia-se, e medite-se todo o episodio, que começa por estes tercetos dantescos:

E dissolve-se a treva... A Dor, porém,
Não se calou; não quiz ouvir-me a prece.

— «Olha! — gritou-me — A claridade vem
Tranquilla, bella, matinal, rompendo.
Não tarda o sol no Oriente... alem...

Olhei: procuro ver — mas não entendo!
Vejo um deserto, um areal immenso,
Maior que o proprio espaço que estou vendo!

Parece um mar, um oceano extenso!
Vagas que são unicamente areia...
E brancas a lembrar nuvens de incenso!

N'esse arido deserto o Sol campeia
N'uma torrida ardencia desmedida;
Nenhuma planta ou flor ali se alteia...

Nem gota d'agua denuncia a vida!
É qual planeta espedaçado, extincto,
Materia inerte para ali caída!

Dos céus o manto, que o envolve, é tinto,
É listrado de sangue; e a rubra côr
Aqui... alem, no areal presinto.

— «Viste?... (De novo então interrogou a Dor)
Quanto soffreste ali! ó Alma errante!
Repara. Attende agora... Vê melhor! —

Lentamente lá vem... lá vem, distante,
A caravana d'arabes... lá vem...
A demandar as terras do Levante!

E a caravana um dromedario tem.
Que enorme carga de seu dorso pende!
Homens são tres, e fardos mais de cem!...

Pobre animal! A custo já distende,
Os musculos das pernas contrahidos...
Andou cem leguas já... mas não se rende!

Callida, a areia embota-lhe os sentidos!...
Mas elle vae cortando-a com seus pés,
E resignadamente... sem gemidos!

Agua bebeu apenas uma vez
No oásis distante!... E a fome que o devora
Menor que a sêde não será talvez!...

Morreu a noite, despontou a aurora.
E esse triste animal, extraordinario,
Lá vae... lá vae... pelo deserto fóra!

Vem a noite... Prosegue o seu fadario!
— Vês? (Perguntou-me a Dor, e então me brada:)
Já foste um dia aquelle dromedario!

Entre palmares — livre — na manada,
Bebias agua em limpidos regatos...
Respiravas a brisa perfumada

P'la flor do nenuphár, p'los rubros cactos!...
Mas uma vez perdeste a liberdade.
Foram caçar-te aos viridentes mattos!

Nostalgico ficaste na cidade!...
E nunca mais teu doce olhar sorriu!
E nunca mais tiveste mocidade!...

Avaro mercador te possuiu...
Elle que organisou a caravana,
Para a feira longinqua já partiu!

Lá segues... Vès?... Que provação insana!
Quando terminarás essa viagem?
Queima-te a sêde... e a sêde não se engana!

Sigo a teu lado. Em tremula miragem,
Em frente te desenho sombras... fontes...
De fresco oásis a mais ridente imagem...

Com sua tenda e verdejantes montes...
Com finas relvas sobre o prado em flor...
Dos palmeiraes os vastos horisontes!...

Arquejas... corres... moves-te melhor.
Que não tarda o descanso! Avante... avante!
Quasi a miragem vaes tocar... horror!

Eu desfiz-te a miragem n'esse instante!
E para ali te deixo, extenuado,
Sob os raios de um sol asfixiante!...

Voltas ao Céu o teu olhar maguado,
Que já não podes mais!... Morrer quizeras,
N'aquelle solo em chammas abrazado!

Mas eu é que não quero! Não soffrêras!
Sopro então o *simoun*. O mar d'areia
Rodopia no ar, ergue-se em espheras!

Porque um vento medonho o chicoteia...
E a pino as vagas, iracundas, vão
Cercar teu corpo onde o terror se ateia!

Não ouves como aos mudos Céus, em vão,
Os arabes supplicam piedade?...
Tremes, em pavorosa convulsão!...

Ès caido por terra. E na verdade
É inutil luctar!... são condemnados!
Ha de um tigre, em cruel voracidade,

Rasgar-te o corpo, em tiras, aos bocados!
Não vês?... Não vês?»—

Olhei:

—«Ó Dor insana!
Entre golphões de sangue, esphacellados,

Jazem meus restos... Jaz a caravana.
. . . . . .

Chegando emfim ao ultimo escalão ascendente da animalidade, a Dor narra ao Espirito como, fazendo-o emergir lentamente da inconsciencia, elle appareceu, finalmente, no planeta, em fórma humana, mas filho de uma raça inferior. Foi sob o involucro humilde e miseravel de um escravo negro que elle fez a primeira experiencia amarga das Lagrimas. Seu senhor era um senhor ferino e barbaro. Não contente em lhe lacerar a pelle, com um latego sibilante, um bello dia chacina-o sem misericordia. Os cantos dolentes, vagarosos, rythmicos, espaçados, como badaladas aziagas de um sino nocturno, dos escravos nas roças, têem uma grande intensidade de emoção plangente.

O rythmo acompanha perfeitamente a evocação da paizagem, e a intenção melancholica do motivo.

Como os negros trabalham contentes!
Já não tardam as sombras da noite.
Traz a noite murmurios dolentes...
Deixa em paz as correias do açoite!...
Como os negros trabalham contentes!

Mas o que dá, de certo modo, uma explicação logica e natural, á desigualdade apparente dos destinos e dos homens, provando-nos que ella é illusoria, mas que uma justiça superior latente vela para que todas as almas se nivelem e ascendam, cada vez mais, na sua perfeição espiritual, á medida que a materia evoluciona, é esta doutrina mysteriosa do *Occultismo* moderno, que tem por chefes Allan Kardec e Swedemborg: e por sectarios Fonvielle, Flammarion, o sabio Crookes, o doutor Richet, o grande astronomo allemão Zöllner, o physico inglez Lodge, o alienista Lombroso, e de Rémora. De accordo com esta doutrina, o poeta mostra que essa Justiça, sempre latente, e em tudo transcendente, castigou a crueldade do senhor tyranno, mas consolou as flagellações do escravo, em um novo *avatar*. E então, no quarto canto, em uma nova encarnação, a Dor narra ao Espirito que elle reappareceu de novo na terra, sob a fórma triumphante e luzente de um conquistador de povos, de um ceifador de sceptros, e que o seu antigo senhor, o seu ferino tyranno—que por sua vez reencarnou tambem—foi o seu truão.

Assim, muita vez, o antigo servo mandou azorragar mais tarde, o seu antigo senhor!... Esta doutrina engenhosa e subtil tem, innegavelmente, a vantagem

de explicar de uma fórma mais natural e comprehensivel, melhor do que outra qualquer philosophia, tudo que tem sido julgado até hoje iniquo e inexoravel. O poeta, que nos fez a historia de todas as suas existencias anteriores, conta-nos agora o seu mais ruidoso e movimentado *avatar*. Elle, que teve sons, côres, notas, esbatidos, cambiantes, e soluços, para nos contar a historia atormentada da Rocha secularmente agarrada ao solo: da Palmeira distante e amorosa do seu par: do Rouxinol no claustro da passiva monja, morto de fome e de saudades: do Dromedario, exhausto de sêde e lacerado pelas feras, no areal adusto: do negro servo sempre açoutado, e por fim assassinado: elle, que soube comprehender e traduzir, subtilissimamente, os ais das mesmas cousas inanimadas, e exclamar, como o poeta latino, *Sunt lacrymae rerum*, mostrando-nos, nas suas continuas encarnações, a ascensão gradual para um estado mais perfeito, chega áquelle trecho mais bello do poema, em que nos prova a mysteriosa justiça latente de todas as cousas, e de todos os seres. A dor da Rocha ha de ser ouvida, e ella será um dia planta, cheia de fructos, de flores, de cantos, de ninhos, e de aves — mas, ainda agarrada ao solo —, e as lagrimas da Palmeira serão escutadas e consoladas, e ella será um dia Aza!

O escravo será rei, o rei conquistador: — e o seu antigo tyranno será o seu servo, o seu bobo, o seu truão, o seu jogral! Assim, segundo esta doutrina, que faz caminhar de accordo a evolução espiritual com a da materia, o que não póde deixar de ser logico, tudo que é lama hoje, póde ámanhã ser um turbilhão de luz: tudo que é pantano, ser ámanhã uma claridade: todo o monstro, ser ámanhã um es-

pirito. Não ha desigualdes, nem inferioridades eternas, tanto na Natureza, como nas almas. Os continentes e as cidades, que hoje estão plenas de rumor de raças, de glorias, de bandeiras, ámanhã podem ser subvertidas no fundo dos oceanos. Do fundo dos oceanos irromperão continentes, que ámanhã —isto é, no ámanhã dos seculos— serão cidades mais magnificas que Babylonia, París, ou Jerichó. Se isto é hoje correntio, na ordem physica, porque o não deve ser n'uma ordem muito mais espiritual e alta—na lei da evolução dos Espiritos?... Não foi Fonvielle que disse: *o cão é um candidato a homem, como o homem é um candidato a Anjo?...* Anjo, aqui é de certo synonimo de espirito sidereo e purificado.

Todavia, por muito consoladora que esta philosophia nos pareça, ella não destroe a doutrina pessimista de Schopenhauer, nem de Eduardo Hartmann. *Ideal* é todo o estado de perfeição e de bello, entresonhado e desejado, mas ainda não realisado. Ora, como um novo ideal succede a cada ideal realisado, segue-se que o que se denomina Ideal é um espiritual *oásis,* sempre chimerico e fugaz, illimitado e inattingivel. Por outro lado, á proporção que a intellectualidade augmenta, e, com ella, a aspiração de um ideal mais perfeito, augmenta a Sensibilidade: e, portanto, a Dor e o Mal são eternos e insuperaveis. Do minerio á planta, da planta ao zoophito, do zoophito ao homem, vae crescendo progressivamente a sensibilidade: e, portanto, a Dor é um torvo monstro couraçado, que não trespassará jamais nenhuma humana balistica. Os quatro pontos dos seus negros Estados são os quatro pontos cardeaes do Universo: não tem portas, limites, barreiras, nem muralhas: as suas fron-

teiras luctuosas são desconhecidas e illimitadas como as do mysterioso Espaço. Os proprios espiritos sidéreos, que a linguagem humana chama anjos, genios, e deuses, padecem torturas grandiosas, segundo a indiana liturgia. O calix das suas lagrimas é maior do que todo um mundo: a sua epopéa tragica desenrola-se nos espaços inominados e interminos: as suas dores servem de redempção a gerações stellares: o seu Calvario é no rochedo bravio e selvatico de um sol, ou n'uma confusa e remota nebulosa. É a eterna, a negra, a perturbadora illusão da Felicidade, que faz correr após ella os homens, as raças, os mares, os planetas, as lagrimas. É a luctuosa, a tentadora, a nefasta *Illusão,* que faz manar em fio os prantos candentes do Amor: jorrar as lavas dos vulcões continuamente accesos e eternamente calcinados: tombarem no lodo as lagrimas e as estrellas: rolarem e estrondearem os soluços e os mares: galopar febrilmente, em cataractas de luz, o lampejante turbilhão dos soes doidos. Esta foi a primeira e será, finalmente, a derradeira Illusão de todas as passionaes, esparsas, e vãs humanidades[1]...

Mas, voltando ao poema, o poeta, n'este seu novo *avatar,* narra-nos como se encontrou feito Cesar e

[1] A religião dos Persas, uma das mais transcendentes, ensinava uma cosmogonia assás credora de estudo. Segundo ella, o Supremo Ser não creára os Universos: — mas emanára sómente de si os puros espiritos superiores. Fóra dos mundos, o Supremo Ser habitava uma região toda luz, aonde jamais poderia roçar a aza espessa da Treva. Os Universos, já affastados d'essa região sagrada, mundos aonde já a Sombra impera, é que foram creados por espiritos inferiores, *emanações affastadas* do Grande Ser, e que regem as almas com um sceptro, por vezes, tenebroso.

conquistador de povos. Sob esta fórma, elle vingou-se bem de todas as suas lagrimas vertidas: apascentou os seus povos com uma dura vara de ferro. Triturou, a fim de que lhe espremessem oiro, raças e corações, n'um purpureo lagar de sangue. Teve a vertigem das guerras, das infindaveis matanças, das espadas nuas.

Deu bastantes corpos aos pelourinhos: innumeros farrapos de carne aos milhafres. A descripção que o poeta nos faz de um combate no meio da noite, os corvos em largos cyclos, voejando sobre os cadaveres, a neve amortalhando o solo, e pondo tons esbatidos e alvadios no sangue, emquanto uma lua impassivel e baça, como o olho de um celeste cadaver, fita, ao *rataplan* distante dos tambores, a paizagem nocturna e uniforme, é de um effeito devéras tumular e cávo. Lembra-nos de em Milton ter encontrado, em um scenario crepuscular, paizagens funéreas similhantes. Não citâmos esse dantesco trecho, porque é longo, e não queremos, agora, furtar ao leitor a impressão estranha que o ha de conturbar. É todo elle maravilhoso e grandioso. Mas, no momento, porém, em que o Cesar volta triumphante aos seus Estados, a Consciencia faz-lhe ouvir, pelos descampados nocturnos, as vozes de todos esses cem mil espectros, que o vão seguindo na sua marcha, e invectivando-o, com ameaças bizarras... Elle porém chega, calmo na apparencia, aos seus reinos. Vem desejoso de se coroar de louros e verbenas, e das rosas não desfolhadas das festas. Tem sêde das orgias que duram noites e noites em fóra, e das mulheres de olhos magnificos, de braços serpentinos, e seios brancos como limões de neve. Depois da victoria afunda-se na devassidão, como o velho Tiberio em Caprea. Repudía

a boa rainha, suga o erario publico, faz encher de novo os cofres, com o oiro dos villões estripados, dos judeus entregues ao *Santo Officio,* dos seus barões no patibulo. Faz açoutar muitas vezes o seu truão, e por ultimo faz-lhe chacinar o filho, para injectar um pouco de sangue plebeu e masculino, no seu organismo dessorado e pobre. Morre cheio de remorsos, suando sangue, atormentado de nevroses, perseguido de espectros, torturado de insomnias. Assim morre lividamente o Cesar, com o seu ar de Macbeth, os olhos esparsos e errantes...

III

> Lui seul, en effet, parmi les êtres qui peuplent son globe, se passione por cet inconnu plein de mystères . . .
>
> *Origine et fin des mondes.*
>
> RICHARD.

O ULTIMO *avatar,* emfim, abre por uns dulcissimos e lyricos tercetos, que são dos mais plangentes do poema, e em que se trava um subtilissimo dialogo entre o poeta e o espirito de sua mãe. Esta mãe é a nostalgica monja do segundo canto, a quem o saudoso rouxinol, que mais tarde viria a ser seu filho, alegrava, com seus trinados claros, a solidão da cella. Todo este canto quinto, o qual se passa nos espaços stellares, é de uma pura e lamentosa melancholia de idyllio, uma plangente symphonia azul. Mas, n'este seu derradeiro *avatar,* a Dor diz-lhe sarcasticamente, que do ventre d'ella é que elle ha de encarnar, porque a sua nova encarnação ha de ser attribulada, angustiosa, e amaldiçoada. Ha de ser uma encarnação de lagrimas, de expiação, de maldição, de decadencia. Com carpidos e soluços tambem elle ha de pagar todos os gritos dos vencidos, todos os ais das violadas. Com a perda da sua masculinidade, elle ha de remir todas as suas noites abominaveis, com as lacteas nudezas appetecidas. A sua alma ha de vaguear foragída, por todas

as veredas sem luares: e ha de ser, com soluços estrangulados na garganta, que elle ha de contar todos os calhaus negros da rua da Amargura.

E assim se cumprirá. Por uma manhã de inverno brumosa e fria, uma velha megéra corcovada e vesga, á hora da primeira missa, irá engeitar a prole maldita, filha talvez de defezos amores, de coito damnado. A verdade do descriptivo d'esta manhã de inverno glacial, a nitidez do traço com que descreve a modesta igreja do sertanejo burgo, são firmes e salientes. Em geral, o poeta descreve sempre superiormente, quer seja os largos quadros de epopéa, como o do combate, quer seja os episodios triviaes, e os scenarios ruraes e agrestes, que são especialidade da bucolica. A sua palheta não é monotona de tons e de côres: e a sua mão, por traçar nervosamente o desenho e a linha, nem por isto estes são menos verdadeiros, ou menos impressionam.

Engeitado, pois, o desgraçado fructo de illicitos abraços, foi recolhido, creado, educado, entre doestos e bofetões, por uns acrobatas de feira. Seu pae adoptivo, um robusto hercules de fato de meia, fez-lhe amargar as auroras da vida com doestos, insultos, maus tratos, e deslocamentos. Vestido de lentejoulas, como um rei de phantasticas farças, elle foi muito em breve um heroe de tablados. De imperador, cercado de ricos barões feudaes, passou a ser um histrião luzente, acclamado por suster nos hombros um gigante phenomenal. Mas, em certo dia, a sua gloria desfez-se. Olhando o rosto de uma doce morena, pupilla de um reitor velho de aldeia, deixou caír dos hombros o gigantesco fardo. Rolaram ambos no pó rasteiro e trivial do circo. Mas a ira do colosso foi muito mais

desmarcada ainda que a sua avantajada estatura. Moído de contusões, brutalisado, ferido, estirado no catre de um hospital, pela crueldade do phenomeno de feira, é recolhido piedosamente pelo bom reitor de aldeia, no seu placido eremiterio. A scena dos amores infantis entre elle —o pequeno saltimbanco retirado— e a sobrinha do reitor, é deliciosamente tocada de tons suaves e pastoris. Assim se conheceram e amaram aquelles dois corações simples e virgens. Um certo dia, porém, o padre expira. A graciosa sobrinha do reitor regressa a casa de seu pae. Este, rico de cabedaes, generoso, deseja fazer continuar a educação incompleta do ex-saltimbanco. Mas. este, por um orgulho amoroso, por se pejar de vir a dever o seu futuro ao pae da bem amada, recusa. Quer dever agora a sua posição ao seu esforço proprio. Leccionando, e com muita parcimonia e siso, consegue custear os encargos da educação encetada. Por fim, todos os obstaculos vence, forma-se, e é nomeado engenheiro de uma mina de hulha. A descripção que o poeta faz da mina, e o canto dos mineiros soturno, lento, monotono, espacejado na sombra, e saído das entranhas funereas da mina, como um rythmo de *nocturno* de Chopin, é dos trechos mais magistraes do poema. Tem uma profundidade phantastica e cortante, como, n'uma abordagem nas trevas, á luz de um incendio que lavra n'um convez, as faiscas de um machado. As palavras que a Dor diz dos mineiros são frisantes e lacerantes. Rasgam fundo a consciencia; furam e estripam o egoismo; e collocam fóra do seu centro de gravidade todas as philosophias accommodaticias, tal e qual como um explosivo, n'uma derrocada, arremessa para longe portas, janellas, e espe-

lhos de um palacio. Ao lel-as, resente a alma o choque da realidade physica, como o contacto de uma faca uma entranha viva.

Tudo mais que se segue depois, no poema, é solemnemente, e ao mesmo tempo humanamente dramatico. Os amores com a formosa companheira de infancia tinham-se renovado. No convento, onde demorava a graciosa educanda, as calhandras matinaes, cujos cantos precedem os primeiros arreboes, presencearam scenas de um lyrismo aereo. Uma noite, porém, noite de amores revoltos e de sonhos leves, a Dor acorda-o: um sino toca a rebate, no ar pesado, badaladas luctuosas de pesadelo. Lavrou o incendio na mina. O grisú, devastador e exterminador, é o senhor absoluto e terrivel d'aquellas regiões de espanto e sombra. O protogonista do drama ergue-se, com os cabellos desmanchados, hiantes os labios, dementado o olhar, dos brancos lençoes que os desejos amarrotaram. Dissémos que havia lavrado o incendio na mina. Assim succedeu depois: no começo, porém, fôra apenas o desmoronamento de um arco de uma galeria subterranea. Um operario, que quiz reaccender uma lampada que se apagára nos escombros, imprudentemente deu causa a que o grisú se pozesse em contacto com a chamma. D'ahi a explosão terrivel, tremenda derrocada, que subverteu corpos inteiros, e mutilou o protoganista monstruosamente. Ficou horroroso, desforme, estropiado, repugnante—posta palpitante de hulha, cinza, carne, e sangue...A amante accorre ao local da hecatombe, com os olhos errantes, as mãos torcidas, os cabellos esparsos. Duzentos braços de mineiros cavaram o solo, cautamente e tragicamente, para desenterrarem o corpo. A scena

passa-se desmanchada e torva, ao tombar solemne da noite. A amante é mettida n'uma sege, e levada para longe d'aquelle scenario de cataclysmo, por estradas ermas, clareadas por uma lua baça.

O que se passou depois é indescriptivel: e o poeta, de certo, inspirado por uma tragica musa, vestida de negro, como se pinta a Meroé, no tenebroso *Smarra*, amontoa horror sobre horror. Conduzido a um hospital, os labios são-lhe cortados cerce, amputado o sexo, cortada uma perna e um braço, as arterias illaqueadas. Os seus dentes sem labios, quando riem, arremedam esgares de pesadelo. Faz mesclar, ao mesmo tempo, nos que o olham, a piedade nervosa, o assombro, e um mixto physico do asco. Lentamente assim elle se arrasta, pelas poentas estradas, lamentoso, miseravel, ululante, a alma estrellada de amor. Quem o comprehenderá, quem o amará, quem o consolará?... Quem, sobretudo, beijará agora mais aquella bôca hedionda?... Ninguem. Sómente os labios amoraveis da Valla!... Com a alma constellada de saudades, como de astros maguados, assim se arrasta miserandamente aquelle inconsolado viuvo de uma esperança. Atravessa as cidades, cruza os descampados, abriga-se nas furnas, como os lobos cervaes, dorme ao relento, nas azinhagas malditas. Por toda a parte o fogem: os semeadores trigueiros, as louras aldeãs, as velhas fiando a estriga de linho ao sol, debaixo dos seus beiraes. Os proprios animaes domesticos, tão familiares e ternos, evitam o seu contacto: as mulheres pejadas abortam. Que terror elle communica a tudo! Mas não é só terror, elle bem o conhece. É a hostilidade immerecida do escarneo, que tanto lhe ensanguente a consciencia, e lh'a torna aggressiva: é a

repugnancia instinctiva, embora apenas physica, do asco. Elle bem sabe que causa nojo, como um sapo, uma osga esmagada, um monturo, um farrapo. E o que é elle senão um sordido farrapo?... Farrapo de humana carne, farrapo de carne miseravel, carne palpitante, carne soluçante, mas onde, dentro, ha toda uma constellação, toda uma Via Lactea supplicante de beijos. Assim amaldiçoado elle passeia a sua Dor, repellido grosseiramente pelo vulgacho, apupado pelo povoléu, escarnecido pelas mulheres e as creanças. Ladram-lhe, ás pernas, os cães, que dormitavam ao sol. Elle, porém, com as palpebras descidas, resignado e manso, atravessa passivamente as multidões, como um homem que arrasta um luto grandioso e eterno. Um dia, porém, o seu sonho torna a bater-lhe á porta do coração que elle julgava enterrado. Acorda-o e diz-lhe: —Ella vive! Não é morta! Não é morta!

O seu coração julgou que lhe saltava do peito, cheio de jubilo. O jubilo, porém, durou pouco. Estava casada com um maioral do mundo, um principe da terra. Quiz vel-a e viu-a. Tanto o que acabâmos de narrar como a entrevista do mutilado no palacio, com a antiga amante, está escripta com essa força de colorido, de vida, de sensibilidade suggestiva, que tornam immorredouros os grandes poemas. Surpresa, cheia de assombro, de terror, de repugnancia, de remorso quiçá, na primeira entrevista, ella não sabe o que ha de resolver, nem deliberar. Mas, na segunda entrevista, aquelle idolo incensado com a myrrha, o sandalo, e o nardo, de uma tão alta devoção espiritual, para o afastar, resolve offerecer-lhe dinheiro. A explosão do mutilado irrompe n'uma phrase brutal e plebea de congestionado... Mas a porta abre-se: e

o principe, que tudo ouvira, com uma pistola varejalhe o cerebro, e prostra-o a seus pés no tapete emfim, exanime, regelado, hirto: mas resgatado, consolado, e purificado!... E assim termina este dramatico e estranho *avatar*, o ultimo do livro, mas de todos o mais bello, o mais humano, o mais luctuoso.

O ultimo canto do poema transporta-nos novamente aos espaços interminos e aerios, aonde a Dor, de novo, o vem tentar com outra mais bella, mystica, e alta encarnação. Evoca diante d'elle novas visões de felicidade, novas torres eburneas do Ideal, que ao poeta, porém, se afiguram batidas de ventanias, as muralhas desmanteladas, cercadas de lagunas estagnadas e amarellentas... O Espirito sente-se ainda muito alanceado: volve em torno os olhos frios, plenos ainda de lagrimas, esparsos, sem desejos, e não se decide... A Dor condul-o então ao planeta Venus, a que anda ligada uma lenda de amor, e de palpitações de peitos nevados. A Chimera, langorosa e enigmatica, surge, e espalha em torno do planeta, para o fascinar e vencer, o magnetico e mysterioso luar dos seus perigosos olhos verdes. Mas, através d'esse luar esmeraldino, e côr da fallaz Esperança, o Espirito continúa a enxergar torres desmanteladas, lagunas estagnadas e amarellentas, ruinas sem astros, que bate a lufada fria... E o poema termina n'esta indecisão atormentada e nevoenta.

É, de certo, como vêem pela descripção do plano, a variedade dos episodios, a largueza dos motivos, um dos mais originaes e poderosos poemas que se tem escripto em lingua portugueza. Se elle fosse assignado por Victor Hugo, ou algum d'esses celebres de nomes estrepitosos, elle seria proclamado immedia-

tamente phenomenal e unico. Esta idéa inicial de um espirito, descrevendo na terra os seus proprios *avataresy* é de certo não vulgar, e foi assás bem posta em execução. A fórma corresponde ao fundo: e a verdade é tão portentosa e prestigiosa como a ficção. Não sabemos o successo que elle terá em Portugal, paiz escassamente litterario, mas o que podemos assegurar ao seu auctor é que concebeu e produziu um poema, que é ao mesmo tempo estranho, sentimental, verdadeiro, e prestigioso.

GOMES LEAL.

PROEMIO

PROEMIO

Ha depois d'esta vida uma outra vida
Não se reduz a nada um grão de areia;
E havia da nossa alma, a nossa idéa
Nas ruinas do pó ficar perdida?!

JOÃO DE DEUS.

EMBRO-ME...

a circumdar o leito d'agonia,
Onde, amarrado á Dor, meu corpo se torcia
Eram todos ali—doces affectos caros!...
Respiro a custo já! Nos intervallos raros
Em que a luz reverbera em meu olhar sombrio
Inda tenho a noção d'esse formoso rio,
Que, entre murmurios, vae beijando, alem, a praia..
Atravez a janella enxergo que desmaia
No roxeado horisonte essa tarde d'agosto...
Ouço palavras, ais reprimidos, desgosto,
Uma dor sem consolo em cada fronte leio...
Se me lembro! Encostaste ao meu arfante seio

A lacrimosa fronte, ó santa companheira!
E, em teus braços leaes, na tarde derradeira,
Cingiste-me convulsa, attribulada, em pranto
Rasgando o coração!
A noite desce... Emtanto
A Deus supplica um padre, em seu latim funéreo,
Perdão ao peccador. Hora de ancia e mysterio!
E asperge-me, rezando em voz cava, soturna,
O *De profundis!*...
Treva, a quietação nocturna!
Que tetrico silêncio!... Immerso no Inconsciente,
Semi-quebrado já da vida o fio, sente
Ancia infinita de ar meu arquejante peito...
Quanto tempo luctei? Quantas horas no leito
Se revolveu febril meu corpo moribundo?...
Que senti, o que vi, que noção d'esse mundo
Meu ser, ao desprender-se, apprehendeu ainda?
Nada sei!... nem sequer se a madrugada linda
Vinha acaso arraiando em nuvens de perfumes...
Ou se a noite accendia os seus milhões de lumes,
Ou se a tarde immergia o rubro sol nas aguas...
Nada sei!... nem contar as cruciantes maguas
Dos que em volta de mim, n'um soluçar convulso,
Mal distinguiam já as vibrações do pulso.
Nada sei!...
Mas de chofre... ah! como tudo vi...
Quando a *Morte* chegou, então é que...

EU PARTI!

CANTO PRIMEIRO

CANTO PRIMEIRO

. . . . . .

Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se a ha na natureza

ANTHERO DO QUENTAL.

. . . . . .

LUZ! Ó luz eterna! Ó luz que não tens sombras!
Ó luz que não darás fórma e relevo ás cousas!
Ó luz que nunca foste avelludar as rosas!
Ó luz clara, subtil, que sem queimar... assombras!

Da mortal solidão nas cyprestaes alfombras,
Triste, não caes, em floco, aureolando as lousas...
Não incides no olhar das mysticas esposas...
Nem através do nimbo a madrugada ensombras!

Não!... Nunca illuminaste os olhos das creanças
Para manchar-te apoz em olhos desleaes!
Nunca te reflectiste em ponteagudas lanças!...

Não accendes o dia em ninhos e pombaes...
Mas nunca foste a luz das loucas esperanças
Ai! não!. . porque és a luz das almas sideraes!

A Immensidade!... É isto a Immensidade?
O Infinito, que eu não comprehendêra,
Quando na Terra o meu olhar perdêra
Sonhando vagamente... a Eternidade!
Claro reino da paz...
... Mas o que escuto?
Que supplicas são estas lancinantes?
Que perpassar, convulso, de ais sentidos?
Aqui, alem?
Então a Dor, a Magua, o Pranto, o Luto
Tambem aqui soltando os seus gemidos?
Tambem hão de cruciar-me como d'antes,
Aqui, tambem?!

—«Oh! não! Oh! não! (Volta-me clara, limpida,
Uma voz cariciosa, que em meu ser
Um alvoroço estranho lhe produz...)
—«Aqui não soffrerás. Ha muito espero-te!
Nunca deixei na terra de te ver,
De minorar o peso á tua cruz.

—«Mas quem és tu, que ao meu turbado espirito
Vieste fallar de protecção, de abrigo?

Quem és, oh voz tão commovida e tremula?
Alma de amigo?
Alma de quem?

—«Pois não conheces tu a alma de tua Mãe?!

—«Graças! graças! meu Deus! Oh minha Mãe querida,
Quantas maguas penei quando deixaste a vida!...
Quanto soffri na Terra immerso na orphandade!
Ah! nunca te olvidei! Na densa escuridade
Do meu viver, lançava os olhos ao passado
E recordando, então, o somno perfumado,
Que em teu seio dormi, quando era pequenino,
Tua voz, teu conselho, o bafo crystallino
D'essas caricias mil... as unicas na Terra,
Que só peito de mãe todo blandicia encerra,
Quantas vezes clamei entre sentidos ais:
—É possivel, meu Deus, que não a encontre mais?!

Alma gentil partiste! e quando te partiste,
—Hastil que o vento quebra—ah! como fiquei triste!
Recordas-te?... Era noite e a abobada dos céus
Cheia de estrellas toda! Era um louvor a Deus!
Languida noite aquella, immensamente calma!
E no emtanto que dor me torturava a alma!
Com que afflicção beijei a tua fronte inerte!
Cresci e li, estudei; o medo de não ver-te
Alguma vez ainda, a duvida medonha

Estillou no meu peito a mais lethal peçonha...
E apoz ti, quantos mais, por esse espaço em fóra,
Me levaram da crença a rutilante aurora!...
Estudei; mas que serve a vã sciencia humana?
—Desencontrado mar onde a vaidade insana
Se ergueu para ruir desfeita em pó... depois
Quem penetrou jamais nas amplidões dos soes,
E poude resolver a incognita tremenda
Que se rasga, alem campa, em mysteriosa senda?
Quem?... mas que sabio foi que no fragor da lucta
Alto, poude bradar ao mundo hostil—escuta,
Que eu vou dizer-te a lei que o teu destino aponta?!

Não é nos livros, não! que o espirito dá conta
Do seu futuro... Oh Mãe que me formaste a alma!
Tu só é que infiltraste, em perfumada calma,
Essa crença no *alem,* que me amparou na vida!
Mas quanta vez, mas quanta, oh minha Mãe querida,
Hesitante inquiri a célica piedade!

Ha tanto horror no mundo, ha tanta crueldade!
Inda te lembras tu das lagrimas choradas?...
Creancinhas sem pão, de faces maceradas,
Perdido o viço, a côr, a mocidade, o riso!...
Quem foi que lhes velou sem dó o paraizo
E as atirou á lama infame d'esse mundo?...
Que expiação é essa? e qual o crime? Ao fundo
Do quadro da existencia ha legiões informes

De párias, que, a soffrer constantemente, enormes,
Uivam gritos de dor e maldições blasphemas!
N'esse mundo feroz que de crueis dilemas!

Explica-m'os, emfim, candido Espirito
Que livre pairas n'esta luz eterna!...
Já que na Terra o Ser me concedeste
E, em mil carinhos de uma estima terna,
Amparal-o quizeste na canceira...
Hoje que d'elle voei, e que a teu lado
A mão de Deus me conduziu... oh Mãe
Sede meu guia... a minha companheira!...

Deixa-me que eu contemple inda uma vez a Terra!
Que eu veja, uma só vez, os entes que adorei!
Ah! se eu podera lêr a lapide que encerra
O involucro senil que lá abandonei!...

Dá-me que de manhã, ao bruxolear da aurora,
Quando a flor mais rescende e a ave mais gorgeia,
Possa eu, manso, descer pelos espaços fóra,
E uma só vez olhar minha ridente aldeia!

Ou seja pela tarde, á rubra luz do poente,
Ou quando a lua surge immensamente calma
Que eu vá, devagarinho, ouvir a prece ardente...
Que das almas dos meus se eleve por minh'alma!

Permitte que uma vez eu possa ver ainda
Aquella que deixei nos crepes da viuvez...
Segredar-lhe que é bella a Immensidade infinda...
E que havemos ainda olhar-nos outra vez!...»—

—«Filho, que saudades pungitivas
Do mundo que deixaste!
Que lembranças crueis, penosas, vivas,
D'aquelles que adoraste!
Mas se elles te merecem penas taes
Porque muito te amaram,
Não t'as merece o mundo, onde só ais
Os labios teus soltaram!

Não t'as merece o mundo, aquelle mundo
Onde, mercê do meu amor, nasceste...
Logar de expiação, atro, profundo!

É grão de areia na amplidão celeste.
Mas a cupula azul, ridente e bella,
Que a luz do sol ou do luar reveste,

Dá-lhe a fórma gentil de linda estrella,
Dá-lhe um aspecto de mansão de calmas...
(Fallaz estancia de ventura aquella!)

E então ali vão incarnar as almas!

—«Mas —dize— porque existe o Soffrimento?
Porque somos á Dor acorrentados?

—«... Para expiar os crimes, os peccados...

—«De que temos, ou não, conhecimento?

—«... N'uma outra existencia praticados!

—«E quando a expiação, no mundo, é finda?

—Ascenderás á immensidade linda...

—«Onde não chega a Dor, o Soffrimento?...

— «Onde em ancias aguardas o momento
De encontrar os que amaste sobre a Terra...
Alma purificada a Deus exoras
Por quantas almas o planeta encerra!

—«Vivi então á luz d'outras auroras?...
Vivi antes de ver a luz no espaço
N'outras incarnações?...

—«Viveste, sim! Vens desatando o laço
Que tanta vez a alma te amarrou.
Que tanta vez te arqueou o peito lasso!
Que tanta vez por esse azul te alçou!...

—«Como eu quizera ver, na fria immob'lidade,
A carcassa senil, que ha pouco abandonei...
Quizera acompanhal-a á *Terra da Verdade;*
Depois volver aqui... voar como voei!...»—

—«Pois vamos... vem! Mas toma conta, a Dor
Espreita anciosa as almas que perpassam...
Sob a sua aza da mais negra côr
Milhões e milhões d'ellas esvoaçam!...

E não te illudas, não! Sendo á noitinha
E as auras suspirarem mansamente...
E cantar namorada uma avezinha...
Ah! não incarnes... não! que tudo mente!

Se acaso entre dois noivos te encontrares,
Nunca escutes do Amor a jura ardente,
Embora honesta que embalsame os ares...
Ah! não incarnes... não! que tudo mente!

Se entre o choupal, sobre a relvosa alfombra,
Alguem preste a ser mãe chorar dolente,
Da amena tarde pela fresca sombra...
Ah! não incarnes... não! que tudo mente!

Se entre arminhos ducaes, em regio leito,
Alguem se revolver, anciosamente,

Por collocar um successor ao peito...
Ah! não incarnes... não! que tudo mente!

Se raiar a manhã, branca e rosada,
Sobre o mar calmo, sobre o mar dormente...
Olha que mente a luz da Madrugada!
Ah! não incarnes... não! que tudo mente!»—

E devagar, assim, como ligeira brisa,
Na immensidade azul o Espirito deslisa...
Enleia-nos a luz... uma luz morna, suave...
E qual se illuminasse a religiosa nave
Ella do espectro tem as lindas sete cores...
Reino de encantos mil! Patria de ideaes amores!
Aqui não chega a voz do tenebroso Egoismo,
O tremendo ulular que parte d'esse abysmo
Onde a Vida brotou sobre o que a Morte empolga.
Aqui não passam ais; tudo descanta e folga,
Tudo abençôa Deus! Tudo á porfia o adora!
Ha perfumes subtis por esse espaço em fóra!
São almas de jasmins, de lyrios e de rosas,
Que deixaram no pó as petalas mimosas!
Ha languidas canções... Ouvem-se flébeis hymnos...
São almas infantis, almas de pequeninos
Que voaram do mundo em convulsões suaves!
São canticos das Mães! São as almas das aves!...

. . . . . .

Ergue-se, em nossa frente, estranha sombra!
Foge o perfume... O canto esmoreceu...
E a muda vastidão do negro céu
Causa pavor... assombra!

Mas d'essa estranha sombra partem brados
Gritos, blasphemias, ais ...
É porventura a voz dos comdemnados
Em potros infernaes?!

—«Onde é que estamos nós? Ó Mãe eu tenho medo!
Não me abandones, não?
(Responde-me, em segredo,
O Espirito immortal da minha santa Mãe:)

—«Filho, vê bem:
Aquelle—o mundo que deixaste,
Onde gemeste, onde choraste!
Aquella sombra, sombra densa
Que todo o envolve,
E a Dor, é a Dor immensa
Que nada apaga, nem dissolve!...
Filho, vê bem:
Foge-lhe ás garras; ella espreita...
Almas incautas ella deita

Sobre a Terra que o sol abraza!
Filho, vê bem:
Ella tem garras té na aza!
—Quem t'o diz é a tua Mãe!»—

. . . . . .

Abutre colossal! As garras aos milhões
Crescem d'instante a instante!... Em quantos corações
Que palpitam na terra ellas se cravam fundo!
Ou verme, ou planta ou flor, tudo que n'esse mundo
Se abre, sorrindo, á luz, que o vasto céu inunda,
Sente-lhe a garra curva, a garra que profunda
E rasga lentamente, e voluptuosamente...
Não ha fugir-lhe... não! Tudo que vive sente!
Abutre colossal! Em furia doida, brava,
A nutrir-se de sangue elle vomita lava,
Que sobre a Terra alastra em sulcos flammejantes...

Irriquieto vôa e paira... Em dois instantes
Toma mil posições; nunca descansa... nunca!
Poisa agora n'um polo aquella garra adunca,
Logo escarva no outro os corações dorídos...
Ave sinistra!—é vel-a acocorada; ouvidos
Attentos onde o riso, ainda o mais ligeiro
Á flor d'um labio surja! Eil-a voa... e primeiro
Que esse riso se extinga as lagrimas brotaram!
Ave cruel!—é vel-a: as azas empanaram

O resplendor do sol que sobre a terra cáe...
Cada mancha que tem é synthese de um ai,
E cada oscilação a sombra do colosso!...

Tem mil sentidos; desce á profundez de um fosso
E quebra pelo hastil a flor que ali vegeta...
Perpassa sobre o mar, e voa como setta,
E, simultaneamente, ás ondas destemidas,
Arroja sem piedade alguns milhões de vidas,
Emquanto, sobre o plaino, as hostes confundindo
Na sangrenta batalha, as almas vae extrahindo
Dos corpos, que no solo esphacellados cáem...
Se ella na mina entrou quantos cadaveres sáem!
Se passa pelo albergue, onde a virtude mora,
Lá dentro ha desespero, alguem soluça, chora,
Convulsamente, as mãos erguendo aos mudos Céus...
E ella —a exterminadora!— ella... ri-se de Deus!

E segue e vôa... Abrange as villas, as cidades,
O campo, o vasto mar, largas immensidades
Onde buscam viver as aves innocentes!
E sempre e sem cessar, das garras inclementes
Pendem-lhe os corações, tristes, despedaçados,
Gottejantes de sangue, exanimes, chagados,
Os regios corações e os corações plebeus...
E nada lhe escapou... nem as aves nos céus,
Nem as flores na terra, ou os peixes no mar!
. . . . . .

Mas sob a sua aza (oh! como hei de narrar
O caso estranho!) em grita horrenda, desconforme,
As almas, aos milhões, em turbilhão enorme
Agitam-se febris, as almas vis, grosseiras,
Que tiveram na Terra incarnações primeiras,
Que *partiram* em ancia indefinivel, louca...
E clamam, n'uma voz angustiada, rouca.
Pedem do mundo a luz, querem reincarnar,
Querem volver á Terra!...Uma, o thesouro achar,
O thesouro legado á hora do trespasse...
Outra lembra, saudosa, a apetecida face
Onde soaram, aos mil, os mais lascivos beijos!
Esta aguarda, offegante, em cupidos desejos,
O momento propicio á mais cruel vingança!
Rasteja á flor da Terra, e revôa, e não cansa,
E quer —a todo o transe— aquella, a do suicida
Que violenta partiu, recomeçar a vida!...
Ai! que medonha turba!
Ali não ha logar
Ao mais pobre, ao mais rico!... Ali hei-de encontrar
Qualquer alma de rei cruzando a do bandido...
Dama que chora ainda as sedas d'um vestido,
Ou misera mulher, que nem mortalha teve!...
. . . . . .

E a Dor e a Dor cruel, a cada instante, leve,
Nas garras suspendeu algumas almas d'estas,

E arroja-as sobre o mundo... Ellas partiram lestas,
Lestas a procurar uma reincarnação...
Serão filhas de rei ou de mendigo... são
Almas impuras inda... Hão de purificar-se!
Deixal-as n'esse mar da grande Dor banhar-se!
Deixal-as depurar n'esse crysol profundo,
De chofre mergulhar pela voragem-mundo!...

Vejo-as surgir á luz... Algumas já vagiam...

Porque na Terra, então, as gravidas pariam!

*

E eu disse á Dor:
—«Não quero o abrigo d'essas azas!...
Não lances sobre mim a flamma em que te abrazas,
Não voltes contra mim a tua garra adunca!
Nunca eu te conhecêra ó Impiedosa!... Ai! nunca
Eu te houvera sentido esse halito lethal!
Deixa que eu passe e veja o involucro mortal,
Que me lançaste ao pó entre afflicções tão grandes!

A DOR

Mas se da Terra vens; mas se entre a luz te expandes,
Volve á luz! Volve á luz!... Vae-te de ao pé de mim!

EU

Mas quero interrogar-te... Ouvir-te agora, emfim!
Depois que me impelliste á cova humida e fria.
Descobre-me, na Terra, essa lousa sombria
Onde entre larvas mil o corpo me apodrece...
E já que dos mortaes a historia não te esquece,
Já que os persegues, sempre, á baça luz do mundo,
Eu! que tanto vivi no báratro profundo,
Eu! que tive, talvez, um cento de existencias,
Cem vezes me entreguei ás tuas inclemencias,
Cem vezes me rasgaste o coração... pois bem:
Conta-me a historia, emfim, das existencias cem!
Mostra-me o ser envolto em fórmas cem diversas;
D'essas incarnações molleculas dispersas
Junta-as, e da-lhes vida, e de tal modo que eu
As possa contemplar d'aqui... d'este amplo céu!

A DOR

E reincarnas depois?... E das-me em troca o peito,
O coração leal em lagrimas desfeito?...
Deixas que d'um só hausto eu sugue a paz, o amor
Que n'elle exista?

EU

Não!... Eu perdoar-te-hei oh Dor!

A DOR

Pois incarnas de certo! Olha que o mundo é lindo!
Nasces pela manhã, quando no espaço infindo

Gorgeiam rouxinoes e, á luz do sol, as flores
Rescendem pelo Azul os matinaes olores!
Nasces pela manhã: és filho d'um pastor,
Serás um simples...

EU

Não!... Eu perdoar-te-hei oh Dor!

A DOR

Pois incarnas de certo! A Vida tem encantos!
Eu poupo alguns mortaes. Ha tantos f'lizes... tantos!
Nasces, pela tardinha, á luz do luar saudoso...
Quando as auras subtis fallam d'amor, de goso...
Nasces filho de um rei, alto e grande senhor...
... E tens um throno...

EU

Não!... Eu perdoar-te-hei oh Dor!

A DOR

Vem, Alma errante... sim! Conhecerás a historia
De teu ser através a Eternidade... E a gloria
Não deixará, por fim, de seduzir-te... Vem!

. . . . . .

(Não vás! — clama, chorando, a alma de minha Mãe!)

. . . . . .

Mas como a flor, que o vento, em rapidez, dobrando,
O perfume subtil no espaço vae espalhando,

Aquella voz se perde, e como a flor se esfolha...
Quero retroceder... mas a Dor brada-me:
Olha!

. . . . . .

Funereo cortejo pobre
Pelas ruas da cidade
Lá vae... lá vae...
Dos sinos não ouço um dobre!
Muito aborrecido o abbade
Não lhe ouço um ai!
Funerio cortejo pobre
Pelas ruas da cidade
Lá vae...
Lá vae!...

Funereo cortejo segue
Caminho do cemiterio
Lá vae... lá vae...
O caixão não se despregue,
E não cáia, que isso é serio!
Olhae!
Lá vae... Lá vae...

Funereo cortejo passa
P'la viella tortuosa.
Lá vae... lá vae...

Por ali mora a desgraça;
Mas vêde, diz: triste cousa
É um enterro que sáe!
Lá vae...
Lá vae!...

Cheguei emfim do cemiterio á porta!
Mas inda aqui a minha vez espero...
Aqui... na paz d'esta mansão, que é *morta.*
Um riquissimo coche ali estaciona
E convivas, aos centos, alinhados,
Com seus passos cadentes e pausados,
Seguem de perto o funebre ataúde...

Eu segui-o tambem. Té que ao jazigo
O conduziram lentamente, eu pude
Examinar esse acto velho, antigo,
O derradeiro da comedia—Vida...
Os *tristes* tinham todos risos dentro...
Embriagava-os a pueril vaidade!
Altivos, entre-olhavam-se, soberbos,
Quando as borlas tomavam do caixão...
Nem de tantos, um só, da Realidade
Tinha completa a funebre noção!

Era ministro e par o que *morrera*...

Agrupam-se em redor do esquife, e qual
Mais procura ser visto e ser notado.

Logar primeiro cada um quizera!
Um d'elles falla:—antes, porém, que falle
Eu sei o que elle vae dizer: eu leio
O que não tem no intimo do seio,
O que imprimiu á cunha na memoria...

Chama ao defuncto um varão claro e justo.
E embora o coração lhe diga —mentes—
Ascende no elogio e mais, e a custo,
E mais se esfalfa com seus tropos quentes!

E os outros corações nutrem invejas!
E calculam o preço do epicédio!

. . . . . .
. . . . . .

Enganalados todos, reluzentes,
Envoltos pelas fardas constelladas,
Ou nas casacas pretas bem talhadas,
Eil-os que, a debandar, todos ridentes,
Ridentes como o azul que vae no céu,
Vão fallando em politica, em mulheres,
Em testamento, heranças, bens, haveres,
Nas varias cousas d'essa Vida varia...

. . . . . .

Ai! do *morto*... Lá está, e lá esqueceu!
Na pedra funeraria!

Entretanto á beira da cova
O meu Corpo chegou.
O meu Corpo, a Materia, o Involucro carnal!
Está ali á beira da cova
Já o padre rezou...
Rezas do ritual.

Espera coveiro! vil coveiro!
Não m'enterres o Corpo, o Involucro carnal!
Deixa-m'o ver primeiro!
Deixa-m'o ver primeiro!
Antes que atires ao rosto os bofetões de cal!

. . . . . .

Eil-o!
Como elle está desfigurado!
O mal,
Que lentamente assim o consumiu é obra
Das tuas garras—Dor!
Enleaste-o, cruel, em teus anneis de cobra,
Até que lhe tornaste esverdinhada a côr!

Como elle, agora, está desfigurado!...
... Ali,
Sonhei, pensei, amei, ambicionei... vivi!
Ali, n'aquelle peito, o coração pulsou-me!
E dentro d'esse craneo a Idéa arrebatou-me

Á vastidão dos céus onde a Chimera existe,
Dez mil vezes alegre, e cem mil vezes triste!...

Impiedosa! responde: então porque motivo,
Não te bastou minh'alma, ali, emquanto vivo?...
Não te fartaram, não! as illusões perdidas,
Desanimos crueis, esp'ranças fementidas,
Luctas, ancias mortaes, enganos, ambições,
As sedes de justiça, as vis ingratidões...
Todo o cortejo mau das tuas garras negras?
Nada te saciou—ave, que não te alegras!
E foi mister ainda... ai! n'um supplicio lento,
Entregar esse corpo ao teu feroz tormento?

A DOR

Eras inda bem novo —Esse passado evóca! —
Quando de tua Mãe cerrei de vez a bôca
E rasguei e torci essa tua alma afflicta...

EU

Pela primeira vez eu te chamei—maldicta!

A DOR

Mal fechada essa chaga, entre ideaes frementes,
Lançaste a phantasia aos plainos transcendentes...
Mas eu que tudo vejo, e logo... e logo firo,
Fui-te sugando o sangue, assim como um Vampiro...
Que vezes te dobrei sobre o lameiro a fronte!
E quantas te cerrei em brumas o horisonte!...

EU

Quantas vezes, ó Dor, desafiei-te... Louco!

A DOR

Ambicionaste a Gloria. Então, a pouco e pouco,
Dourei-te em branco e azul essa Medusa fatua.
Mãos estendidas vi-te em prantos, ante a Estatua.
E, a correr, e a correr, d'essa visão em poz!...
Quantas vezes te ouvi as supplicas da voz
Logo que a Torre eburnea ía aluindo em frente...

EU

Se me lembro! Soffri!... Soffri!... Dor inclemente!

A DOR

E quizeste ser rico. Entre paredes de ouro
Alcei junto de ti um colossal thesouro.
Paralysei-te d'alma as espontaneas vozes;
Tornei-te rude, mau; dos animaes ferozes
Dei-te o instincto grosseiro, insidioso, vil!
E gritei-te: depressa! esses dobrões aos mil
Hão de ser teus! Trabalha e sua sangue e pranto!
Depois, ria-me tanto!... oh malfadado... tanto!
Se te via, acurvada a escandecida fronte
Cem metros sob o chão, nas entranhas d'um monte,
Ou nos plainos arando a terra dura; o suor
Alagando-te o rosto afogueado; e peor:
O coração nervoso, a estremecer, quebrando!...

Pela vigilia longa o teu olhar cegando;
Insomnias, privações, um fatigante estudo,
Sustos, anceios mil, mil desalentos... tudo
Por causa do Metal... outra Chimera apenas!
Adeus paz da consciencia! Adeus noites serenas!
O silencio no Lar, alegria, saude,
Força, viço, frescor, o riso, a juventude...
Tudo te fiz perder, em menos de vinte annos!

EU

A synthese ali está de tantos desenganos!...

A DOR

Alquebrado, já velho, eu vi-te olhar em torno
Como quem busca um leito aconchegado, morno,
Onde pousar a fronte extenuada... e então
Por teus olhos passei toda a infernal visão
Do mundo cheio de ais, cheio de espectros, cheio
Dos espinhos crueis que enterraste no seio!
E quando te encontrei indifferente a tudo,
Gelada a phantasia, o coração já mudo,
Os teus orgãos lacero, e rasgo, e firo, e parto!
Trucido-te sem dó!... Nunca, porém, me farto.
Bebo-te o sangue assim, canibalescamente,
Mas quanto mais o bebo, a sede é mais vehemente!
Não me sacia, não! da humanidade o sangue...

EU

A victima fugiu-te!—Eil-a por terra exangue!

A DOR

Enganas-te!—Não vês como por sobre o rosto
Os vermes andam já? Não tarda que ao sol posto
A lucta pela vida accenda-se medonha.
E eu, entre elles, irei lançar minha peçonha...
Então não sabes tu que em todo o Cosmos mando?

EU

E aonde foi, ó Dor que mais soffri? e quando?
N'outras incarnações magoaste-me inda mais?...

A DOR

Cumpro a minha promessa. Á historia de teus ais
Eu darei vulto e fórma!

EU, *olhando tristemente o meu corpo*

Adeus cadaver frio!
Fica-te ahi na terra—tua irmã!
Dá vida á rosa que nascer no estio;
E abençôa os orvalhos da manhã!

Adeus prisão mesquinha, estreita cella,
Que tantas vezes me empanaste a luz!
Que entre os horrores da lethal procella
Vergaste ao chão com tua ferrea cruz!

Adeus ruina que eu amei vaidoso,
Nos idos tempos dos ideaes amores!

Dorme, repousa n'esse chão piedoso!
Dá carne aos vermes, dá carmim ás flores!

E tu coveiro, que és irmão da Morte,
Ageita-o bem dentro da terra fria!
Mortal terás tambem a mesma sorte.
Quem sabe se hoje, ainda, se outro dia!...

Ageita-o bem, e, carinhosamente...
Planta na cova lyrios côr do céu.
E trata d'essas flores...

... Como a gente
Ama aquelle logar onde soffreu!

CANTO SEGUNDO

CANTO SEGUNDO

. . . . . .

Como que n'um dubio lusco-fusco abstracto
De ter sido tigre lembra-se inda o gato?...
De ter sido hiena lembra-se inda o cão?...

Os Simples. GUERRA JUNQUEIRO.

A ROCHA

HEGÁMOS junto d'uma rocha, erguida
E quasi a prumo sobre o mar immenso...
Vinha a manhã rompendo, esmaecida,

Por entre os flocos do nevoeiro denso...
Languido o mar, uma canção dolente
Garganteava n'um accorde extenso!

Canção do amor que a Natureza sente,
Quando, noiva gentil, fecunda, bella,
O sol a beija cariciosamente!

Meu ser absorto nem a viu—a Ella,
Que a meu lado pairava:—a negra Dor,
Luctuosa companheira,—a negra estrella!

Triste, a minh'alma, olhava em derredor,
E não mais via que a aridez dos cumes...
Á beira-mar, qual d'elles o maior!...

Um, abria nos céus dois niveos gumes,
Talhado ao alto sobre a praia nua,
Onde o sol reflectia os aureos lumes.

Parece que na crista inda lhe estúa
O fogo d'um vulcão.—E diz-me a Dor:
—«Eil-a! tua primeira vida, a tua

Primeira fórma d'existir!—Maior,
Não vês, entre essas rochas de granito,
Uma que ás nuvens ascendeu melhor?....

Uma que desafia o Infinito?...
Uma que, sobranceira ao mar pujante,
É hoje toda um porphiro, ou granito?...

Pois já foste essa rocha—ó Alma errante!
Talvez ha cem mil annos, talvez mais,
Ouvias d'esse mar louco descante...

Ouvias d'esse mar os doidos ais!...
Ouvias?... Não! Que, somnolentamente,
Se poisavam em ti aguias reaes!

Se em teu dorso convulso, inda fremente,
Os ninhos construiam, descuidosas,
Ninhos deixaste em paz constantemente!...

Do mar inquieto as ondas buliçosas
Vinham beijar-te os pés e, vezes quantas,
Vinham contar-te as mais estranhas cousas!...

D'algas gentis vinham calçar-te as plantas!
Segredavam-te a mágua, o caso triste...
Porém de nada que dirão te espantas!

Dormes —colosso petreo!— Nada ouviste!
Foste o meu desespero... uma agonia!
Nunca —materia inerte— me sentiste!

(Como odeio a Materia!) Mas um dia
Voava nos céus, feroz, a tempestade...
O mar uivava, a terra estremecia!...

Fulgia a luz na vasta immensidade!
Raios, aos mil, cruzavam-se nos ares!
Tinha uma febre doida a Infinidade!

Resfolegáste em lava... E sobre os mares
E, pedaço a pedaço, a pouco e pouco,
Desmoronas-te, emfim... A cambaleares...

Tombas de vez! N'um som profundo e rouco
Pedes ás aguas que te amparem... ellas
Fogem... têem medo, que te julgam louco!

Para mui longe fogem... Has de vel-as
Meigas, lambendo um novo continente!
E tu, e teus irmãos—as sentinellas,

Que se erguiam aos céus, esguiamente...
Ficam sendo a planicie enorme, vasta,
Cujo fim não abrange o olhar de gente!...

Mas n'esse pó, que o furacão arrasta,
Tens o germen da vida... e viverás!
(Que essa inconsciencia pétrea não me basta!)

Quero que me conheças... soffrerás!
Quero que sintas minhas garras duras!
E que chores, um dia... e chorarás!

A PALMEIRA

Callou-se a Dor.—Das celicas alturas
O sol a prumo sobre a terra incide.
Calcina sem piedade as creaturas.

Crésta sem dó os pampanos da vide.
Crésta sem trégoa a fronte ás aldeãs,
Que andam dos campos na afanosa lide!

Deve a terra lembrar-se das manhãs,
Em que o rocio dos céus a refrigéra!...
Morrem nos lagos de calor as rãs,

Tombam no chão os fructos, que ella gera!...
E, no deserto infindo, a gota d'agua,
Embalde, a caravana achar podéra!

A Terra lembra a coruscante frágua,
Onde se extinga a Natureza inteira...
N'uma febril, inconsolavel magua!

E eu disse, vendo-a: —Ai! triste prisioneira!
Mais te valêra, no teu seio em fogo,
Poder contar a hora derradeira!

Mas ao meu lado a Dor grita-me logo:
—«Calla-te! Escuta! —Vês essa campina
Onde tu, que eras pedra, és, a meu rogo,

Tornado em breve na poeira fina,
No chão que póde alimentar as plantas?...
E não vês, e não vês, tão pequenina,

Tão debil inda... alem, por entre tantas,
Erguer-se á luz do céu uma palmeira?...
Ai! quantas sêdes que ella passa... ai! quantas!

Quanto ella soffre já a dor primeira!...
Como supplíca o orvalho ao espaço cru!
P'la gota d'agua déra a vida inteira!...

Ó Alma errante... essa palmeira és tu!
Ah! que embora não tenhas a consciencia,
Já me sentes no hastil callido e nu!

Já percebes que enlaças a existencia,
Á minha garra d'exterminio e morte,
Ao meu olhar cruel e sem clemencia!...

Sou eu quem sopra o furacão do norte,
Que o 'sparso ramo te quebrou sem dó!
Eu que no tronco te darei um córte...

Mas vaes crescendo... e vaes-te achando só!
Não vês como estás bella!... Reagiste!
Tens dez metros d'altura desde o pó...

Os lindos ramos pelo espaço abriste!
E já ao longe vês outra palmeira.
E tão formosa... tanto, nunca viste!...

Ama'l-a; é tua noiva—a feiticeira!
Ah! que idyllio que escuto tão subtil...
(E, ouvindo-o, afio a garra mais certeira...)

Balouças, languida, entre arquejos mil,
A verde copa donairosa e bella.
Acena-te indolente e mui gracil...

Lá de tão longe a tua amada!... É ella,
Quem mais, e mais, te ergueu, da terra ingrata.
Mas surge maio—essa estação singella...

Que sobre a terra em bençãos se desata!
A fina aragem passa junto, ali,
Mui de manso, mui leve se recata...

Tremula escuta o que disseste. Ouvi:
—«Aragem fina e meiga e carinhosa,
Leva-me o polen que eu confio a ti!...

... E da-lh'o a ella, que o aguarda, anciosa,
Á minha noiva que demora alem!»—
Sabes que fiz, contente, jubilosa?...

A brisa entrego ao vendaval que vem...
Para que espalhe sobre o chão em brazas,
O polen que ía convertel-a mãe!

Depois... não me contento... roço as azas,
Da noiva pelos lindos ramos verdes...
E digo-lhe: em ciumes não te abrazas?

Amando, assim, não sabes que te perdes?
Ella responde: —«amarei mais ainda!
Digaes, embora, aquillo que disserdes!»—

Volve outra primavera. E não é finda
Essa paixão fatal que te devora...
Outra, e mais outra mais... e qual mais linda!

Mas... longe e longe sempre! a que te adora!
Reproduzir-te anceias; mas a aragem
Beija-a... que mando eu e... vae-se embora!

Não te abandona a fé, nem a coragem!
Se foras ave irias ter com ella...
... Ella porém lá está... a doce imagem!

Talvez um dia os ventos da procella
No turbilhão o polen te arrebatem...
E então consigas fecundada vel-a...

... Mas sempre lá distante!... E que te matem
Saudades sem conto, as mil invejas
Das aves que seu vôo, em torno, abatem!

Soffres: eis tudo! Desgraçada sejas
Altiva planta que mil annos vês!...
Mas que, soffrendo embora, não desejas

Caír por terra aniquilada.—És
A rainha gentil d'esse palmar...
Sagrado o chão onde pousaste os pés!

Mas esse chão sagrado vae tombar,
Na convulsão geologica do solo.
Oh! dá-lhe a essencia tua! Vae-lh'a dar!

E caia a neve, sobre ti, do polo!...
Porque talvez d'aqui a cem mil annos,
Feita diamante, adornarás um collo!

. . . . . .

Soffreste?... Não te dei os desenganos!
Semi-consciente, apenas, viste o Céu.
Não me sentiste os odios inhumanos!...

E, comtudo, magoei-te! Que o sei eu!
E, se te não rasguei o coração,
Foi porque a Natureza t'o não deu...

N'aquella primitiva formação!
Choraste acaso ali? ó Alma errante!
É cedo ainda!... Não choraste! Não!

O pranto ainda vem longe!... vem distante!

O ROUXINOL

Hora crepuscular!... Hora de amores!...
Já no mar se occultou o sol radiante!

Em breve traja o céu nocturnas cores.
Dorme tranquilla, em breve, a Natureza
Embalsamada pelas lindas flores!...

E eu — alma — na amplidão, sósinha, presa,
Tive do mundo uma saudade enorme!
Senti em mim uma cruel tristeza!...

Se ali baixasse este meu ser informe...?
Quem, sobre o mundo, reparára em mim?
Oh! se eu descesse!... A Natureza dorme!

No teu perfume leva-me jasmim!...
Leva-me ó lua branca, immaculada!...
Leva-me á Terra, que affagaste assim!

— «Filho! Meu filho! (Clama a voz amada,
A meiga voz da minha Mãe querida)
Olha que a vida sobre a Terra é nada!

E só aqui é que se expande a Vida!...
Foge da Dor cruel que te persegue!
Escapa-te ao seu halito homicida!

— «Mas minha Mãe, não ouves? Ella segue
Na triste historia dos meus ais tão tristes!...
— «Oh! vem comigo que ella não prosegue,

Oh vem comigo para a Luz! Desistes...
Não mais queiras saber do teu passado!
Teu passado morreu. Hoje é que existes!» —

Mas paira, n'esse instante, ao nosso lado,
Um rouxinol saudoso, um rouxinol,
Que a cantar principia... tão magoado!

Ora saúda o magico arrebol
De madrugada fresca e purpurina.
Ora semelha que despede o sol...

Ou diz adeus á rosa na campina...
Mas um adeus saudoso... tão suave,
Que envia n'elle a alma crystallina!

Brada-me a Dor: — Já foste um dia essa ave!
Antes, porém, de tal incarnação,
No mar viveste, como o peixe e a nave!

Quero poupar-te, agora, á narração
De quanto, alem, n'aquelle mar profundo
Te produziu estranha sensação!

Tambem desde que viste a luz do mundo,
Desde a cellula simples e primeira,
Ou fosse desde o protoplasma immundo...

Ou fosse, desde que em subtil poeira,
Micro-organismo conquistaste a Vida,
De uma hora, apenas, ou de tarde inteira...

Ou fosse, desde que pyrausta, erguida
Ao espaço aereo, n'um instante só,
Buscaste a chamma — eterna seduzida!

Ou fosse, desde que no ardente pó,
Verme, ignoráste a lei que te prendia
Da cadeia da Vida áquelle nó...

Eu nada, agora, ó Alma te diria!
Não tinhas n'essas formações primeiras
Nervos, que possam dar uma agonia!

Mal me sentiste as garras traiçoeiras!...
Soffreste, sim!... mas inconscientemente...
—E dores não são essas verdadeiras!

Ave, nasceste um dia, finalmente!
Tiveste, um dia, um coração no seio...
(Ah! como folgo!.. Ah! como estou contente)!

Queima-te o ser esse febril anceio
Do livre espaço... A liberdade é bella!
Deixas, então, o ninho sem receio...

E não me vês, a mim... a negra estrella!
E cantas... és feliz! Pela tardinha,
De um convento na gothica janella,

Vem teu canto escutar, triste, sósinha,
Joven freira que adora um ideal...
Mas para que ella soffra... ó avesinha!

Á tua voz dou harmonia tal...
Que, mais e mais, ouvindo-te, ella chora
Dorído espinho de paixão fatal!...

Mas tu és livre ainda. Desde a aurora
Té ao sol posto, o espaço infindo é teu!
Amas, tens prole, e vens do ninho agora...

E vôas, rindo, a gargantear, no céu!
Careces de soffrer, ave innocente!
Sabes então de que me lembro eu?...

A pobre freira anceia, ardentemente,
Poder-te chamar seu .. o seu cantor...
E assim... te apanha, um dia, de repente!

Adeus ninho!... Adeus prole!... Adeus amor!...
Adeus immensidade azul, infinda!
Verde regato, adeus!... Adeus ó flor...

Que os bons dias te dava, fresca e linda!
Ave infeliz!—Ai! nada te consola!
Se é triste a tua voz, mais triste ainda

Ella será!... como quem pede a esmola
Da liberdade que terás jamais...
Perdida, ali, n'essa infernal gaiola!

Mudo-te o canto nos sentidos ais,
Eguaes áquelles que soltar a freira...
Já que dos dois as sortes são eguaes!...

Choras a liberdade?... E a prisioneira
Tambem —coitada— a liberdade chora.
Choras a prole?... O ninho?... A companheira?...

Isso, tudo ella vê n'um sonho, agora!
E soffrerá de certo muito mais
Do que escutando o teu cantar lá fóra!...

Ali passando a vida triste vaes!
Cuida de ti, com maternal carinho,
A monja d'olhos graves, sideraes.

Começas tu a amal-a... pobresinho!
Mas eu que vejo essa affeição crescer,
Em breve ali te deixarei sósinho...

Sem mão amiga que te dê comer!
Por manhã fria de dezembro frio,
Quero que a pobre monja vá *morrer*...

Ella desceu ao tumulo sombrio.
E tu ficaste, preso, a agonisar!
Que horror! morrer á fome! E eu rio... rio.

E, dia a dia, vejo-te finar!
Ouço-te o canto esmorecido... choras!
A alguem supplícas que te vá *matar!*

Mas esse alguem não apparece... Moras
Na torre esguia onde não vae ninguem!...
Se te *matassem* venturoso fôras!

Extinguiste-te á fome!... Ainda bem!
. . . . . .
Não sabes —Alma errante?— A pobre freira
Foi dez sec'los depois a tua Mãe!»—
. . . . . .

Attonito fiquei... Minh'alma inteira,
Na convulsão de indefinivel pranto,
Volveu-se toda á doce companheira...

Ao Espirito gentil, radioso e santo,
D'aquella boa Mãe que me seguia.
E então lhe disse:—ai! tanto amor... ai! tanto!

N'uma só vida... não! Oh! não cabia!
Que o presenti, quando no teu regaço
Ao meu olhar o teu olhar descia!»—

Chorámos... sim! sem o terreno laço,
Que tira ao pranto o divinal condão.
Chorámos... sim! n'aquelle ethereo espaço...

Emquanto o rouxinol, uma canção
Mandava á lua merencoria e calma...
Mas tão triste!... tão triste!... qual perdão,

Que enviasse á Dor do rouxinol a alma.

SOMBRAS ESTRANHAS...

Succede á luz da lua morna e branca
A negra sombra—O vento não se acalma.

Chove, Troveja. A onda a onda espanca.
E, a espaços, fende-se a amplidão dos céus,
Quando das nuvens a scentelha arranca.

Noite cruel d'angustias! Onde os teus
Brandos murmurios que te ouvi ha pouco?
Ó Terra, acaso te abandona Deus?...

Que blasphemias são essas, vento?... Rouco
É teu bramir nas gaveas e pavezes...
Mar furibundo que pareces louco!

Tu que és mais docil que um cordeiro, ás vezes,
Porque has de agora ameaçar o mundo,
Cheio de tanto fel, tantos revezes?!

Noite cruel d'angustias! No profundo
Vacuo de sombras que minh'alma envolve,
Sombras estranhas... vão passando ao fundo!

Uma... outra após... inda mais outra volve!...
E, á luz dos raios que no ar se cruzam,
Nasce esta... emquanto aquella se dissolve...

Infimas fórmas de animaes!... accusam
Cansaço grande nos seus lentos passos...
Porém de guia, ou de pastor escusam!

Vão indo... vão na minha frente... A espaços...
Ao som medonho do trovão pujante,
E das scentelhas aos sanguineos traços!

Param... arquejam!... Mas depois, avante,
Engolpham-se no mar da treva espesso...
Emquanto outras de mim surgem adiante!

. . . . . .

Então a voz, que por meu mal conheço,
Falla-me assim, pausadamente, agora,
Como a cada palavra dando preço:

—«N'aquellas fórmas, que alem vão em fóra,
Sentiste o meu imperio, a minha força!
Não vês? não vês? como já foste outr'ora:

Reptil... lobo... leão... timida corça...
Corcel de guerra... antilope... elephante...
Rafeiro magro que a viver se esforça...

Á fome... á chuva... ao frio penetrante?
. . . . . .

—«Cala-te, ó Dor! Ó Dor tôrva, refece!
No fundo d'esta treva palpitante

Submerge essa visão que me enlouquece!...

. . . . . .

O DROMEDARIO

E dissolve-se a treva... A Dor, porém,
Não se calou; não quiz ouvir-me a prece.

—«Olha! —gritou-me— A claridade vem
Tranquilla, bella, matinal, rompendo.
Não tarda o sol no Oriente... alem...

Olhei: procuro ver—mas não entendo!
Vejo um deserto, um areal immenso,
Maior que o proprio espaço que estou vendo!

Parece um mar, um oceano extenso!
Vagas que são unicamente areia...
E brancas a lembrar nuvens de incenso!

N'esse arido deserto o Sol campeia
N'uma torrida ardencia desmedida;
Nenhuma planta ou flor ali se alteia...

Nem gota d'agua denuncia a vida!
É qual planeta espedaçado, extincto,
Materia inerte para ali caída!

Dos céus o manto, que o envolve, é tinto,
É listrado de sangue; e a rubra côr
Aqui... alem, no areal presinto.

— «Viste?... (De novo então interrogou a Dor)
Quanto soffreste ali! ó Alma errante!
Repara. Attende agora...Vê melhor!»—

Lentamente lá vem... lá vem, distante,
A caravana d'arabes... lá vem...
A demandar as terras do Levante!

E a caravana um dromedario tem.
Que enorme carga de seu dorso pende!
Homens são tres, e fardos mais de cem!...

Pobre animal! A custo já distende,
Os musculos das pernas contrahidos...
Andou cem leguas já... mas não se rende!

Callida, a areia embota-lhe os sentidos!...
Mas elle vae cortando-a com seus pés,
E resignadamente... sem gemidos!

Agua bebeu apenas uma vez
No oásis distante!... E a fome que o devora
Menor que a sede não será talvez!...

Morreu a noite, despontou a aurora.
E esse triste animal, extraordinario,
Lá vae .. lá vae... pelo deserto fóra!

Vem a noite... Prosegue o seu fadario!
—«Vês? (Perguntou-me a Dor, e então me brada:)
Já foste um dia aquelle dromedario!

Entre palmares —livre— na manada,
Bebias agua em limpidos regatos...
Respiravas a brisa perfumada

P'la flor do nenuphár, p'los rubros cactos!...
Mas uma vez perdeste a liberdade.
Foram caçar-te aos viridentes mattos!

Nostalgico ficaste na cidade!...
E nunca mais teu doce olhar sorriu!
E nunca mais tiveste mocidade!...

Avaro mercador te possuiu...
Elle que organisou a caravana,
Para a feira longinqua já partiu!

Lá segues... Vês?... Que provação insana!
Quando terminarás essa viagem?
Queima-te a sêde... e a sêde não se engana!

Sigo a teu lado. Em tremula miragem,
Em frente te desenho sombras... fontes...
De fresco oásis a mais ridente imagem...

Com sua tenda e verdejantes montes...
Com finas relvas sobre o prado em flor...
De palmeiraes os vastos horisontes!...

Arquejas... corres... moves-te melhor.
Que não tarda o descanso! Avante... avante!
Quasi a miragem vaes tocar... horror!

Eu desfiz-te a miragem n'esse instante!
E para ali te deixo, extenuado,
Sob os raios de um sol asfixiante!...

Voltas ao Céu o teu olhar maguado,
Que já não podes mais!... Morrer quizeras
N'aquelle solo em chammas abrazado!

Mas eu é que não quero! Não soffreras!
Sopro então o *simoun*. O mar d'areia
Rodopia no ar, ergue-se em espheras!

Porque um vento medonho o chicoteia...
E a pino as vagas, iracundas, vão
Cercar teu corpo onde o terror se ateia!

Não ouves como aos mudos Céus, em vão,
Os arabes supplicam piedade?...
Tremes, em pavorosa convulsão!...

És caído por terra. E na verdade
É inutil luctar!... são condemnados!
Ha de um tigre, em cruel voracidade,

Rasgar-te o corpo, em tiras, aos bocados!
Não vês?... Não vês?»—

Olhei:

—«Ó Dor insana!
Entre golphões de sangue, esphacellados,

Jazem meus restos... Jaz a caravana.
. . . . . .

O GORILLA

Kaleisdoscopio extraordinario é este!...
Porque será que a vista não me engana?!

Subtil desponta, nos confins de Leste,
A madrugada fresca e perfumada,
Loira manhã que de jasmins se veste!...

E, rompendo a floresta emmaranhada,
Escuta ahi a saudação maviosa
Do bando multicôr da passarada!

Dá-lhe os bons dias a purpurea Rosa;
O argenteo Lyrio, a flor do cacueiro;
E a rama do algodão, cariciosa...

Branda se agita ao beijo seu primeiro!
O rubro Cacto diz-lhe adeus contente!
Manda-lhe o seu perfume o limoeiro!

O cafezal, na ondulação tremente,
De perolas d'orvalho se adornou...
Estrella-se o capim quando a presente...

Tudo sorri quando a manhã raiou!
Mas da floresta na espessura densa
Timido o Sol com sua ardencia entrou...

Do ebano secular a copa immensa
Pelos espaços, alastrando, abrange
As amplidões d'essa floresta extensa!

Qual se a cortára um gigantesco alfanje,
Passa-lhe ao meio um rio azul... tranquillo...
Que uma canção religiosa tange!

Aguas sagradas são talvez do Nilo,
Que de Sesostris vão beijar a campa!...
Resurgil-o talvez!...Talvez ouvil-o!

N'uma das curvas, que o capim, em rampa,
Occulta entre espinheiros seculares,
Rapida sombra a luz do sol me estampa...

N'um tronco escarranchado, olhando os ares,
N'um baloiçar monotono, sem estudo,
(Como baloiça a folha dos palmares...)

Enorme, corpulento, espadaúdo,
No goso já de refeição tranquilla,
O rosto, o peito, o ventre cabelludo...

A Dor me aponta em frente—esse gorilla!
E diz-me:—«ultima fórma da Inconsciencia!
Ultima incarnação de ultima fila!

Atrio da humana especie!... Eis a existencia
Que arrastaste no mundo, antes que aos céus
Te erguesse o olhar a reflectida essencia!...

Ali tambem, n'aquella fórma, os meus
Crueis instinctos te farão soffrer...
Não me aquieto jamais!... Que o não quer Deus!»—

. . . . . .

Súbito vejo essa floresta a arder!
Incendio monstro se alevanta!... Gemem
Os cedros... Principiam-se a torcer!

Ruem na combustão!... Oscillam... tremem
Os annosos palmares!... Tombam rente
E crepitam... e após em cinzas fremem!

De mais em mais o fogo, bruscamente,
Vae apertando o circulo!... A floresta,
Torna-se toda em chammas de repente!

E a rubra lingua o firmamento cresta!...
E o espesso fumo, em turbilhões candentes,
A atmosphera denegrida empesta!

Em furia o vento, em repellões potentes,
Tem do Exterminio a tenebrosa mão!
Os troncos são carvões phosphorocentes...

Toda a floresta enorme combustão!
Pobre gorilla, onde és? Espavorido...
Vejo-te alem tentar fugir... Em vão!

—«Ouves? (Disse-me a Dor)
Oh! Que gemido!
Uivo feroz, que a maldição desata,
Se lhe escapou do labio contrahido...

E entre os carvões o vi rolar na matta...

CANTO TERCEIRO

CANTO TERCEIRO

. . . . . .

Quem me déra sondar o Passado e o Porvir,
E passar em revista as minhas existencias
Passadas n'este val' de treva e de demencias!...

Anti-Christo. GOMES LEAL.

LEMBRAS-TE, minha Mãe! quando eu soffria
Na Terra, outr'ora, alguma intensa magua,
Como o teu doce labio me sorria,
E os olhos teus se marejavam d'agua?...

Lembras-te, minha Mãe! quando, cançado,
Volvia, ao nosso lar, pelo sol posto,
Amiga rara e fiel! como a teu lado
Se m'evolava o intimo desgosto?...

Lembras-te, minha Mãe! quando eu, infante,
Interrogava, contemplando os céus,
Do Creador onde era a mão possante...
Sob que fórma se occultava Deus?...

Eis-me cançado agora... exhausto quasi. Sinto
Que inda me falta muito a percorrer na senda...
Cheia de pranto e fel, do meu viver extincto!...
Senda, que aponta a Dor, a minha Dor tremenda!...

Fôra melhor voar... fôra melhor deixal-a!...
Seguir comtigo, em paz, n'aquelle espaço alem...
Se acaso ella voltar... hemos de afugental-a!...
Oh! defende-me tu, alma de minha Mãe!

Voemos, sim... Do espaço os luminosos véus
Hão de outra vez enlear nossas unidas almas...
E no entretanto, ahi, n'essas mansões tão calmas,
Vae-me explicando, ó Mãe, onde é que mora Deus!...

Busquei-o tanta vez nas solidões da Terra...
E tantas em mim proprio o seu poder senti!...
Ah! Mas a Dor feroz, que a humanidade aterra,
Nas sombras m'o envolveu... e nunca o defini!

Tanta vez o quiz ver na propria Consciencia!...
Tantas o procurei n'um fadigoso estudo!...
Mas os livros, oh Mãe, não me disseram tudo...
E a Dor fez-me hesitar na sua omnipotencia!

Quiz vêl-o a consolar os tristes, carinhoso,
Quiz vêl-o triumphante á face da Rasão...
Mas quanta vez achei o justo — um desditoso!...
Cognominado heroe: — o reprobo... o vilão!...

Ouvi gritos de dor nas bôcas das creanças...
—Lyrios que o sol fanou em plena madrugada—
Subito as vi partir —bando de pombas mansas—
Interroguei os céus... Não me disseram nada!

Onde está Elle?... Aonde?... Eu quero vêl-o, agora
Que do terreno laço eis-me liberto... emfim!
Oh! Deixa que eu contemple essa ideal Aurora!
Que o sol do seu olhar descaia sobre mim!

Quero contar-lhe tanto!... hesitações, os erros
Em que a Dor fez caír a lucida Rasão!...
Depois... ave fugida aos implacaveis ferros,
Supplice, implorarei, contricto, o seu perdão...»—

—«Filho, não ergas mais a voz blasphema
Aqui no seio bom do Creador!
Não o sentes?... Não vês?... É todo amor!
Não o escutas!... Não lês?... É todo um poema!

Perguntas quem é Deus?—: O espaço infindo
Pleno dos aggregados da Materia...
Esta infinita vastidão siderea,
Por onde, agora, os dois vamos seguindo!...

É n'este espaço (que penetra tudo
O que tem fórma sobre os varios mundos,
— Ether subtil, cujos segredos fundos
Jamais desvendará o humano estudo)

É n'este espaço que se occulta — Deus...
Que elle é o proprio Deus — a Força ignota,
Que ao mar concede a retumbante nota,
Despede os raios, convulsiona os céus!...

Elle, que o mar, a terra e o céu creou,
É o proprio céu, o mar, a propria terra...
Elle é planicie, elle é montanha, é serra,
É peixe, é ave, é estrella que brilhou!

Elle é a flor, urze do campo, o verme...
O roble altivo, enorme, secular...
É chamma, é fogo, é morna luz do luar...
Elle... o granito que dirás inerme!

Elle é toda a Materia. E d'ella toda
Universal Espirito se torna!
Como a luz, quando vem, toda se entorna
Da Terra em flor na perfumada bôda,

Assim, por mais distinctas, por mais vagas
Que se movam as fórmas sobre o mundo,
A Alma Suprema — o Espirito profundo
Que as animou... é Elle! Elle, que as vagas

Do mar levanta em convulsões frementes...
Que as esperguiça, apoz, na curva praia...
Elle é o Sol que nasce e que desmaia...
Aura subtil das noites indolentes...

Nós fomos —Elle— que na Terra andámos!
Hoje nós somos —Elle— aqui no espaço!
Elle seremos se, n'um outro laço,
Volvermos inda ao mundo que deixámos...

Quando a noss'alma teve fórma sciente
Não era nossa!... não! era a alma d'Elle!
Imperceptivel atomo era aquelle
Da Alma Universal independente.

Mas quanta vez a fórma nos magoou!
Quantas ao erro vil nos impellia!
Então chorámos... sim! a Alma soffria!
—O Espirito de Deus que em nós entrou!...

Ah! por isso é que a Vida é lucta ingente!
?Como, na estreita cella da Materia,
É possivel conter essa Alma Etherea,
E nunca a macular, impenitente?!

Toma conta, meu filho: a Dor espreita...
E quando o ser reincarna —o Ser que é Deus—
Anceia por achar, n'uns outros céus,
Outra fórma que seja mais perfeita...

Porque é Deus o Progresso... e progredir
Outra cousa não é que ser perfeito...
Mas quanta vez em lagrimas desfeito,
De Vida em Vida, o Ser ha de fugir!...

Se acaso attinge o ponto culminante,
Se já do soffrimento é lido o poema,
Volve de vez ao Todo-Alma-Suprema
D'aquelle Todo... esse pedaço errante...

Ah! que ventura, filho, ah! que ventura!
Se ambos, unidos, n'um ardente anceio,
Deus nos chamasse ao seu bondoso seio
Pleno de graça, amor e formosura!...

Não mais volver á Terra!... Nunca mais
Sentir da grande Dor as garras frias...
Não mais o pranto, nem sentidos ais,
Nem luctas, afflicções, nem agonias!...

Mas se o nosso destino, filho amado,
Ainda por cumprir se encontra hoje...
Se acaso um de nós fica, e o outro foge,
Que adeus cruel!... Que adeus angustiado»—
. . . . . .

N'isto, um grande clarão rasga-se em nossa frente.

E uma voz retumbante, energica, potente,
Da etherea vastidão os echos acordou!...

—«Não te esqueci!... Cá estou!
Cá volto a acompanhar-te á senda tortuosa!...»—

—«Dor cruel, impiedosa!
Deixa-me repousar aqui... não voltes mais!»—

A DOR

Venho da Terra. Trago aromas virginaes
Na minha garra curva... anneis e louras tranças,
Do cabello gentil d'algumas cem creanças
Virgens castas em flor, que arrebatei aos paes...
Nos meus ouvidos trago os doloridos ais,
Que á beira dos caixões os noivos soluçavam...
Orchestra linda!... Eu ria: os corações quebravam
Presos d'angustia louca, indescriptivel...
Vi
Prostrado pela fome, um pobre velho... ali
Onde um palacio existe egregio e principesco...
Deixei que o triste olhasse o amphytrião grotesco
Que erguia um brinde á Vida em collossal festim...

E, a pouco e pouco, assim... matei o velho... assim!...

Vi, no mar, uma nau de ousados mareantes,
Que iam longe aportar, em regiões distantes,

Olhos fitos na Gloria, olhos postos no Amor...

Que melhor cova... o mar! Que tumulo melhor?...

No thalamo, que á luz da honestidade esplende,
Penetrei de mansinho... e o meu olhar accende
E transmuta essa luz n'uma lava infernal...

Veneno dei a uns, a outros... o punhal!...

Vi reflectir no espelho algumas frontes bellas,
Plebeas e reaes... Envaidecidas, ellas
Mal sonhavam que ali o meu olhar pairava...

E elle pairava ali, porque a morphêa entrava!...

Tomei logar do jogo á banca. Ahi, anciosos,
Os olhos vão fitando os dados caprichosos...
E, emquanto os vão fitando, em tôrvas contrações,
Fibra por fibra, eu quebro, eu rompo os corações!...
Os dados cáem .. Levo a cada peito a mão
Febril, que hão de rasgal-o, a cada convulsão...
E disse ao que perdeu: — «joga outra vez. Em casa
Os teus filhos têm fome; e o vicio que te abraza
Dar-lhes póde, talvez, n'um golpe só da sorte,
O pedaço de pão, que os livrará da morte!» —
. . . . . .

E elle, o triste, jogou! Perdeu, é claro. Louco
Interroga depois — «o que me resta?» — É pouco...
(Respondo-lhe eu a rir) joga a propria mulher!...

E o certo é que a jogou... Jogou-a até perder!...

Fui ver um tribunal. Em frente do juiz
Assentava-se um réu. (Era innocente.) Diz,
Jura, e rejura que é... Mas o cutelo o espera..

Colloquei-me do leito á cabeceira, onde era
Uma fronte real, presa de insomnia horrivel...
Baixinho segredei: — «Receia, que é possivel
Que, ao raiar da manhã, o throno te desabe...» —

Perto, em fôfos coxins, á dubia claridade
Da manhã que desponta, o millionario scisma...
Então ergo-lhe em frente uma visão, que o abysma.
São os espectros, são as victimas que fez
A bradarem-lhe em côro: — «És pobre d'esta vez!

Encontrei no caminho uns dois amigos: braços
Abertos um p'r'o outro. A despedida, a espaços,
Sentimental até!... Um d'elles, na algibeira
Occulta o seu thesouro... uma fortuna inteira.
Recommenda-lhe o outro o maximo cuidado.

Partiu... uma hora apoz... elle era chacinado!
Quem o matou?... O amigo... o quasi irmão.. .E eu ri!
E a rir... e a gargalhar, cheguei junto de ti.

EU

Mas a que vens?... Que mal te faço agora ó Dor?...
Deixa-me em paz!...

A DOR

Agora?! Agora que és senhor
Do Espirito immortal que Deus te concedeu...
Has de fugir-me acaso?! Hei de deixar-te eu!...
Agora, que a Consciencia acorda em ti... agora,
Que desde que anoitece ao arraiar da aurora,
Em tua humana fórma o meu imperio exerço?!...
Pois mostrei-te na Terra o primitivo berço,
Insensivel granito, o tenuissimo pó,
E agora —*Homo*— que és, hei de deixar-te só?...
Desvendei-te da Vida apenas a metade...
Sobes da pedra ao verme? És infima unidade!
Quando soltas no espaço o teu cantar dolente,
Dromedario ou gorilla, o que és?—Ser inconsciente,
Que te acobardas, quando eu te appareço!... Ergueste
Acaso n'um protesto a tua voz?... Soffreste!...
Soffreste, sem poder, dos labios indignados,
Soltar a maldição aos páramos doirados...
Não luctaste commigo!... Era grosseiro em extremo
O involucro onde estava o Espirito supremo!...

Que revoltas eu tive!... Embalde quiz magoar-te...
Morrias... e morrendo, era fatal deixar-te!

Agora não. Agora ha dentro do teu craneo
Uma chamma, uma luz, cujo brilho instantaneo
Cegará quanta vez teu pobre coração...
Tens dentro em ti um espelho; eu magoar-te-hei... e então
O espelho mostrará a minha garra dura...
Teu peito é assim como uma cisterna escura,
Immensa, enorme, infinda, onde os echos reunidos
Nunca se hão de perder... os echos—meus latidos!
Posso empenhar comtigo a lucta. Sei que venço!...
Mas que bello prazer! mas que prazer intenso!
Um goso estonteador! E que agri-doce occulto
Essa victoria tem! (Maior, quanto mais culto
O teu Espirito.) Rio ao contemplar-te, fero,
Lançando sobre mim o raciocinio austero...
O raciocinio vem galhardamente posto...
Erro-te as deducções...Tremes... Recuas. Gosto
Do novo embate: ávante!... A logica é meu forte.
D'ahi nova premissa, e logo... a mesma sorte! ..
Gemes... choras até, perdida a orientação!
E que fazes depois?... Chamas o coração!...
Ah! malfadado! Os dois nunca se entendem... nunca!
Cravo n'elle, sem dó, a minha garra adunca...
E elle, que, embalde, pede o auxilio da Rasão,
Soluça... geme... sim! Mas não se rende... não!

Nevrotico, estrebucha... E quanta vez... n'um ai,
Elle fica de pé quando a Rasão se esvae.

Pois não viste, ind'agora, em tua humana fórma
Os vestigios da lucta? E aquella não foi norma
Do que póde conter um peito d'Homem!... Essa
Teve d'um grande amor a mais gentil promessa..
Os affagos de Mãe, carinhos d'uma Esposa...
N'outras luctas o Amor, o doido Amor é louza
Onde eu vou sepultar os corações!... O Amor
É meu filho dilecto, o guerreiro melhor,
Mais bravo, mais leal, mais forte, mais cruel.
No peito onde elle entrou torna-se o sangue em fel;
Baixa, humilde, a cerviz a Logica, se o vê...
Quando sôa o clarim d'essa batalha, elle é
A simples tentação do genesis, desejos
Que o Instincto converte em luxuriosos beijos...
Mas depois... mas depois, insidiosamente,
Abre no coração, ás vezes, de repente,
Uma caverna tal, tão larga, e tão profunda,
Que mal começa a lucta a Morte logo a inunda!
E se a Morte não vem, como caricia terna,
Ai! que fel que extravasa a lobrega caverna!...
Se dás um passo, até o movediço chão
Dá-te a imagem fiel do triste coração...
Se olhas o céu, e vês a nuvem que esvoaça...
A nuvem que lá vês é nuvem que em ti passa!...
Que o verme não descansa a destruir-te a alma.

Por fim, vencido quasi, abres-me os braços; calma
Socego, paz em vão me pedes.. Rio,
Prestes, quando te vejo inanimado... frio!
. . . . . .

EU

Mas... basta! Dor cruel! Não posso dar-te a gloria
Do teu novo triumpho. E que me importa a historia
Do passado soffrer, das minhas existencias?
— Urna que se partiu evaporando essencias...
— Onda que se desfez no turbilhão das aguas! —
Junto de minha Mãe não me histories as maguas,
Que um dia supportei n'outras incarnações!...
Chamei-te; eu me arrependo. Ah! loucas tentações!...
Doido, infantil desejo!... Agora não!... Não quero!
Não te suppuz, assim, cruel!... assim tão fero,
Não te julguei... oh não!... abutre sanguinario!
Deixa-me... foge... vae! Prosegue o teu fadario!

A DOR

Não!... E não porque és meu!... És muito longe ainda
De gosar d'este céu a primavera infinda!...
É muito áquem do fim, na Terra, o teu destino!...
Inda tens que expiar. Do Espaço crystallino
Não és, feita crystal, a gota d'agua, presa
Por invisivel fio ao proprio espaço!... Acceza
Dá-se em volta do mundo a lucta dos que anceiam,

Na Vida, nova fórma — almas que não receiam
Este meu vesgo olhar, meu halito fatal!...
Vem... toma o teu logar. Quiz o amor maternal
Erguer-te aqui... aqui á região de Deus!
Mas tu não és ainda o atomo dos céus,
O atomo perfeito, a estallactite pura,
A parte do crystal de lucida brancura
Suspensa do crystal... Alma imperfeita, eu só
É que tenho o poder de arrebatar-te o pó!...

EU

Ó Dor... mas se d'aqui, da Paz e da Harmonia
Hei de uma vez caír na Terra ingrata e fria...
Deixa-me repousar... dá-me um momento apenas!
Volta depois... depois!... Conta-me as duras penas,
Já soffridas na Terra, e conta-m'as, agora...
Que o Espirito materno, ouvindo-as, tambem chora...
E se tens de evocar as minhas fórmas... bem:
Evoca-as pois... d'aqui... d'ao pé de minha Mãe!

A DOR

Pois sim... mas tua Mãe irá deixar-te em breve!
Ella hoje não é mais que a perola de neve,
Que lentamente o Sol nas relvas embebeu...
Rapidamente, assim, mergulhará no céu,
N'esse Nirvana augusto, e calmo, e forte, e grande...
. . . . . .

Alma errante, ouve pois:

No fogo que se expande
Na floresta o teu corpo em cinzas se desfez,
Teu corpo de gorilla. A breve trecho, és
Do ventre d'uma negra o embryão crescente.
Feto depois... depois—*Homo*— emfim!... és gente!...
Cerebro simples tens, rudimentar idéa
Do mundo, de ti proprio. És alma quasi alheia
Ás impressões... Cresceste e tens dez annos... vê:

O ESCRAVO

Languido o Sol descáe na roça de café.

Como os negros trabalham contentes.
Já não tardam as sombras da noite.
Traz a noite murmurios dolentes...
Deixa em paz as correias do açoite!...
Como os negros trabalham contentes!

Sol!—mergulha nas aguas do oceano.
Põe na lida o teu ponto final!
Já que déste a colheita do anno,
Deixa as rezes dormir no curral...
Sol!—mergulha nas aguas do oceano.

Lua! — afasta a panthera faminta
Que a palhoça inda hontem cercou...
O feitiço da morte ella sinta
Se o feitiço da morte a encontrou...
Lua! — afasta a panthera faminta.

Noite! — occulta do *branco* as palhoças.
Perde o *branco* nos mattos d'alem...
Que elle traz-nos cadeias tão grossas!...
Ou nos mata, ou nos vende... se vem!
Noite! — occulta do *branco* as palhoças.

Como os negros trabalham contentes!
Já não tardam as sombras da noite.
Traz a noite murmurios dolentes...
Deixa em paz as correias do açoite!
Como os negros trabalham contentes!...

. . . . . .

E a legião dos negros
Entre canções magoadas vae seguindo
Ao proximo logar. O luar vae indo
Limpido e claro illuminando ao longe
Os espinheiros colossaes, disformes...
Ha murmurios, que passam, segredando
Carnificinias, para alem, enormes...

Mysterios, cousas invisiveis; guerras
Que outras tribus declaram crudelissimas...

N'essa legião lá vou... É minha mãe,
N'aquella multidão d'umas cem pretas,
A espadauda negra em cujas tetas
O meu irmão pequeno vae mamando...
Lá vou... lá sigo; eu trabalhei tambem,
Sinto o somno, a fadiga no meu corpo...
Corpo infantil, rachitico, enfezado...

Noite — vela meu somno!...
É madrugada.
Acordo em sobresalto... a minha mãe
Na convulsão do choro, allucinada,
Ao coração me aperta,
E clama: o *branco!*... o nosso algoz lá vem! —
Todo o logar desperta
Ao som medonho das descargas; breve
De surpreza colhido, quem se atreve
A manejar o arco?!...

. . . . . .

A DOR

Lanço-te, ferro aos pés, contra o porão d'um barco...
São duzentos comtigo, ahi, os companheiros.
Longe... na patria... longe, os perfidos negreiros

Venderam teus irmãos, que outros destinos te'm...
Vaes no porão do barco; o barco não contem
Sufficiente espaço. Ali ha falta de ar...
O mar uiva cruel... e esse implacavel mar
Scalavra, a cada instante, aquella pilha humana...
Revolta-se... clamou! Porque é demais tyranna
Essa agonia lenta... antes morrer nas aguas,
Que taes supplicios, taes convulsionantes maguas...
Abre então a escotilha o traficante, e, lesto,
Sobre todos, de cal, arremessou um cesto!

. . . . . .

E pensas então já: que mal eu fiz a Deus
P'ra castigar-me assim?...

Desembarcaste. Os teus
Patricios, em leilão, arrematados, foram
Seguindo para alem. Ao despedir-se choram...
Tu ficaste na Europa. Um castellão comprou-te,
E, entre as bestas de carga, entre animaes, mandou-te
Para o feudo distante.

Olha-te ali... não vês?

. . . . . .

Olhei...

... São do castello as torres dez.

E o castello é no cume d'um rochedo,
Aonde o oceano vem cantar a medo
Uma canção d'amor...
Lá me vejo... lá estou ajoelhado...
Sangra o meu corpo todo golpeado...
Lá estou beijando os pés ao meu Senhor.

A noite é alta. Incide a luz da lua
Nos lagos dos jardins, onde fluctua,
Á aragem das manhãs,
O cysne branco de pescoço esguio...
No leito dorme o meu Senhor. Faz frio!
E eu estou ali, para enxotar as rãs!...

É manhã clara. Do curral os bois
Sáem a pouco e pouco, aos dois e dois,
Os campos vão lavrar...
As camas d'elles como são macias!
Ah! quem me dera em madrugadas frias
Nas camas d'elles poder-me ir deitar!...

Mas a atafona lá me espera... o trigo
Hei-de moel-o, e se o moer... consigo
Descansar e comer...
Comer o pão que os galgos rejeitaram,
Ossos que os falcoeiros não contaram...
Faminto hei de roer...

Como é formosa a castellã! É branca...
Com que furor o seu olhar me arranca
Chispas do meu olhar!
Ind'hontem vi-lhe o alabastrino seio...
Menos que estatua sou... não tem receio!...
Eu posso-a contemplar!

Ah! minha terra! Cafezaes florentes!
Calmas manhãs, languidas tardes quentes,
Que nunca mais verei!
Negras gentis, minhas irmãs de raça!
A sorte escravisou-me, e por desgraça
Tão longe morrerei...

. . . . . .

A DOR

Quanta vez, quanta vez assim clamaste!... Emtanto
Accumulando eu vou n'essa tu'alma o pranto,
Que nem sequer o olhar póde deixar correr.
Quando, impiedosamente, alguem te vae bater
Segredo-te eu:—«*talvez possas vingar-te um dia!*
Enche de fel o peito!»—E o fel teu peito enchia.

Envelheceste. És cousa a mais; um negro podre,
Que a anasarca tornou em pestilento odre.
Querem matar-te á fome: e tu não morres; querem
Que os fortes vendavaes que os velhos troncos ferem

Te cerrem de uma vez o longo olhar sombrio...
Mas tu resistes sempre á chuva, á fome, ao frio!

Um dia, o teu Senhor, dando-te um ponta-pé,
— Que te levassem — disse. Aonde, sabes?
Vê:

. . . . . .

Brilham os astros na amplidão. É noite.
Quente noite d'agosto. Á longa praia
Cheguei. Dois servos vão brandindo o açoite.
Olhei o mar.. desmaia
Quasi a minh'alma em turbido pavor!...

De pé na rocha vejo o meu Senhor.

Baloiça suavemente
Nas aguas negras um batel... Eu choro...
Agarraram-me, então, violentemente...
Peço... supplico... imploro...
N'um convulso, phrenetico tremor...

De pé na rocha vejo o meu Senhor.

Faz se ao largo o batel...
Geme, commigo, a onda compungida!

— Senhor! Senhor! não sejas tão cruel
Poupa ao teu escravo a vida! —
A debater-me clamo — Horrror! Horror!

Impassivel na rocha o meu Senhor.

Erguem-me então... então, n'uma tremenda sanha
Elle gritou — ao mar!...

..... Um ai, da minha entranha
Se me escapou feroz, ai pavoroso, um grito...

A DOR

...Um ai que retumbou nas amplidões do Infinito.
Ai que pude colher em jubilos perdida...
Ancia de Vida, elle era a maldição á Vida!...

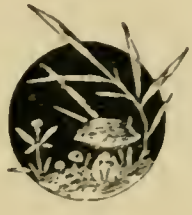
Tu não sabes que disse esse teu ai medonho?...
— Dá-me, ó Deus, outra fórma, outra vida, outro sonho!
Na Terra outra existencia attribulada ou mansa...
Mas deixa-me cevar um dia na vingança!...

E quando essa tu'alma, em pavidos arrancos,
Pairou na vastidão d'estes espaços brancos
N'um anceio febril de nova incarnação...
O Odio symbolisava, a Raiva, a Indignação.
Tão cruel eu a vi... que lhe chamei irmã...

E disse-lhe — «descansa... ao raiar da manhã
Terás fórma na Terra!...

... Embora hajas, um dia,
N'outras vidas, talvez, tragar, n'uma agonia
De cem annos até, o calix da desgraça...

Mas depuras-te... e assim has de ascender á Graça!» —



CANTO QUARTO

CANTO QUARTO

. . . . . .

Ai! de mim! Ai! de mim! E quem sou eu?!

ANTHERO DO QUENTAL.

LHA! — Grita-me a Dor —

Olhei.

Eis o que eu via:

Erguem-se as sombras já. Agonisante, o dia
No mar o Sol mergulha, affogueado, rubro,
E aos vermelhos clarões, na Terra, alem, descubro
Uma grande cidade. Um medieval castello
Sobranceiro a contempla — E que imponente, bello,
N'essa altiva mudez de tradições guerreiras!...
Fallam gloriosamente as torres altaneiras,
Soltam plangentes ais as pontes levadiças,
E as barbacans lembrando as sanguinarias liças...

Negra muralha o envolve. Ha vultos espalhados,
Homens d'armas, talvez, nos muros artilhados.
Ao fundo, lá mui longe, o arvoredo é denso...
Soberbo que é da entrada o grande pateo! Immenso
Recinto aquelle, aonde, em porphyro e granitos,
Deuses e nymphas ha de licenciosos mythos.
Marmorea a escadaria. Aqui e alem balcões
Onde a hera trepou, nas doidas tentações
D'abraçar lá no alto os coruchéos gigantes...
Mole de negra pedra! As aguias offegantes
Os ninhos vão fazer nas cupulas sombrias.

Pallida luz desenha as grandes gelosias.
Faz resaír, no escuro, as gothicas janellas.
Lugubre corta o espaço a voz, que as sentinellas
Rende. De vez em quando ha rufo de tambores.

Lá em baixo a cidade. As ruas — corredores
Sinuosos alguns, estreitos muitos, praças,
Que enchem a pouco e pouco alegres populaças;
Quarteis, a cuja porta ha negros cavalleiros
Prestes a galopar, a uma só voz, ligeiros.
Aqui, do bairro pobre a casaria negra,
Que uma nesga de luz difficilmente alegra.
Conventos e prisões, medievos edificios.
Alem, um rio vae, galgando precipicios,
Monotono a beijar os verdes salgueiraes.

Templos em toda a parte. Enormes cathedraes
Cujas torres os céus sinistramente encaram.

. . . . . .

Sobre aquella cidade as trevas já baixaram.
Mas não lhe trouxe a noite a doce paz do somno.
N'uma volupia morna, em languido abandono,
Jubilosa se entrega a juvenis folguedos...
Formam as multidões grupos compactos, ledos,
E, ao som de bandolins e de atabales, dançam,
Cantam, rindo, gritando, e a pregoar não cançam.
(Pregão de que distingo esta palavra — Rei.)
Confuso *brouhaha!* Nem descrevel-o sei!

Outros grupos, á luz d'archotes e brandões,
Alegres, festivaes, soltando exclamações,
Seguem na direcção do medieval castello.
D'outros, a contemplar no céu o Sete Estrello,
Partem vozes orando ás turbas irriquietas.
Fulgem, áquella luz, as lanças, as bayonetas
Dos esquadrões que vão desembocar nas praças.

Ardem lumes aos mil, cheios de encanto e graças,
Nos altares, a Deus, dentro dos templos vastos.
E das monjas a voz, nos seus accordes castos,
Geme plangentemente, em rythmo profundo,
Rythmo em que responde o populacho immundo.

Que enche os templos, orando, em mystico recato,
Assistindo, contricto, ao religioso acto.

E assim decorre a noite.
Ha dentro do castello
Um salão vasto e frio, um salão grande, bello,
De columnas de jaspe ornado em volta, ornado
De retratos de reis. No tecto alto, doirado,
Vê-se d'uma nação o symbolo potente.

E ao longo do salão passeia tanta gente!...

São velhos generaes, tilintam-lh'as esporas;
Damas, que arrastam seda, e lindas como auroras.
São mancebos gentis, cujos cabellos louros
Lembram contos do Oriente, e magicos thesouros.
São gordos cardeaes, em rubicundas vestes;
Frades no seu burel. São bispos, arcyprestes.
Pagens que vão alem. Passeiam cavalleiros
Dando ás damas o braço. Encontram-se os guerreiros,
Trocam gestos, olhando a negra vastidão...
De todos ha no olhar uma interrogação...
Um sentimento, um só, os corações abrange!...

N'isto, soturnamente, o velho sino tange
Tres horas... Pelo espaço, a claridade surge.
Da multidão, lá fóra, o cantico resurge
Febril. Soam clarins, os nuncios d'alvorada.

Subito, do salão a porta almofadada
Que ha no topo, esculpida em ebano e marfim,
De par em par se abriu... E alguem bradou assim
Em voz festiva:

El-Rei... Nosso Senhor nasceu!

E ribomba o canhão nas amplidões do céu!
Uiva contente a plebe; as musicas entoam
Hymnos marciaes. É dia! As saudações resoam
Nos templos, nos quarteis, em toda a parte emfim!...

A DOR

Saudou-te uma nação — alma do negro — assim!

O CONQUISTADOR

És tão branco! Tão branco!... O teu cabello é oiro,
Formoso cherubim de lactea côr. És loiro
Como o sol em abril, que, de manhã, dardeja.
Tens os olhos azues. Os labios da cereja
Têem a côr vermelha, a rutilante côr.
És Rei. D'um povo inteiro o unico senhor.
És a esperança, a fé de vinte milhões d'almas!
Sonham a gloria já, hão de entregar-te as palmas
Colhidas bravamente em cem batalhas... glorias,
Triumphos e laureis contados por victorias!

Esse throno, que é teu, ergue-se ha dois mil annos!
E a raça, que o fundou, coeva dos humanos,
Já tem feito tremer, apavorada, a Terra...
Teu pae morreu. E tu vens evitar a guerra,
Que a successão de certo ía tornar fatal.
Hoje a regencia empunha o teu sceptro real.
Mas quando te deixar a edade da innocencia,
— Conquistador audaz — que te importa a regencia!
Dobra a teus pés o mundo.
... Ao collo das duquezas
Abrem-se á luz do sol teus olhos de turquezas.
Ao teu rosto infantil, rosado, pequenino,
Pasmo das multidões, chamaram-lhe divino.
E a lenda diz-te já filho d'um cysne. Poetas,
Homens de genio até, pedem ás borboletas
Que não vão perturbar, junto do regio berço,
O teu rosto gentil, quando no somno immerso.
. . . . . .

*

Tens dez annos... não vês?
És arrogante, altivo.
Se é vivo o que te cerca, unicamente é vivo
Porque tu queres. Tu incarnas Deus. Jamais
Ha de fixar-te o olhar dos servos teus leaes.
Olhem-te só os pés, a espinha curva, o joelho

Semi-dobrado, e assim escutem-te o conselho!
Passas na rua. Ouviste as musicas guerreiras,
E sonhas da victoria as saudações primeiras...
E essas lanças que vês, em reverberos crus,
E esses peitos aonde o sol, chispando, luz,
Que são, que valem mais do que materia bruta?
Não vês como, tremendo, aquelle velho escuta
A palavra infantil que os labios teus soltaram?...
Não vês os generaes, que a morte defrontaram,
Vergando o rosto ao chão, quando a cavallo passas?

Certo dia, através das colossaes vidraças
Do salão, onde um padre, a leccionar-te, achava
Cousa phenomenal (e tremulo hesitava)
Haver um rei no mundo irmão da estupidez,
Viste na rua, alem, dos vidros através,
Entre apupos seguir d'um saltimbanco ás costas
Um estranho monstro... E já do estranho mono gostas!
Humanas fórmas tem; mas é corcunda, é torto
O seu nariz. O olhar parece semi-morto.
É cambaio. Seus pés medem tres palmos. Rir-se
É ver-lhe a guela toda e quasi o peito abrir-se.
Fallando quer ter graça. E quando lhe fallaste
Chamou-te o seu pretinho...
... E tu graça lhe achaste!

Tem dez annos tambem, menos, que tu, um dia.
Aquelle ser disforme ha muito que gemia

Á chuva, aos vendavaes, as fomes, privações,
Suaves inda assim nas lobregas prisões,
Quando o lançava ahi a embriaguez, o roubo...

No castello ficou. Emfim... era o teu bobo!

De manhã, quando sáes do magestoso leito
Queres vel-o... brindal-o a ponta-pés no peito.
E a cada ponta-pé queres ouvil-o rir,
Rebolar-se no chão, saltar, correr... caír.
Algumas vezes eu, insidiosamente,
Armo-te de um punhal, e ao monstro repellente,
Dou-te mil tentações de lhe varar as costas.

Tens-lhe odio — bem o sei! — e ao mesmo tempo gostas
De o ver junto de ti, ás cambalhotas...
Quando
No esgar esse truão é molle, é triste, é brando,
Dás ordem ao veador, para que o esfolle em vida.
O medo dá-lhe graça, e faz-te uma partida?
A pena tem perdão. Dos galgos vae comer
O resto, o que sobrar... se alguma cousa houver!

. . . . . .

Bobo, mal sabes tu... mal sabes tu, ó Rei!
Que ha um laço entre os dois... e que fui eu que o dei!

*

Áve Cesar! Emfim, no throno aurifulgente,
Eis-te sentado, ahi, Senhor omnipotente!
Tem arminhos o manto, o manto purpurino
Que de teus hombros pende. O sceptro diamantino
Segúral-o na dextra altivamente. A corôa
Fulge em tua cabeça. O sol festivo côa
Dos vidros através a luz do meio-dia.
Olha!... N'esse salão, alem... não vês?

E eu via
A meu lado, sentada, uma mulher formosa.
O olhar negro, profundo, a pelle setinosa,
Sobre o peito de neve, a despedir scentelhas,
Brilhantes e rubins, do collo, das orelhas,
D'entre o cabello, aonde uma corôa esplende.
E, n'aquelle salão, que, á luz do sol, resplende,
Vejo a côrte. Talvez são mil fidalgos, são
Pares, duques, barões, os grandes da Nação,
São principes alguns, são todos que me adulam,
Que dobram sobre o solo o seu joelho e osculam
A mão que lhes estendo...
Á porta, alabardeiros
Immoveis, como a pedra. Escuto os sons guerreiros

Das trombetas lá fóra. Oiço o canhão troar.
E, não longe do throno, entre um sorriso, a olhar
Esta scena imponente, — em veste pintalgada,
De cujo cinto cáe de guizos a fiada,
Meia e calção, enorme a comica corcunda,
Sapato de verniz de ponta rubicunda —
Vejo o meu bobo ali! Como é que está alem
Aquelle vil truão, como se fôra alguem?

A DOR

Bobo! Mal sabes tu... mal sabes tu, ó Rei!
Que ha um laço entre os dois... e que fui eu que o dei!

*

Á conquista! Á conquista! oh sonho que te affaga,
Que te converte o seio em revoltosa vaga,
E que, cego, te impelle aos campos de batalha!...

Trabalha minha garra! Ó meu furor... trabalha!...

Segues... lá vaes... lá vaes!... Soberbo o teu corcel!
É altivo, é nervoso e tem olhar cruel.
Todo o estado maior a galopar, circumda-te.
Frio sol de dezembro a tua fronte innunda-te.
Sondas dos marechaes as offegantes almas.

E as almas, cujo ardor pelas sonhadas palmas,
Te impelliram tambem a abysmo tal, medonho,
Tremem... maldizem já o allucinante sonho!...

Segues... lá vaes... lá vaes! Ao longe, os esquadrões
Marcham por sobre a neve. Os negros pelotões
Serpenteam, alem, na linha do horisonte.
O pesado rodar da artilheria, ao monte
Ao plaino, ao cerro, ao valle, echos sinistros leva...
A neve cáe. O sol, ameaçando a treva,
Entre nuvens se occulta. A natureza chora...
Marcham mais esquadrões. Cavallaria agora,
Em confuso tropel, lanças ao ar erguidas!
Segues... lá vaes... lá vaes!... Das arvores despidas
Lembram os troncos mãos, que te maldizem!...Vae!
Quantos filhos, ó Rei, tu deixarás sem pae!...

Não vês?... Errante o olhar, á beira das estradas,
Convulsionado o rosto, a soluçar —coitadas—
Ellas —as pobres mães— como procuram inda
Aos filhos exprimir a saudade infinda?
Não vês como a tristeza innunda os campos, como
Em vez de trigo ha joio, a arvore é sem pomo,
Sem uvas o lagar, e sem arado a terra?
Ó Rei, pois não será uma loucura a guerra?
Treme de mim que um dia has de expiar teus crimes!...
. . . . . .

Faz alto a soldadesca. Os nervos, como vimes
Que açoita o vendaval, chocam-se bruscamente.
Estou no meu elemento. Ali, de tanta gente
Eu tenho corações a estrangular. A ti
Que vejo, pensativo, eu voarei. E ali
Uma duvida atroz ponho-te em frente... o medo
Da escravidão... talvez da morte!...
N'um segredo,
A teus ouvidos clamo:—eu sou inexoravel!
És rei? O que me importa? Argueiro miseravel...
Se eu te soprar... o que és?—zero na Eternidade.
Cesar? oh que irrisão! chama-te a humanidade!—
Mas n'essa epilepsia horrenda, que te abysma,
Unicamente em sangue a tua mente scisma.
E não me escutas... não!... Sangue dar-te-hei...
... Repara!

*

Fria a manhã raiou. Funeralmente uivára
O tremendo clarim. Na linha do horisonte,
Entrincheirado atraz d'um gigantesco monte,
Aguarda-te o inimigo. E mandas avançar.
Zigzagueando, então, começaram de trepar
Os esquadrões, febris, raivosos, espumantes...
E o sol, que nasce, immerge, em ondas palpitantes
De luz, esse milhão de creaturas. Leve
Já nos cumes surgiu a artilheria. E em breve

Entre nuvens de fumo ella se esconde...
Escuta!» —

Trôa medonhamente. Ó sanguinaria lucta!
Como em cada granada a Morte vae, feroz,
Rasgar, romper, quebrar, despedaçar da voz
A syllaba final d'uma palavra... a Morte
Com que volupia dá nos corações um córte!...
Como os craneos empilha, os membros despedaça!
Ah! Como a Dor cruel enche, festiva, a taça!

. . . . . .

Vejo... lá estou... lá estou no cume d'esse oiteiro.
Meu nervoso cavallo, o meu corcel guerreiro,
Orelhas fitas, treme, incendiado o olhar,
E, convulso e arquejante, anceia galopar,
Arrojar-se d'um salto a essas fataes gehenas.
Meu capacete é de oiro; e brancas são as pennas
Que o frio vento agita, em movimento leve.
Sobre a cota, que visto, a luz quebra-se breve,
Chispando em reverbero, intensamente cru.
Na minha mão franzina ergo o montante nu!

E contemplo... e contemplo aquelle quadro horrendo...
Olho... vejo? Percebo? Acaso comprehendo
A tragedia fatal que ali desenrolei?...

Olho... vejo? Percebo? Acaso entendo?... Eu sei!...
Os velhos marechaes que me rodeiam fallam-se,
Murmuram vagamente alguma cousa e... callam-se!
Olho; mas, no meu rosto, os musculos parados
Dão-me o parado olhar, d'olhos esbogalhados,
Hypnotico, olhar louco, olhar de pesadello,
Que fita, mas não vê, mas causa horror o vêl-o!

E, no cume do monte, os canhões a troar!...
Zigzagueando sempre a trepar... a trepar
Os esquadrões febris, raivosos, espumantes...
Mar de lanças convulso! Oceano louco! Ai! antes
A Terra te sorvesse exabruptamente!

Alem monte a planicie, e n'ella é tanta gente!
Tantas almas ali que a Morte espreita anciosa!
Trôa o canhão... Ribomba, em convulsão raivosa.
Como em cada granada a morte vae, feroz,
Rasgar, romper, quebrar, despedaçar da voz
A syllaba final d'uma palavra!... O dia
Triste, o rosto envolveu na mascara sombria.
A neve cáe... a neve em flocos, lentamente...
Lentamente branqueja os capacetes... Sente
A Terra o lençol frio, a glacial mortalha,
Em que os corpos embrulha essa feroz batalha!

A neve cáe; o sol é extincto... e cáe a neve...
E mal cáe, logo o sangue a espadanar, em breve

Vae listral-a, manchal-a, em jorros, em golphões!...
'Sparsos, aqui, alem, os corpos aos montões!
Craneos olhando os céus na fixidez da morte...
Peitos onde a granada, ao perfurar, no córte
Hiante, lacera, esmaga as carnes todas... Esse
Perde um braço e sorri! Da propria dor se esquece!
Mas, áquelle — oh meu Deus! — as pernas cerce voam...
Cáe-lhe o tronco no chão; e, emquanto ao longe soam
As descargas, o chão morde em convulsivo arranco...
Chão agora vermelho e que era ha pouco branco!
E morde-o... morde-o! Immerge a propria fronte em sangue...
E quando a estrebuchar, e quando quasi exangue
Sobre si rola, inerme, envia-me, n'um grito,
Um longo olhar...

A DOR

Olhar que te chamou: — maldicto!
Nada vês que não seja um mar de sangue enorme,
Onde tudo que é vivo, immerso n'elle, dorme
E sonha o pesadello horrifico, medonho,
Que foi e que será o teu constante sonho!
Não tarda a noite já... talvez, a noite escura...
Que a luz baça, a luz fria ha de ter pouca dura.
Rapida a sombra vem lambendo o fundo valle...
Aproveita... aproveita a luz — Anjo do Mal!
Dá-me agora um banquete horrendamente fero,
Capaz de estarrecer o coração de Nero!
Uma chacina grande, extraordinaria!... scenas,

Que apavorem até as amplidões serenas,
Que ao céu... ao proprio céu arranquem maldições...
Manda calar a voz na bôca dos canhões;
E pela encosta abaixo, a lança em riste, ordena
Que vão a galopar os teus dragões; sem pena
Carreguem na planicie o inimigo, até
Que um só não fique... um só não possa ter-se em pé!»—

E ordeno. O clarim sôa...

A noite vem descendo...
A neve cáe... a neve o manto vem estendendo...
E lentamente... é como a gelida mortalha,
Que se desdobra, é como essa ultima toalha
Onde o morto se occulta aos sequiosos vermes...
A neve cáe!... A neve os nervos faz inermes
E torna o coração frio como o granito.
Que tropel! Que tropel! Que tropel infinito!
Como n'um jacto sáe das ventas dos cavallos
O fumo, e como o chão, que o gelo cobre, em estallos
Se parte e se revolve! Ó legião do inferno!
Com que furia cruel, com que rancor interno
Avanças sobre o plaino!...
As sombras descem... leve
Em subtis flocos cáe a neve... a neve... a neve...
Os meus dragões, dez mil serão talvez!... couraça

Rútila sobre o peito, o ferro não trespassa
Elmos, que o gelo vae tornando quasi brancos!
Que tropel! Que tropel!
Em tragicos arrancos
Chocam-se peito a peito os negros cavalleiros...
Não lhes supporta o embate a fila dos primeiros
Nos quadrados, alem! Mil brados n'um só grito!...
Que tropel! Que tropel! Que tropel infinito!
Mole que parte, estilha, e lasca e se esfacella,
Raio, tufão que vem, cyclonica procella!...
São a pino os corceis, cruzam-se as lanças, chispam
Scentelhas, jorra o sangue!... olhos e nervos crispam!
Vertigem doida!...

É roto esse quadrado!... Agora
É matar... é matar por essa noite em fóra!
Qual procura na fuga a salvação, e qual,
Os peitos do corcel varando, em sanha tal,
Deixa que a lança hostil a gorja lhe trespasse!
Rangem dentes... o olhar é como se lançasse
Chammas, a voz pragueja, uiva, sinistramente...
Rolam corpos no chão, de cavallos e gente!
E é já sobre montões, amalgama sangrenta,
Que a legião se bate... a legião cruenta...

Rumor confuso! Um som, que é estridulo e profundo,
De mil gritos, mil ais, dos que a deixar o mundo
Vão arrastados, vão, n'um turbilhão maldicto!

Que tropel! Que tropel! Que tropel infinito!
Elmos fendidos, rubro sangue a empenachar-se!...
Torcidos sobre a sella os corpos a dobrar-se
Na furia d'attingir o peito do contrario...
Rumor confuso... um som medonho, extraordinario!
É já sobre montões, amalgama sangrenta,
Que a legião se bate... a legião cruenta!...

. . . . . .

A noite já desceu. A noite é clara... A lua
Triste, no céu se ergueu e pallida fluctua...
Soam clarins. É finda hoje a batalha. Quando
For dia voltarão os meus dragões. Olhando
Vae a lua no espaço aquelle campo. E a neve
É o pranto que o céu, ao contemplal-o, teve!...
A neve cáe... é branco o plaino... Alem... aqui...
Manchas negras...
Meu Deus! São corpos... bem os vi!
Bem os vejo: no chão... braços abertos, rosto
Fendido, olhos no espaço. Aos labios, o desgosto,
A raiva, a Dor impoz medonha contracção...
Seguem... lá vão... lá vão os meus dragões... lá vão...
Lá se afastam... lá vão, aos rufos dos tambores,
Aos echos dos clarins... altos dominadores
Cavalgando... lá vão...
Serenamente, a lua
Triste, no céu se ergueu e pallida fluctua...

E os echos dos clarins e o rufo dos tambores
Vão gritando, gemendo... e ao perto vão e ao longe...
Agora simulando as orações d'um monge,
Logo em 'stridulo som, ameaçadoramente,
Entoam da vingança o canto repellente!...
Ora exalçando já, nos rutilos clarins,
A victoria cruel d'um bando de mastins;
Ora, no som dolente, os echos vão fallando
De tristeza, de morte, e d'exterminios, quando
No céu romper a luz da estrella da manhã...
—*Plan... plan... plan... rataplan... plan.. plan... plan... rataplan...*

E a lua tão serena!... E o céu tão claro!...E a neve
Lentamente, a servir d'uma mortalha leve
Áquelles corpos!... Vem descendo, devagar...
N'uma grasnada vil... a pairar... a pairar...
Vem descendo do céu, as azas pandas, voando...
Garra estendida já... já o distingo... andando...
Bando de corvos... eil-o!... É bem lauto o manjar!

E tão sereno o céu! Translucido o luar!
D'um lado, e d'outro lado, o gelo cobre os montes.
Tristes vão soluçando as crystallinas fontes
Ao soturno grasnar dos corvos que devoram...
Medonha saturnal! Té as estrellas choram!

Longe... já vão mui longe os meus dragões... No emtanto
Abre, aos echos, a noite o constellado manto,

E os echos volvem sempre em sepulchral affan:
—*Plan... plan... plan... rataplan... plan... plan... plan... rataplan...*

É soturno o grasnar dos corvos que devoram...
Desenterram do gelo os corpos!... Como foram
Sorver o baço olhar d'esse gentil guerreiro,
Que, preferiu morrer, a ser meu prisioneiro!

É soturno o grasnar dos corvos que devoram...
Como é lauto o banquete!... Alguns soldados choram.
Inda gemem alguns nas convulsões finaes!
Mas os echos lá vem... a responder aos ais...
Mas os echos lá vem no sepulchral affan:
—*Plan... plan... plan... rataplan... plan... plan... plan... rataplan...*

E a lua tão serena! E o céu tão claro!...Vejo
Distinctamente ali, no cume d'esse brejo,
Velho soldado leal; bateu-se como um leão!
Fita-me... tenho medo! Olha-me... maldição!

Mas como a noite é clara! Ao longo da campina
Por vezes tem a neve a côr vermelha. É fina
Poeira que dos céus cáe sobre essas mortas cousas...
Talvez... talvez a erguer alabastrinas lousas,
Que as defenda, talvez, dos corvos que as devoram!...
Medonha saturnal! Té as estrellas choram!
Ah já mal se apercebe o tal sinistro affan:
Echo sinistro, mau: — *Rataplan... rataplan... rataplan!*

*

Céu azul. Sol diamante A Natureza em festa
Á luz da gloria esplende, o meu poder attesta!
Triumphador, regresso. Os meus dragões fieis,
Soberbos, cavalgando os marciaes corceis,
Altivos, entoando os rutilos clarins,
Celebram da victoria, aos ultimos confins
Do mundo, a grande fama immorredoira!... Abrindo
Vão o prestito; alem os esquadrões subindo,
Ora descendo o monte a artilheria seguem.
Vôam pombas no espaço. O canto não proseguem
As aves pelo ar, trementes, foragidas.

A batalha ganhei. Que importam cem mil vidas?
Para o canhão é feita a carne humana... agora
Do meu reino o limite é longe que demora!
Do meu reino o limite o mundo inda ha de ser!...

Céu azul! Sol de diamante! Eu nunca hei de morrer!
Eu sou o deus da guerra e da conquista! Povos,
Raças, religiões, os estandartes novos,
Rasgal-os-ha em breve a minha garra altiva!
O meu vassallo: o mundo! a Terra ha de, captiva,
Gemer sob o meu sceptro...
Ó céus como sou grande!

Como a pompa do dia a scintillar se expande!
Luz immortal...
Comtudo —que mysterio profundo! —
Eu, Cesar, eu heroe, eu, que domino o mundo,
Triste vou, pensativo, errante o olhar... seguindo
No meu negro corcel, confusamente ouvindo
Musicas, saudações, marciaes clarins, tambores...

A DOR

Sigo-te... E vão commigo (horror de mil horrores!)
Cem mil espectros!... Vês?...

. . . . . .

Cem mil espectros vão
Lançando sobre mim nefasta maldição!
Gritam, bradam em côro: — alma do negro... a palma
Da victoria é de sangue! Odeia-te a nossa alma!
Vae, infame... que nós hemos de acompanhar-te!..
Sempre, junto de ti, hemos, em toda a parte,
Dos teus olhos em volta irradiar visões...
Havemos de pairar, em doidas convulsões,
Em volta do teu leito ou dos festins á mesa!
Ha de a fronte velar-te uma eterna tristeza!
Nos momentos febris de luxuriosos beijos
Teu sangue hão de gelar os cupidos desejos!

E na furia, sem termo, insaciavel, rubra...
Procura-nos!...Talvez, que o teu olhar descubra,
Do ether nas espiraes, do nosso olhar, a luz...» —
. . . . . .

*

Calma noite d'abril! Inteiro o céu reluz
Constellado, formoso. A meditar, sentado
Junto d'uma janella, eu escuto o som pausado
E arguto d'uma voz, que assim me falla:
—«O povo
Descontente, requer a successão. Sois novo
Sois gentil, meu senhor... repudiae aquella
Que não foi n'este reino a mensageira estrella!» —

EU

E Roma?...

UMA VOZ

...Folgará, como na celha d'agua,
A eiró quando se escapa ao lume d'uma fragoa,
E Roma bemdirá o novo casamento...

UM DUQUE

Truão, fecha essa bôca! Os zurros d'um jumento
Não os escuta o céu...

O BOBO

... Mas póde ouvil-os Roma!

EU, *colerico*

Bobo! Maldito bobo! És filho de Mafoma!
Negro parto do inferno, has de explicar-me agora
O occulto pensamento!...

O BOBO

Agora... e sem demora.
Vêde: se eu tenho qu'ir ao canto d'esta casa
Cambalhotando assim, fique-me a lingua em brasa
Se para lá chegar mais que tres pulos dou...
Fazer curvas? Andar de roda?...Tolo sou!...
Direito como o fuso é que eu attinjo o alvo.
Fazer curvas? Trotar com a cabeça? Calvo
É que não quero ser; com estes pés anões
Erguidos pelo ar, em bruscos safanões,
No canto do salão, em pulos tres, erecto,
Eis o corpo gentil do teu bobo dilecto...
Imagina, meu Rei que, ás voltas, me rebolo.
Não póde acontecer, que alem e aqui, no solo,
Agudo prego rasgue esta cabeça linda?...
Magestade... ora pensa... Olha que é tempo ainda!
Se ás curvas te vaes pôr, os pregos tantos são
Espalhados ahi... n'esse vasto salão
Que se appelida —A Europa— ás duzias, aos milheiros...
Que póde acontecer, que esses fieis guerreiros

Affeitos á victoria e que á lucta se apromptam,
Se rasguem d'uma vez... nos pregos que não contam...
Uma esteril princeza... uma rainha, assim,
Traz a desgraça ao reino — a ti ó Rei e... a mim!
Depois, o que se faz? O que se faz á planta,
Que medrada e crescida, entre verdura tanta,
Sempre o fructo negou, avaramente?... Corta-se!

O DUQUE, *baixo para o bobo*

Maldicto anão! El-Rei não te escutou. Importa-se
Com o que dizes, pouco. Em somnolencia immerso
Idealisará, talvez, da descendencia o berço...
Mas continúa, falla. O poder d'um jogral
Em certas occasiões não tem poder rival...

(A tarde desce tranquilla. O sol agonisa no poente reverberando em clarões sanguineos toda a linha do horisonte. A minha face ao de leve inclinada, encosta-se á mão direita. Os meus olhos estão cerrados, e a respiração apressada trahe o labor do agitado pensamento.)

O BOBO, *continuando*

... Hei de pegar na planta e trabalhosamente
Ir de novo enterral-a em chão diverso e quente?...
Não vale a pena... eu planto outra em vez d'ella. A raça
É que, melhor, procuro... e acaba-se a desgraça!...
O pesadello foge!... O reino, em festas, em folguedos
Não penetra jamais os intimos segredos...
Para que hei de ir enchendo as cellas dos conventos
De monjas, que, em seus ais, e tremulos lamentos,
Fazem pavor até ás águias pelos ares?

Depois... quem nos não diz, que pelos largos mares
Possam surgir as naus, bem artilhadas, vindas
Das regiões d'alem, onde ha princezas lindas,
Irmãs da monja presa, a reclamar vingança?
É porventura um rei uma qualquer creança,
Que os espectros da noite, os phantasmas da treva
Apavorem?... O sonho os traz... o sonho os leva!
(Quasi ao meu ouvido)
Ó Rei!... decide já: enleadas ao meu seio
Tenho viboras tres, de negra lista ao meio...
O veneno subtil, que ellas segregam, quando
Vertido no crystal, n'um vinho doce e brando,
Dá, n'uma embriaguez, a morte tão suave...
Morte, que mais parece o somno d'uma ave!.

EU, *erguendo-me terrivel*
punhos cerrados, olhos flammejantes

Bobo do inferno, monstro! Ah explica-me o segredo
Que tens de perceber aquillo, que eu, a medo,
Pensei, e de mim proprio apavorado occulto!
Acaso, vil truão, ó repellente vulto,
Incarnas tu a idéa... uma sinistra idéa,
Que dentro do meu craneo, a crepitar, se ateia
E rasga, dia a dia, esse horisonte novo,
Por que minh'alma espera e... por que anceia o povo?

O DUQUE

Meu Senhor, quanta vez a Providencia escolhe
A lingua do truão, que o Rei bondoso acolhe,

E faz que do grotesco a grande idéa surja!...
Para firmar a paz é mister que resurja
A paz do coração, que tendes tão inquieto...
A princeza que amaes, olympico decreto
Requer que ao vosso lado a senteis sobre o throno...

O BOBO

E Vossa Magestade ha de gosar um somno
Que Tiberio jamais poude dormir em Cápua...
E descanse!... a Rainha... eu, sem auxilio... tapo-a
No carneiro profundo, occulto lá na igreja.

EU

A successão... eis tudo! Infame bobo... seja!

. . . . . .

A DOR

Bobo... mal sabes tu... mal sabes tu, ó Rei,
Que ha um laço entre os dois... e que fui eu que o dei!

*

N'esse vasto salão, lá no topo da mesa
Lá me vejo, lá estou... Sou eu! Mas que tristeza!
Mas que anceio febril os olhos meus traduzem!...
Cem convivas, crystaes, baixellas de oiro luzem!
Vinhos espumam. Festa opipara, pujante!
É noite; o céu é calmo. Effluvio penetrante

De magnolias, ascende, embalsamando os ares.
Luculiana festa! Os poeticos cantares
De zingaros, alem; as musicas entoam
Alegres saudações como os crystaes, que soam!
Das princezas gracís d'olhos azues —saphiras,
Arfam dos seios nus desejos em espiras...
E riem... como ri a madrugada bella...
...Ella, porém, não ri!... Mas como é triste, aquella
Que logar d'honra tem n'aquella mesa regia!
Que pallidez innunda a sua fronte egregia!
Que orla negra encovou os olhos negros!... Cáe-lhe
Das finas mãos a taça... e um grito, enorme, sáe-lhe
Da opprimida garganta...

... Obliquamente olhei
O canto do salão... e o bobo lá achei!...
Ria... que riso aquelle!... a bôca muito aberta!...
Os olhos — dois carvões de rubra chamma incerta,
E maior a corcunda e mais anão, talvez!
Penso matal-o ali, quero pizal-o aos pés,
Cevar no monstro vil a furia, em que me abysmo,
E não posso!... Porque? Que horrendo magnetismo
Possue o seu olhar, olhar de mocho, olhar
Phosphorocente, como um tempestuoso mar?...

A DOR

Bobo... mal sabes tu... mal sabes tu ó Rei
Que ha um laço entre os dois... e que fui eu que o dei!...

*

Ella, a santa lá vae... Parece adormecida!...
Lá vae no seu caixão, em busca da jazida,
Cingem-n'a, estreitamente, as brancas açucenas...
Mulher, qual foi teu crime?

A DOR

O seu amor, apenas!
Na torva profundez dos antros da tu'alma
O aroma d'essa flor, d'uma doçura calma,
Devia fatalmente evaporar-se em breve!...
Como te amava, a santa! E assasinaste-a!... Deve
Ser muito longa, ó Rei, a tua expiação!
Oh quanto soffrerás n'uma outra incarnação!
Como em ti cravarei, n'uma volupia estranha,
As minhas garras, como hei de varar-te a entranha,
Aos poucos, lacerando o coração precito,
Que me solicitaste, em clamoroso grito!...

EU

Explica-me: quem é a pallida mulher
D'alvo cabello esparso... alem... que eu estou a ver?
Tem impressa no rosto uma agonia intensa!
Seu labio se contrahe. N'uma penumbra densa
De lagrimas no olhar, que em colera scintilla,
Energico protesto, a indignação desfila...

É magestosa a fronte. A sua voz sonora
De mais em mais se eleva, e, retumbante, agora
Maldiz-me!?...

A DOR

Tua mãe!
No soturno convento
Vaes sepultal-a em vida. E dando-a ao esquecimento,
Crês aquietar, assim, teu coração enfermo.
Teu crime adivinhou. Da discussão ao termo,
Ella, a velha rainha, em revoltada phrase,
Chamou-te — um assassino — e te maldisse quasi!...
Tu mandas-l'a prender. Um trama urdiste. Em breve
O diadema real ha de caír da neve
Dos seus cabellos. Ha de uma mortalha escura
Cingil-a para sempre em lôbrega clausura!

*

Vejo-a. Lá vae chorando a desditosa. Choram
Compassivas tambem as monjas, que me imploram
Graça, mercê, perdão. E eu não respondo. Apenas
Hypocrita, aconselho as orações serenas.
E ouso fallar em Deus!
. . . . . .

O meu truão conclue,
Que do Estado a rasão o sentimento exclue!

*

Eis-me em Conselho. Ao pé do resplendente solio
Curva-se um velho a ler, a consultar o in-folio,
Onde ha sangrentas leis contra os rebeldes; leis
Que os entrega ao cutelo, aos tratos mais crueis.
Ministros, os barões, pares, duques, senhores
De castellos leaes, altos conquistadores
Vindos de longe ali, ali se encontram juntos
Do Estado a resolver transcendentaes assumptos.

Sob o docel vermelho eis-me sentado. O dia
Triste, lento descáe... Travez a gelosia,
Pallido, morno, o sol d'um regelado outubro
Fere o salão n'um tom afogueado, rubro.

Frades no seu burel, lá do salão ao fundo
Lentos, em fila vem, n'um psalmear profundo,
Tomar assento. Vem aos dois e dois, e quando
Desfilam ante mim, curvam-se os dois, parando.

E o velho, em voz sonora, o resequido velho,
— Cujo encovado olhar alonga-se ao Conselho —
Tremula e magra mão ergue a apontar Jesus,
Que lá ao fundo pende a succumbir na cruz.
E brada: Deus louvado!
Apoz, a ler, pausando,

Vae cem nomes talvez. Murmurio grande, quando
Entre elles apparece algum marquez ou conde,
Ou duque, algum senhor de villas, que responde
Como rebelde que é, com a cabeça ao crime.

Mas a cada murmurio, eu, com desdem, sorri-me.

Quando é finda a leitura, em retumbante voz
Declamo assim:

—«Leaes vassallos meus! De vós
Eu fio da sentença o cumprimento. Morte
Com tormentos a quem suavisar a sorte
D'estes traidores vis, d'estes rebeldes. Quero
Que se erga um cadafalso em cada burgo. E espero
Que não se evada um só á justiceira lei!»—

—Juntos podem morrer com essa immunda grei
Dos cem mil judeus, dispersos na nação!...
(Grita um rotundo frade.) Os nobres bradam—não!
Não! Ao fogo os judeus, e os herejes ao fogo!

E os leprosos tambem! —rapido acudo logo—
Quero na praça ver a collossal fogueira
Tres dias, crepitando. Hei de extinguir a poeira
Da heresia que vae tornando-se importuna!
Quanto aos nobres é bom que só o cutelo os puna!

Mas, para exemplo, ordeno ao alto executor,
Que mande suspender seus corpos... O condor
Os milhafres, o tempo hão tragal-os...
Leaes
Vassallos meus: o Erario é hoje escasso, taes
As despezas hão sido. A guerra é cara. Urgente
Se torna, pois, mudar esse valor corrente
Que hoje a moeda tem. O cumprimento fio
D'este decreto em vós»—...
E intimamente rio!

. . . . . .

A DOR

Bem sabes tu, algoz, quanta injustiça esconde
Esse infame decreto!... Até um certo conde,
Cuja filha impelliste a deshonrosa senda
Entrègas ao cutelo! A expiação tremenda
D'esse bando infeliz teve uma causa apenas:
—Seus castellos, que tu cubiças. Duras penas
Fazes caír, sem dó, sobre a cabeça altiva
D'um nobre velho!... Ó Rei, és a deshonra viva
Da Humanidade! A orgia impenitente, infame,
Da côrte que te adula, o nauseabundo enchame
De prostitutas vis, de barregãs duquezas,
Extinguem do Erario a força, em colossaes despezas!
E tu... que fazes tu, ó salteador egregio?
—Alteras a moeda em teu decreto regio!
Que te importa do pobre a attribulada vida,

Do lavrador modesto, alem, no campo, a lida?
Que entre na humilde choça a fome negra!... Embora!
Gosa!... Que diversão, que tu vaes ter agora!

*

Lá estou!... Lá estou! Sou eu! Amplissima janella
Olha a praça d'aqui. Que grande praça aquella!...
Sou eu. Visto de negro. O meu chapéu tem plumas.
Claras rendas no punho. Umas fidalgas, umas
Languidas e gentis condessas me sorriem...
Faço-lhes madrigaes. Ellas respondem, riem.
Qual procura a meu lado a preferencia haver...

Lá no centro da praça, então, começa a arder
Uma enorme fogueira em rubras labaredas!...
Crepita, oiço d'aqui, ruir as grandes medas
De toros a que o fogo apega-se instantaneo!
Torna-se opaco o sol. Em espaço momentaneo
Se occulta. Em turbilhões o fumo leva o vento,
N'um rolo pelo ar, negro, compacto, lento.
Quando a chamma descáe, torcendo-se, phantastica,
N'uma fina espiral, como uma cobra, elastica
Trepando, ora descendo em redopio... alem!...
A negra procissão... vejo-os... são elles... vem
Os leprosos... lá vem... herejes e judeus...

Enviam me um olhar. Erguem a vista aos céus,
Algemadas as mãos, a cambalear, gritando...
Oh como eu rio! Em breve o fogo os vae cercando!...
São lançados em pilha. Azul o fumo ascende.

Folga a côrte. Meu labio um madrigal desprende!

*

No grande bosque umbroso uma real caçada
Trilha, desde manhã, a relva perfumada.
Pelas ruas, que o sol não penetrou jamais,
Amazonas gentis, frontes bellas, ducaes,
Pagens, donzeis, lá vão, nos seus cavallos, onde
Haja, d'um lago á beira a fresquidão da fronde.
E te'm olhar nervoso esses ginetes... lassos
Offegantes, ar puro aspiram dos espaços,
E relincham, escarvando a relva, triumphantes.
Começam de surgir, nas aleas odorantes, .
Inquietas, a ladrar, dos galgos as matilhas;
Falcoeiros as contêm difficilmente. Ilhas
Ha d'esse lago ao centro, occultas na verdura.
Altivos cysnes vem, d'uma ideal brancura,
Subtilmente a cortar as aguas crystallinas.
Pescoços alongando em curva airosa; finas
Pennas espanejando em lubrico menéio.

Occulto entre a verdura ha d'esse lago ao meio
Um pavilhão chinez, templo de Flora, ideal,
Formoso, rendilhado em ambar e crystal...

Lá me vejo... lá estou. Poiso no collo d'ella
Minha cabeça, olhando aquelle busto, aquella
Fronte que tanta vez em beijos escaldei...
Beijos em cujo ardor o refrigerio achei!...
Tremem-lhe as pomas, quando a viração perpassa,
Despede seu olhar fluido subtil de graça,
De encantos, que não sei quem os possua mais!...
A negra trança é esparsa; os labios são coraes,
Entre-abertos, pedindo humidos labios... Quero
Louco, mordel-a toda, anceio amal-a e... espero!
. . . . . .
—«Tenho gelo no sangue, ó minha amante... vamos!
Margem alem a côrte aguarda-nos»— Olhâmos
Fitos, avidamente, os nossos olhos... Não!...
Quasi me foge a voz. Pára-me o coração.
Margem alem a côrte aguarda-nos!...

A DOR

Não vês?
Spectros andam gemendo, em volta, ahi, onde és:
— «Nos momentos febris de luxuriosos beijos
Teu sangue hão de gelar os cupidos desejos...»—
. . . . . .

*

Festival alarido enthusiasma a côrte.
Os pagens, os donzeis correm do sul ao norte
A rir, a rir, a rir, contando a nova estranha.
Quando apressado chego, a alegria é tamanha,
Que attonito me deixa, interrogando a causa.
A causa — o meu truão. Posto no riso a pausa
Mostra-me uma duqueza, em exclamações d'assombro,
Um pequenino vulto, um anãosinho ao hombro
D'um falcoeiro. Eu rio, examinando-o. Tento
Pegar-lhe... vel-o ao pé. Mas escuto um lamento,
Uma supplica, um ai. Ajoelha-se o truão,
Pede-me a soluçar, que não lhe ponha a mão!
Diz-me: — «Senhor, ó Rei, essa creança é minha!
É meu filho... perdôa!... É nova... ella é tenrinha...
Morre se cáe no chão... entrega-m'a... depressa!
Que póde molestal-a o frio na cabeça!
Roubaram-m'a... occultei-te esta aventura... eu sei...
Mas perdôa ao teu bobo, ó meu Senhor, meu Rei!
Tive-o d'uma cigana, uma anã como eu sou...
Teve-o, depois... fugiu... o filho abandonou...
Dá-m'o... verás mais tarde a graça da creança,
Quando podér correr e eu lhe ensinar a dança!» —

Pela primeira vez eu vi chorar o Bobo.

—«Leva-o comtigo. Vae. Descansa! não t'o roubo.
Entrega-o no Castello.»—

Elle parte, contente.
Leva o pequeno anão tão carinhosamente!...

A DOR

Bobo, mal sabes tu... mal sabes tu ó Rei,
Que ha um laço entre os dois... e que fui eu que o dei!

*

Noite d'angustias mil! Ha quantas não socego?
Ha quantas eu anceio a escuridão do cego,
Em vão fechando o olhar, que o somno abandonou!
Serão remorsos, isto? Acaso louco estou?
Leito, maldicto leito! antes fôras o tumulo!
Parece que cheguei do meu reinado ao cumulo...
Só em volta de mim rebeldes e traidores!...

Pesadellos crueis... N'este meu corpo, dores!...
O meu suor é sangue. Eu poiso a mão, reparo
Impressa fica a mão a sangue logo. Paro
Abandona-me a força. Andando, os ossos partem-se!
Julgam-me extincto já. Os condados repartem-se,
Os feudos erguem alto o pendão da revolta!...

Noite d'angustias mil! Andam mochos em volta...
Olham-me dois ali, com seus olhos redondos.
Grasnam corvos tambem, são animaes hediondos!
E todos no Castello adormeceram!... Longe,
Só ouço a voz do mar, que mais parece um monge.
Olham-me dois ali, com seus olhos sinistros!
E ninguem os enchota!... A dormir os ministros!...
Todos me deixam só... até o Bobo!... Os mochos
Entram pela janella. Eil-os... aos pulos... coxos,
Vão fitar-me d'ali!... dos cantos d'esta casa!
Pois não os olho... não! que tenho medo... é braza!...
Lembra um carvão ardente aquelle olhar tão fixo!
Quem me dera rezar. Não tenho um crucifixo!...
Se eu podesse dormir! É noite ainda... a aurora
Rompe tarde no inverno. Ainda é noite agora!

A DOR

Arrastando-te ao leito, inclinas a cabeça
No largo almofadão. Acordo-te, depressa,
Tocando-te ao de leve o coração partido.
Mochos na tua frente. Ergues-te espavorido!...
Vaes á janella. A aurora arranca da penumbra
Cousas, vagas ficções, que a escuridão obumbra...
Hirto... pallido espectro, és um phantasma horrivel
Lá no alto da torre. A rosnada é terrivel
Dos lobos, que, a ulular em torno da ruina,
Corpos vão disputando ás aves de rapina.
E a luz lenta desponta. O mar é já vermelho.

Não tarda o claro sol. Tremes com frio, velho?
Suspiras; se os villões ouvem teus ais... lá fogem!
Benzendo-se talvez... pedras, talvez, te arrojem!

. . . . . .

Acham-te de manhã, em syncope tombado,
No chão junto do leito. O Paço alvoroçado
Penetra de roldão na camara real.
Chamam-te logo á vida —El-Rei está muito mal—
(Murmuram devagar os physicos da côrte.)
E a camarilha julga assustadora a sorte
Da nação que se parte em luctas intestinas...
Espreita-te o Bobo; viste-o através as cortinas
Do toro, onde o teu peito em convulsões arqueja.
E viste-o, e tremes todo!... O olhar que te dardeja
É sempre o olhar do mocho, olhar cruel, redondo,
E persistente, e fixo... Elle lá está o hediondo,
O disforme truão... a bôca contorcida,
Negra, terrosa a côr, a testa deprimida.
Lá te espreita... lá está! Embalde vaes fallar-lhe.
Imperceptivelmente, a custo perguntar-lhe
P'lo filho. Assim o olhar, cuja expressão maldicta
Te assusta, ha de tomar uma apparencia afflicta...
E elle, o Bobo, sorri palacianamente;
Diz-te, que o filho chora ao ver-te assim doente...
Que tem graças e força, uma alegria infinda,
Que é, emfim, um prodigio... uma creança linda!

*

Os physicos da côrte, em junta convocada,
Resolvem de melhor, que tenhas por morada
Um roqueiro castello á beira-mar assente.
Lá estás... não vês? O oceano a soluçar, plangente,
Threnos vae murmurando ás rochas de granito...
D'alcyones o bando, a demandar o infinito,
Ao largo vão seguindo as vélasinhas pandas...
Calmas tardes do outono! Arrastas-te... não andas.
Vaes a custo amparado, entre o robusto braço
De dois monges. Ali, n'esse terreiro, o espaço
Gostas de contemplar té ao caír da treva...
Como a tarde é tranquilla! O mar os olhos leva
N'um extasi suave... adoração bemdicta!
Triste, os ergueste agora á abobada infinita.
Lentamente os desceste. Alonga'l-os, profundos,
Ai! tremulo, a scismar se existem outros mundos!...

Ao canto do terreiro o Bobo, sobre o chão,
Rebola-se a brincar c'o pequenito anão.
Cariciosamente o beija muitas vezes,
E ás voltas, e a grunhir—parecem dois maltezes!
Graves, junto de ti, aberto o breviario,
Os dois monges lá estão, d'aspecto funerario,
Fitando obliquamente o teu semblante esqualido...

Cerras o olhar. Dormir n'esse ambiente callido,
Seria para ti uma ventura enorme.
Ha quantos mezes já que o teu olhar não dorme!...
A noite vem descendo. Astros aos mil esplendem.
E as aguas pela praia a marulhar se estendem...
Dormir?... eu quero lá que durmas!... Rei maldicto!
Ergues-te em convulsão, abranges o infinito
Com teus olhos em fogo, uns olhos de epilectico;
Teu corpo sacudi, o debil corpo d'ethico
D'onde brota um suor ensanguentado. A bôca
Abres, e contorcida em impetos, e rouca
Deixa saír a voz medonha, que retumba
N'um som, que mais parece arrebatado á tumba!

—«São phantasmas... lá vem!... a remoinhar nos céus!
Andam por sobre o mar... Querem dizer-me adeus!
Soldados, generaes das minhas cem batalhas
Rasgam, sinistramente, as pallidas mortalhas
E agitam pelo ar a espada flammejante!
Conde... perdôa... Conde... ella foi minha amante
A tua filha... foi!... Ella lá vem!... Lá vem!
Tão branca, tão gentil. Ai! Não me toques!... Tem
No peito chaga hiante esse phantasma rubro...»—
. . . . . .

Exhausto, cáes no chão. N'essa noite d'Outubro
Lavraram-te a sentença os physicos da côrte.

*

Este suor de sangue é percursor da morte,
Já livido, o meu corpo, em soros se desfaz.
Cada vez mais definha. O que será capaz
De lhe dar um alento... alguma força apenas?
Inclinam-se a pensar, frontes calvas, serenas,
Dos physicos que vem de longes terras. Um
Uma idéa lembrou, que não tivera algum.

Diz elle—«morre El-Rei extenuado, exangue;
Sangue dar-lhe é mister. Hei de injectar-lhe sangue!
Sangue novo, robusto, um sangue de creança...»—

A DOR

Á porta o Bobo escuta o que diz a mestrança.
(Fui eu que ali o puz attento e curioso)
Ouviu... e cambaleia... e estupefacto... ancioso
Corre, desapparece...

Os medicos discutem:
—Convençâmos El-Rei! minha idéa executem!
E faz-se a transfusão... que o salvará, talvez.—

No quarto o Bobo entrou. Vae nos bicos dos pés;
Tem lagrimas no olhar; em convulsões, seu peito

Arfa assim como o oceano em temporal desfeito.
Inclina-se a espreitar o berço pequenino
Onde o filho a sonhar... (ó somno crystallino
Da innocencia!... tu deste ao anãosito informe
Um sonho meigo e bom!... A creancinha dorme!)
O pae olha-o febril, contempla-o docemente.
Ao de leve o beijou... mas lesto, de repente,
Tomando-o sobre a mão, sobre o seu negro pulso,
Desata a soluçar.. n'um soluçar convulso!

Bobo... mal sabes tu... mal sabes tu ó Rei,
Que ha um laço entre os dois... e que fui eu que o dei!

*

E sou eu, e sou eu aquelle Rei!... Senhor
Quasi da terra inteira, audaz, galanteador,
Um despota que fiz estarrecer o mundo?!
Morrer!... Morto já sou. Das orbitas ao fundo
Bruxoleante luz os olhos me allumia...

O meu physico mór falla-me baixo. Ouvia
Larga dissertação scientifica... no fim
Muito a custo respondo: *opera-me... pois sim!*
Mas elle volve mais—«Difficil vae tornar-se
Achar-se uma creança em condições... achar-se
O filho d'um cigano. Onde encontral-o, pois?»—

A DOR

Nos teus olhos accendo a chamma de mil sóes!
Ergo-te a magra mão, que descarnada treme.
O physico recua, e... espavorido... teme
Que a morte venha já na congestão final.
Gritas: o meu truão!... O bobo! O mesteiral,
Que vá.... roubar-lhe o filho...
E que intima alegria
Eu te insuflo, em cachão, no peito, que te esfria!...

*

Seis horas da manhã. Tudo no quarto a postos.
Céu nevoento. Cáe lá fóra a chuva. Rostos
Pallidos vejo em torno. Os physicos são tres.
Tomam-me o braço esquerdo. A ligadura aos pés
Do leito, sobre o chão ampla bacia argentea...

Subito, a porta ao fundo abriu-se. Abril-a sente-a
A minh'alma de chofre illuminada. Escuto
Surdo gritar do anão pequeno, o quasi-bruto,
Que se estorce nas mãos do camareiro. Um physico
A lanceta apontou sobre o meu braço tisico.

Outro colloca, presto, o aspirante apparelho,
Que vae desde o meu braço ao pequenito artelho.

O anão parece uivar, torcendo-se, convulso.
(Outro physico ainda a consultar-me o pulso.)
Sereno, olhando-os, diz — «Agora!
De repente
Injectam-me um golphão de sangue rubro e quente...

N'isto, d'um pulo, o Bobo irrompe, furibundo!...

A DOR

Bobo! Acabas tu a expiação no mundo!
Bobo! Já sabes tu, já sabes tu, ó Rei,
Que laço foi aquelle, o laço que vos dei?
Bobo! Tu foste um dia um castellão ferino,
Não sentiu nunca amor teu coração tigrino,
Nunca a piedade entrou nos antros de tu'alma!
Já te não lembras... não! d'aquella noite calma
Em que, supplice, o negro a vida te pedia?
Eis o negro! Eis o negro!...
O Bobo enlouquecia!

E a Dor, fitando-me, enygmatica.

Vou dizer-te, Alma errante, o que seja a loucura:
Olha o Bobo, olha o Bobo! A sua alma já pura
Deixa-lhe o corpo informe. Em volta d'elle paira;
E olhando-se a si propria, então ella desvaira
Contemplando a visão de incarnações pregressas.
Ouves o que elle diz? Que exclamações são essas?
Quem podéra entendel-o? Os doidos não se entendem!

Os seus gestos febris nunca se comprehendem,
Porque fallam, agora... a linguagem d'outr'ora
Fallada á extincta luz, d'uma diversa aurora...

E tu, a quem arranco o espirito sombrio,
Fitas no Bobo o olhar. Apenas tens um fio
Da vida que te foge... apenas um minuto...
Grita estridentemente o Bobo:

(Olhando-o, escuto:)

O BOBO

Nos lagos dos jardins coaxam as rãs, de noite!
E tu dormes, ó negro! Ha de arrancar-te o açoite
A pelle dos quadris. Hei de lançar-te ao mar,
N'uma tarde d'Agosto! Olha o negro a gritar!...
De que me serves tu tão lazarento e podre?

(Canta e ri.)

Era uma vez um Rei, odre de sangue... um odre
De peste e de luxuria...
Ah! Ah!
Ó negro, que lamuria
Vamos! Mergulha já!
Ah! Ah!
Sangue bebes—vampiro!
No peito das creanças.
Ah! Ah!
Mergulha! As ondas mansas
Recebem-te o suspiro!
Ah! Ah!

Comprei-te n'um leilão
Por quanto, já não sei...
Ah! Ah!
O meu filho, leão?
Dá-me o meu filho, Rei!
Ah! Ah!
Um negro feito Rei!
Ah! Ah!
Era uma vez um Rei...

A DOR

Inclinas a cabeça. A minha garra curva
Essa alma t'arrancou. Quanto ella vinha turva!...
. . . . . .

EU, *olhando a vastidão dos ceus,*
n'uma supplica pungente

Deus terrivel!... Deus bom! Perdôa-me, Senhor!

UMA VOZ

Remir-te-ha... descansa! a inalteravel Dor...

CANTO QUINTO

A narração, que a Dor acaba de fazer, perturba-me. Como eu fui cruel! Se o castigo segue a culpa, que atroz expiação me aguarda!

Eis-me — alma errante — fóra do Tempo, pairando no infinito Espaço, sob a rotação dos planetas, circumdado de constellações, que projectam a sua luz faiscante... Ao meu lado o colossal abutre da Dor, fixando-me, insondavel, ameaçador, a um tempo ironico e piedoso. Dir-se-ía gosar com a minha angustia... perscrutar, talvez, o meu hesitante pensamento...

Da Terra veem indistinctos brados, rumor confuso de lamentações... Almas passam junto de nós... Veem, como fugidas... a tremer... a voar sempre em busca do reino da Paz... Algumas, ao tocar-me de leve, accusam-me... outras, de mim se compadecem... E todas evitam, cautelosas, as azas negras da Dor.

Eu só, ao lado d'ella — d'ella, cujo olhar esphingico me apavora — eu, só, ermo de affectos, sem voz carinhosa de alguem... tremo! Invoco, então, o espirito de minha Mãe — d'aquella doce amiga a quem consagro os meus cantos...

CANTO QUINTO

..... Ai! vêde o que é ter mãe!
Quem diz o que ella diz? Ninguem... ninguem!...'ninguem!

THOMAZ RIBEIRO.

INHA Mãe! minha Mãe! onde te occultas?...
Cerca-me a eterna noite dos precitos!
Treva lethal, noite que me sepultas!...

Ó minha Mãe! não ouves os meus gritos?
Espectros, aos milhões, voam, pairando,
Seus ais alçando, andam plangendo, afflictos!...

O que será de mim... voando... voando...
Por entre as almas que me odeiam... só!
Sem teu olhar, ternissimo, tão brando!?...

Tem dó de mim! ó minha Mãe! tem dó!...
Que a negra Dor persegue-me, tremenda;
Depois do corpo me lançar no pó!...

—«E ainda a meio a tenebrosa senda!...
(Volve-me a Dor ironica, feroz,)
Existe a culpa e não existe a emenda!

Vem, alma errante! Ascenderemos nós,
Aos mudos céus d'onde, commigo, vejas
A evocação d'um soffrimento atroz!...

Sobe commigo, sobe!... Não desejas
Ver como as culpas redimiste? Amargo
O fel da taça que, a tragar, despejas!»—

E eu deixo-me levar... Ao largo... ao largo
Inda achar-te procuro, Mãe querida!
E eu deixo-me levar n'esse lethargo!...

—«Que vida me vaes dar, ó Dor, que vida?
Mas que tormento novo, indescriptivel,
Que possa a expiação dar-me cumprida?...

Não me responde a Dor. Pelo Intangivel
As azas grandes com fragor bateu...
E eu sigo-a pelo ether invisivel...

Tremendo, a sigo, na amplidão do Céu...
E a ouvir começo uma harmonia suave...
De cada vez que mais ascendo—eu...

Pára junto de mim, chorosa, uma ave,
Branca pomba que o céu demanda afflicta;
(Embora sobre o mundo os olhos crave...)

—«Pomba gentil, na abobada infinita,
Tu viste acaso a minha Mãe querida?
Ella suspende o vôo, pennas agita,

E, tremula responde, commovida:
—«A tua Mãe não vi!... mas eu fui Mãe!...
Deixei ha pouco os filhos meus na Vida,

Sósinhos, a chorar... sem mais ninguem!...
Dá-me que os veja uma só vez ainda!...
Dá-me que os leve pelo espaço, alem!»—

Voou... voou aquella pomba linda...
E eu sigo a Dor, que pelo espaço ascende,
Interminavel via, estrada infinda!...

Almas passam ali. Ninguem me entende!
As tisicas, da côr das açucenas,
Doira-as a luz que pelo céu se estende...

Pallidas, brancas, mysticas, serenas,
O olhar dorido, a trança esparsa e linda,
Fluctuante a gaze, que as envolve, apenas!

Tambem a ellas eu pergunto ainda:
A minha Mãe, a minha Mãe querida,
Viram acaso n'essa estancia infinda?

Dizem-me:—«não! Á luz amortecida
Da tarde fria d'um outono frio,
Foi que de nós partiu, n'um ai, a vida...

Tambem deixámos n'esse val' sombrio
As nossas mães a soluçar por nós...
E ha de voltar o perfumado estio...

Ha de o outono volver... mas ficam sós!
Não mais os nossos beijos lhes daremos!
Não mais hão de escutar a nossa voz!»—

—«Dize-me, ó Dor cruel, onde é que iremos?
Eu não quizera mais ouvir-te... ai! não!»—
Responde-me Ella só:—voemos... voemos!...

Roça-me as azas candidas então,
Alma subtil, que toda vae tremente,
E muda, e só, n'uma contemplação.

—«Talvez a visses tu, alma dolente:
—A minha Mãe, a minha Mãe querida?»—
Ella responde:—«almas de tanta gente,

Hei visto apoz, que abandonei a vida!
Descreve-m'a... talvez que perto esteja
A buscar-te, quiçá, desfallecida!»—

—«Descrever-t'a não sei! Quando me veja,
Certo estou que ao meu lado o vôo desprende,
E que me beija, qual ninguem me beija!

Em seu olhar, que o meu olhar entende,
Ha tanta calma, ha tanto amor, que só,
Mais do que a luz da madrugada esplende»—

—«Basta! ouve pois: (n'uma inflexão de dó
Segreda-me, a correr, em confidencia)
Ella ha já muito que deixou o pó,

Demora, alem, em celica existencia.
Aguarda-te, de certo, anciosamente...
Ascende... vôa... sóbe... e tem paciencia!

Quem me dera comtigo ir voando em frente...
Embora fosse a Dor, que me impellisse!
Mas houvesse eu tal mãe, que certamente

Não evitava a Dor que me sorrisse!»—

*

Subito a Dor as azas distendendo
Pára no espaço, olhando-me. Se eu visse

O espirito gentil, que não estou vendo;
Mas que procuro, em vão, nos Céus, ha tanto,
Não temera esse olhar, cruel, horrendo!

Mas só... mas só! E aquelle vago espanto
Da torva Dor, inda me aterra mais!
Quanto retumba a sua voz... ai quanto!

—«Pára ahi, alma errante! Alem não vaes!
Alem são as espheras, doces, calmas,
Aonde nunca soluçaram ais!...

Vivem ali, tranquillamente, as almas,
Puras, formosas, ideaes, serenas!
O Céu... ali! Eis do martyrio as palmas!

Entrevê, peccador! o Céu apenas...
Soffre, sonhando a quietação bemdicta!
Soffre, anciando libertar-te ás penas!

Soffre, a tremer, na abobada infinita!
Soffre, invejando os que repousam lá!
Soffre, iniciando a expiação maldicta!»—

Depois, começa a gargalhar... e dá
Rapido vôo, a circumdar-me... quando
Subito a vejo a Ella, que alem está!...

A minha Mãe! a minha Mãe! olhando
D'aquelle azul esplendido, formoso,
Meu Ser, que vae a Dor interceptando!

Ancioso o olhar, o seu olhar ancioso
Todo me inunda de immortal carinho!
E eu vejo-a, e choro, e rio, e gemo, e goso!...

E já a voz suave lh'adivinho!
Mas a Dor entre nós, lenta, perpassa...
E como a separar-nos de mansinho!

E Ella de lá a ver-me, toda graça,
Toda doçura, anceio infindo, terno...
Mas a Dor, entre nós, lenta esvoaça,

A dar-me assim esse supplicio eterno!
Fallar-lhe, ouvil-a uma só vez... depois
Leva-me ó Dor ao teu fatal inferno!

Leva-me... leva-me através dos sóes,
Á luz, á treva, onde quizeres, Dor!
Mas junta... junta um só momento... os dois!

Responde, a rir, o funeral condor:
—«Dize-lhe adeus, o adeus final... extremo!
Que não mais a verás, ó peccador!»—

E ergueu-se, e ergueu-me ao céu azul, supremo!...
—«Alma gentil... um beijo teu! Cá estou!...
(Junto de nós a Dor... mas já não tremo!

Ella é phantasma que a manhã levou!)

*

—«Lembras-te, filho meu, quando no mundo,
Vinhas de perto, ou longe, com que anceio
Nos reunia o nosso amor profundo?»—

—«Ai! se me lembro, Mãe! Era o teu seio
O porto amigo do descanso, o porto
Aonde adormecia sem receio!

—«Pois, filho, d'esse tempo extincto, morto,
A anciedade, senti, indefinida...
Teu calvario sonhei, chorei teu horto!

—«Ó Mãe, que crimes commetti na vida!
Visão atroz a Dor me desvendou...
E ainda a expiação não foi cumprida!

—«Não foi, não, filho meu!... E aqui eu estou!...
Ergastulos me foram estes céus,
... Á mãe, que o filho não acompanhou!

—«E como eu te chorei! Nos densos veus
Da incarnação sinistra, que foi minha,
Ó minha Mãe que falta... os olhos teus!

—«E eu quiz seguir-te, filho meu! A linha
Que a Dor traçou, eu bem a vi... tentei
Seguir-te sob a fórma de andorinha...

—«Porque não foste, Mãe? Eu sei... eu sei:
Alma perfeita não podéras ver-me,
A mim, que fui cruel... a mim, que errei!

—«Deus não quiz; eu pedi-lhe. Apenas ter-me
Aqui, á tua espera me deixou...
Que dor! As mães que possam entender-me!

—«E esperavas-me tu? Ao que passou
Na vastidão profunda d'este espaço
Perguntavas por mim? Onde é que eu vou?...

—«Se perguntei! A minha voz cansaço
Jamais sentiu interrogando os céus.
De olhar, o olhar era nevoento, baço...

—«Tambem eu! tambem eu!... Confiei em Deus!
Vinha ao lado da Dor a procurar-te!
E sem saber... vinha subindo aos céus!

—«Mas, filho meu! tu sabes? vou deixar-te!
Sinto que a Dor em breve nos separa!
E não posso... e não posso acompanhar-te!

—«Deixar-me, agora, Mãe!? Ó Dor repara,
Que a minha cruz, sem ella, mal sustento!
Que a minha expiação deve ser cara!

—«Ai! pobre filho! eu sei... o teu tormento
As fibras vae rasgar-te da alma afflicta!
E ella —a Dor— não conhece o sentimento!...

—«Na escuridão da cupula infinita
Que novo inferno a Dor me rasgará?
E eu sinto, Mãe, minh'alma é já contricta!

—«Tu lembras-te, meu filho, quando, lá...
Lá na Terra, onde, juntos, nos amámos,
Ías partir, na despedida, já,

Como o ultimo instante aproveitámos?...
Como eu te dava os meus conselhos mil...
Entre as bençãos e o pranto, que chorámos?

Como ao largo, depois, no céu de anil
Íam presos a ti os olhos meus,
N'uma longa caricia tão subtil,

Que não havia terra ou mar ou céus
Que teu olhar saudoso me levassem
O fervido calor dos labios teus?

Assim hoje, tambem! Embora passem
Entre nós as espheras, novos mundos
Surgam por entre nós, se despedacem...

Paires embora á flor d'abysmos fundos!
Nunca te esquecerei, filho, descansa!
D'ali... d'ali d'aquelles céus profundos!

E vae... já que é fatal! Uma Esperança
Nunca te desampare e a Fé tambem!
A Fé, qu'é d'alma a pomba azul e mansa!

E lembra-te de mim... de tua mãe!
Quando a Dor, mais feroz, te apunhalar
Dize: ella está a contemplar-me... alem!

Na eterna luz, eternamente a orar
Eu ficarei, por ti, eternamente!
Tu no espaço a soffrer, eu... a chorar...

Hemos de commover o céu clemente!
Adeus! meu filho, adeus! sinto que ascendo!
Chama-me Deus, silenciosamente!»—

. . . . . .

Mal a distingo já! Eis-me só, vendo
Densas nuvens correr no azul dos céus...
Reprobo, o olhar saudoso, ao longe, estendo!

Vela-me a Dor feroz os olhos seus.
Mas inda escuto a sua voz plangente:
—Vae!... vae! Já que é fatal! Meu filho... adeus!

Eu hei de orar por ti eternamente!

. . . . . .

*

Com tragica expressão, olha-me a Dor... Assim
Como um tigre que assalta, em furia, de repente,

Na garra negra e curva ella empolgou-me emfim,
E bradava: (que voz que pelos céus ribomba!)
—«Rolemos d'este azul, que me faz mal a mim!

Tomba na treva, cáe! Dos seios da luz tomba
Na escura immensidade onde só ais perpassam...
Onde jamais voou a immaculada pomba!»—

E, aos encontrões, rolando, eu sinto, que esvoaçam
Almas, em torno, erguendo espavoridos ais...
Que circulos de fogo aquellas almas traçam!

Que luz!... Que rubra luz de irradiações lethaes!

*

—«Olha! (grita-me a Dor)
Alem ao fundo a Terra,
Vertiginosamente, em movimentos taes,

Que pequena parece a vastidão, que a encerra!
Acocorou-se o abutre. As azas distendeu.
Subito a garra expande, e n'um brado que aterra:

—«Repara! Vaes nascer... E a tua Mãe sou eu!

CANTO SEXTO

CANTO SEXTO

Imperial Caeȝar, dead and turned to clay,
Might stop a hole to keep the wind away:
Hamlet. SHAKSPEARE.

O SALTIMBANCO

ANHÃ d'inverno. Manhã fria.
Dão seis horas. Cantam os gallos.
O ar é agreste, e ha ventania.
Range o arvoredo, dando estalos.
Manhã d'inverno. Manhã fria.

O burgo é pobre. Só cazebres.
Só arribanas. Só palheiros...
Nos curraes os bois têem febres.
Caras doentes os boieiros.
O burgo é pobre. Só cazebres.

Nos arrosaes o arroz verdeja,
Por entre os charcos, nos paues...
Mas lá, no alto, a ermida alveja,
A recortar os céus azues.
Nos arrosaes o arroz verdeja...

Detraz da ermida é o cemiterio.
E junto d'elle, um rio, ás curvas.
É verde negro, tão funereo!
Cheio de lodos, d'aguas turvas...
Detraz da ermida é o cemiterio.

Manhã d'inverno. Manhã fria.
Dão seis horas. Cantam os gallos.
O ar é agreste e ha ventania.
Range o arvoredo dando estalos.
Manhã d'inverno. Manhã fria.

Mulheres vão entrando, a pouco e pouco,
(Velando o rosto algumas no biouco)
Na pequenina igreja.
Tocam á missa os sinos, apressados.
O padre ergue a Jesus olhos maguados..
E o limpo altar alveja.

Uma velha sinistra, corcovada,
Andrajosa, descalça, abordoada
N'um cajado nodoso...

Pára, não entra. O olhar circumvagando
Procura ver se alguem a está olhando.
E, a passo cauteloso,
Lá vae, caminha, encosta-se, escorrega
Ao longo da parede,
Aos tropeções, como se fôra cega.

N'um pedaço de rêde,
Em trapos sujos, desbotada chita,
Alguma cousa, volumosa, esconde
D'encontro ao peito. Essa tal *cousa* grita,
Vage...
Caminha a velha, não responde.
Encosta-se, escorrega
Ao longo da parede,
Aos tropeções, como se fôra cega.

Ella sua, tem sêde,
Sente frio, não pára, não descansa.
Chega do cemiterio á porta. Abrindo-a
Toma á direita, desce. Vae cobrindo-a
Dos cyprestaes a sombra esguia. Mansa
Murmura ao fundo a agua do ribeiro...

Parou. Torcendo o corpo, os vesgos olhos
Lançou em volta. O chão era em declive. Abrolhos
Urzes, cardos, uns pés de jasminciro,
Tapetavam-no até junto do rio...

Acocorou-se a velha, esgravatando
Com seu bordão, a terra humedecida.
Mas é intenso o frio!
Mas os minutos breves vão passando...
É a missa, não tarda, concluida...

Ella esgravata, ella revolve a terra.
Mas seu intento em vão consegue já.
Som de passos a aterra...
(Inda á porta da igreja ninguem está,
Que a missa não é finda.)
N'isto sáe do volume outro vagido...

N'isto levanta a Deus. O sino tange.

Outro vagido mais, mais outro ainda...
E outro vagido
Mais retinido...
Murmura a velha, então, e os dentes range,
Violentamente, arremeçando o embrulho,
Que vae rolando, aos saltos, pelas urzes,
Pelos cardos em flor:
—« Nada!... que ouvi barulho!...
Cruzes! cruzes! cruzes!
Fica-te ahi—'stupor! »—

De novo a Deus levanta. O sino tange.
. . . . . .

A DOR

Lá vaes! lá vaes!... Lá vaes rolando sobre o matto!
Ensanguentado ser, envolto n'um farrapo.
Ampara-te na queda o tronco d'um salgueiro.
Beijam-te quasi um pé as aguas do ribeiro!...

*

Meio dia. O sol aquece.
As gallinhas cacarejam.
Cigarras chiam. Voejam
Pelos espaços em S,
As borboletas azues,
E brancas, côr de cereja.
. . . . . .
Mas, em frente, o arroz verdeja...
Mas lá na frente ha paues!...

Margem alem, nas terras desbravadas,
Rouquenho som se escuta d'um tambor.
Bam! bam! bum! bam! bam! bum...
E em rufos, ás guinadas...

São saltimbancos. Um
É um gigante quasi. Terrea a côr.
Rubro turbante na cabeça chata.

Rotos calções azues e meias pretas.
Uma mulher mulata
Com elle vem. Horrendamente feia!
Caminha ás piruetas
Arregaçando a saia,
Que é de remendos complicada teia.
Na mão direita, á laia
De pingalim, agita uma serpente.
E na esquerda, á corrente
Pelo focinho, um urso magro arrasta.
Urso triste, esqueletico,
—Tão faminto, que pasta!
Fareja, á frente, um gozo preto, ethico,
Com as costellas todas descarnadas,
A andar, trocando as pernas esbrugadas.

Segue o urso uma cabra, tetas cheias,
Pelluda; e aqui, alem, tosando a esteva.

O cão fareja, entra no rio. Areias,
Urzes, as hervas, no focinho leva.
Transpõe, ladrando, a margem do ribeiro
D'agua barrenta, escura.

Silva o gigante. O cão não vem, mas ladra.
Chama-o, não vem!... Murmura:
—« Isto é que não me quadra!
Que terá o rafeiro? »—

Retrocedeu. Foi ver.—Junto do embrulho,
Ladrava o cão, com infernal barulho.

Olá! olá!... (berra o gigante) Esperem!

E em breve, a rir, ás gargalhadas, volta,
Nas mãos trazendo aquelle fardo estranho.
Contempla o urso e o cão e diz-lhes: Querem?
E o urso, a olhar guloso, um uivo solta.
Um pulo dá o cão, pulo tamanho,
Que por um triz o não aboca.
Então
Interpõe-se a mulata, examinando:
—« Olha: é rapaz! Mas vê... Que perfeição!
Creança gorda e forte!
Não quero, não!... Não has de dar-lhe a morte!»—
E o gigante, increpando:
—« Quéres então que o urso morra á fome?»—
—« Se o não achasses, *home?*»—
Volve ella, os olhos pondo na creança:
—« Cria-o a cabra! O leite chega! Mama
Dois litros a serpente.
—«Pois toma-o lá, descansa!
(E com um riso idiota)
Queres que o dê á ama?»—

O cão ladrava furiosamente
Um pontapé o enxota.

Seguiram. A mulata, a certa altura,
O olhar espraia á colossal figura
Do saltimbanco, e diz-lhe:
—«Da morte venho de livral-o; fiz-lhe
Sem duvida um favor!
Outro, porém, egual, senão maior
Me deves tu! Repara n'este braço:
Repara n'estas pernas, n'este tronco!»—

Volve o gigante, com sorriso bronco:
—«É certo!... Tens rasão!
Ainda se faz d'isto um bom palhaço!»
E ella contente: —« Ha de ganhar-nos pão!»—

. . . . . .

A tarde desce tranquilla.
São as ruas... estrumeiras.
Fossam porcos. Cães de fila
Ladram, ao longe, nas eiras.
A tarde desce tranquilla!...

Garotos correm, aos saltos.
E gargalham raparigas...
Pallidos todos. São altos
E flexiveis como espigas.
Garotos correm, aos saltos..

Cheio é já o adro da igreja.
Barretes rubros e azues!...
Lá ao longe o arroz verdeja.
Que lá ao longe ha paues!...
Cheio é já o adro da igreja...

Bam! bam! bum! bam! bam! bum! bum!
—«Queiram ver ó meus senhores:
Teve um só filho... Só um!
Esta cabra... teve amores...
Bam! bam! bum! bam! bam! bum! bum!

...Teve amores com um rei
Lá pelas terras de França...
Vae d'ahi... (Como, não sei!)
Deu á luz esta creança,
Que teve d'amores d'um rei!...»—

Bam! bam! bum! bam! bam! bum! bum!

A tarde desce tranquilla.
São as ruas... estrumeiras.
Fossam porcos. Cães de fila
Ladram, ao longe, nas eiras.
A tarde desce tranquilla!...

. . . . . .

*

A DOR

Olha-te, alem, não vês?...
Dez annos tens sómente!
Seis leguas hoje andaste. Incham-te as pernas. Doente,
Recolhes pela noite ao humido casebre.
Que sede te devora! Ardes, creança, em febre!...
O teu fato de meia é sujo, é roto. Usado
Ha annos, nem tem côr... Já foi lentejollado.
Mas se, ámanhã, na feira, eu te encontrar... ver-te-hei
Outro, que é novo e rubro... e digno até de um Rei...

Bebedo, o saltimbanco, aos pontapés no urso,
Na mulata e no cão, dirige-te um discurso:
—Doente não te quer! Deves-lhe a vida! Agora
És d'elle! E pois que és d'elle, as tripas põe-te fóra,
Ou lesto ganharás, no immediato dia,
Dando o salto mortal, uma certa quantia.

—«Por Deus!... dè-me agua, Mãe!»—supplicas lá da enxerga.
Mas o gigante ameaça:—«Eu ponho-te na verga!
Suspendo-te do tecto!»—

Alem...
...Eu lá me vejo.

Bruxoleante luz, em tremulo lampejo,
Sombras esparge, ahi, n'esse monturo infecto.
Traves negras, em cima, a segurar o tecto,
Que o vento desconjuncta, aos encontrões, violento.
E o gigante a gritar—«Levanta-te jumento!
Velhaco! Vamos lá! Dás, ou não dás o salto?
Penduro-te! Olha a verga! Olha que o tecto é alto!
E eu cá, de baixo, sei como rasgar-te a pelle
Á ponta de chicote!»—
Oh! que martyrio aquelle!...
Fixo no meu algoz o soluçante olhar.
—«Pois sim... meu pae... pois sim!»— E desato a chorar.
Torcendo as mãos febris, passando-as pelo rosto.

Qual pae, nem meio pae!... Tu não és mais qu'um exposto!...
(Uiva a fera, brandindo um azorrague)
—«Ó Dor!
Dá-me um momento, apenas, de repouso!
Eu tenho frio! Abraza-me o calor!
Se a agua até eu já pedir nem ouso!...

Tem dó de mim!... Mata-me de repente!
Livra-me d'esse algoz, que me tortura...
De que me serve esta existencia escura!
Dor inclemente?»—

A DOR

Se tenho, em ti, onde cravar as garras,
Havia de matar-te, ó pequenito?

Ás minhas tôrvas azas mal te agarras...
E já pedes a morte, em alto grito?!

Soffres?... Tu sabes lá o que é soffrer!...
Physicamente é cousa bem pequena.
A Saudade, a Magua, a funda Pena,
Tu sabes lá o que é!... Quéres morrer!

E tens dez annos só! Vem longe ainda
O tempo em que eu te surgirei, em frente,
Lá, n'uma escura noite, que não finda...
A olhar-te... a olhar-te inexoravelmente!

Dar um salto mortal, dar cambalhotas...
São cousas são, que hão de enrijar-te... Crê!
Gósto tambem de ver como é que trótas.
Como o corpo sustens sobre um só pé!»

*

Dista d'aqui sómente umas tres leguas
A grande feira annual
De bois, de porcos, de cavallos, de eguas.
E á hora matinal
Hemos de lá chegar. Soaram tres.

A caminho!... A caminho!
Por corregos sombrios, valles fundos,
Cambaleante, eu vou trilhando os pés.

Desmaia a lua pelos céus profundos.
O ar cheira a rosmaninho.
Nas aguas d'um regato, que alem passa
Sacio a sêde ardente...
Bemdicta sejas tu! agua de graça!

A caminho!... A caminho!
Lança-me o cão o olhar intelligente.
Ambos bebemos, sofregos, febris...
No regato mansinho.

Irrompe o Sol no vasto céu, contente,
Acariciando as flores.
Beijam-me a fronte as viraçõcs subtis...
Afagam-me os cabellos docemente!
Bemdicta sejas tu! manhã de amores!

Alem, a grande feira
E o grande circo, alem...
Povos de longe vem
Gosar, comprar, vender...
Que brados, que inferneira!
Que risos d'alegria!...
Que Vida ali havia!
Não quero já morrer!...

*

Transborda o circo:—o barracão de lonas,
Que ali, na feira, as attenções desperta.
Em letras garrafaes
Phenomeno curioso se annuncia...
Pintalgadas matronas
Mostram-se, ao poviléu, de bôca aberta.
Um realejo gemia
Trechos sentimentaes.

Diz o cartaz:
«Na *troupe,* que D. Fuas apresenta,
Vem um rapaz
Com dez annos apenas.
Intelligencia rútila, macabra.
Acobrata distincto, que sustenta
Aos hombros um gigante
Como um feixe de pennas,
Mas que é filho d'um rei, e d'uma cabra!

E a multidão no circo entrava delirante.

A DOR

Appareces. Lá vens. Produzes sensação!
Palmas, exclamações, e gritos estridentes...

Mas todos te acham triste, umas feições doentes,
Filho de coito vil! Filho de maldicção!...

Trabalhas. O gigante aos ares te arremeça.
E colhe-te nas mãos. Faz-te saltar, correr,
Rojar, torcer, pular, subir, trepar, descer.
Do trapezio tambem pende-te de cabeça...

E dás saltos mortaes. E sobre dez cadeiras,
Sobre-postas, em pé, (prodigioso assombro!)
Aguentas do gigante o peso sobre um hombro.
—Cousa que ninguem viu nas concorridas feiras!

Apparece, por fim, a tua mãe... a cabra.
(E aqui a multidão phrenetica applaudia)
Abraça-te o animal, a pretender que s'abra
Teu labio á têta molle e que, a oscillar, pendia!

Terminas. Podes crer. Produzes sensação!...
Palmas, exclamações, e gritos estridentes.
Mas todos te acham triste, umas feições doentes!
Filho de coito vil! Filho de maldicção!...

E quando fatigado, o suor, caindo,
Te inunda o rosto pallido, offegante,
Tomam-te o passo, adiante,
Um velho sacerdote e uma pequena
De talhe airoso, lindo,

Com dez annos tambem. Toda de luto.
Olhos negros, morena,
Um quasi nada mais que uma açucena!...

O padre, resoluto,
Ao gigante pergunta, d'improviso:
—«Pois não foi o senhor, que atraz dez annos,
Á minh'aldeia provocava o riso,
Mostrando esta creança, envolta em pannos,
N'uma cama de feno
A mamar n'essa cabra? Eu já o vi!
Pois tem feito progressos o pequeno!...
Eu lembro-me de si!»—
Ía a dizer que não o Adamastor...
Mas, repeso, inda a tempo, respondeu,
Vaidosamente: —«É certo, sim, senhor!»—

Como empallideceu
O velho sacerdote! Olhou-te... E apoz,
Em commoção horrivel,
Em funda commoção, trémula a voz,
Disse-te:—«Vae!... Descansa!
(E, quasi imperceptivel,)
Inda te eu hei de baptisar, creança!»—

A pequena, porém, que o padre ouviu,
Fixou-te o olhar, e, no seu rosto celico,
Todo um poema n'um sorriso abriu!

Tomou-te a mão a doce moreninha,
E subito, volvendo o olhar ao tio,
Interrogou, n'um tom plangente, angelico:
E quem é a madrinha?...

. . . . . .

N'essa noite, sentei-me junto ás tábuas,
Onde o corpo buscaste repousar...
E, em tua frente, as já soffridas maguas,
Uma a uma... mandei-as desfilar.

Guiava-as o gigante. Duro o aspecto.
O tragico chicote sobre ti...
Baloiças-te no ar. Mas cáes do tecto,
E a multidão, ás casquinadas... ri!

Tu choras, contundido... Mas, chorando,
Cynicas vozes vaes ouvindo agora:
—«Como o filho d'um rei se está queixando!
—Oh! como o filho d'uma cabra chora!»—

Mas, n'esse instante, angelica figura,
A menina morena d'olhos bellos...
E negros, negros como a noite escura,
E ainda com mais luz, que o Sete-estrellos...

Toma-te a mão cariciosa, doce,
Beija-te, meiga... e, n'um sorriso, franca,
(Como se acaso o teu corpito fosse
Uma pella, vermelha, azul ou branca)

Debruça-te, ligeira, sobre um lago...
E, ungindo-te a cabeça d'agua morna,
Segreda-te, subtil, n'um doce afago,
Emquanto, suave, a pouco e pouco, a entorna:

—«Eia! filho de Deus, eu te baptiso!»—
Mas, subito, desperto-te, inclemente!...
Adeus fada gentil!... Adeus sorriso!
Quem te dera sonhar, eternamente!

*

Vae alto o sol. Em extremo entorpecido, o olhar
Volves em torno, assim, como que a rebuscar
Essa visão piedosa, essa creança linda,
Que não verás jamais?... ou que verás ainda?...

(Afio a garra crúa, e rio, intimamente.)

Abstracto, pensativo, inteiro o dia! A gente,
Que te cerca, notou essa contemplação.
Meditas:—«Se eu a visse!... Ai! não a vejo... não!

O padre... que velhinho! O rosto muito branco!...
Nos olhos tem um céu... Um todo de homem franco...
Amoravel e bom!... Se eu esta noite o visse!
Não tinha medo, não, que alguem de mim se risse!»—

E abstracto, pensativo inteiro o dia! Á tarde,
De todo o circo á volta um renque de luz arde,
Festivo, annunciando aos toques de tambores,
A nocturna funcção.—«Entrar! Entrar, senhores!
(Vozes bradam cá fóra.)—«É ver o grande artista,
Que tem dez annos só! Mas força que resista,
Ao pezo d'um gigante, assim, como elle a tem
No mundo não se encontra! É que teve por mãe
Uma cabra! Por pae um grande rei de França!»—

(Vae tocando o realejo estranha contradança.)

Olha-te alem... Não vês! Trabalhas sobre o arame.
Bolas brancas e azues —vertiginoso enchame—
Colhes nas mãos, do ar, equilibrado, erecto,
Fixando um ponto alem, um ponto ideal, no tecto.

Palmas, saudações, acclamam-te. Findaste
Essa primeira parte. E, anciosamente, olhaste
A ver... se a vês!
O circo é cheio, á cunha. Em vão
O tal velhinho bom te encontra o coração!

Já demoras a vista, e tentas o impossivel...
Correr uma por uma —amalgama invisivel—
As cabeças que ali, em filas, se condensam.

Eu olho-te, ridente! Os que ali estão mal pensam
Que surpreza cruel eu te preparo, agora.
Soffre! creança! Soffre!... O teu corpito, embora,
Haja, mais de uma vez, sentido agudas dores,
Tombos-inda não deu, nem trambolhões maiores...
Que valem trambolhões? Os physicos martyrios,
São chimericos, são como canções aos lyrios,
Se eu tambem não varejo o coração. Soffrer:
É ter-me na Consciencia, e como um cancro, a roer!
. . . . . .

Lá vou. Lá te acompanho. Arriscada ascensão!
Sobre-postas, de pé as cadeiras, a mão
Firme, dás ao gigante, o qual trepou-te ao hombro.
Reina um silencio fundo em todo o circo. O assombro
Pinta-se em cada rosto, em labios mal cerrados.
Em frente, em ponto vago, os olhos tens pregados.
Por isso tu não vês... o que eu estou vendo... agora:

Mais pallido... mais branco... o velho padre chora!

Á direita... á direita... alem... fila segunda:
—Dedinho sobre o labio... ancia infinita, funda!
Cravando, em ti, o olhar, n'uma expressão piedosa,

A morena... ora vê!...
E viste-a—alma sequiosa!
E cáes! Que trambolhão!
Cáe o gigante. Em estilhas,
Das cadeiras, tornaste em dois montões, as pilhas.
Pernas torcendo, um braço acabas de quebrar!

. . . . . .

Rio contente! Rio ao ver-te a prantear,
Tremendo do gigante á colera feroz.
Elle não quer ouvir-te a supplicante voz...
Castiga-te ali mesmo... aos pontapés, no peito,
Na cabeça, no corpo. O teu rosto é desfeito
Em sangue, que te cáe aos borbotões... Protesta
O publico indignado, em altos gritos—*Besta!*
Chama ao gigante. Quer que o prendam, sem demora.

. . . . . .

*

Desmaias. O bom padre, ao pé de ti agora,
Triste, lá te contempla.—E, carinhosamente,
Recommenda, no hospicio, a uma enfermeira, o doente.
E diz-lhe—Este pequeno, este desgraçadito,
Fica por minha conta! Andava, coitadito!

Nas feiras trabalhando... A queda, que elle deu,
Podia ser fatal! Ah... como não morreu
É que não sei!... Emfim, quando estiver curado,
Levo-o commigo! Irá... irá guardar-me o gado!
Trate-m'o com amor! Supplico-lh'o, senhora!
Louvado seja Deus!... porque elle é meu agora!

Fallou o padre... e eu ouvi.
E ouvindo-o... sorri! sorri!

CANTO SETIMO

CANTO SETIMO

... les vents vont s'embraser;
Et la bergeronette, en attendant l'aurore,
Aux premiers buissons verts commence à se poser.

A. Musset.

O PASTOR

anguido o sol descáe. Ó tarde de poesia!
A Terra diz ao Mar: Harmonia!... Harmonia!

Dão as aves, nos céus, beijos de casto amor!
Hora santificada! A Terra beija a flor!

Que fervida oração a flor ao espaço envia!
A Terra diz ao Mar: Harmonia!... Harmonia!

Languido, o sol descáe. Pela floresta
D'estevas, d'olivaes, e de sobreiros,
Lá vou... Sou eu!

Espreitam-nos, ao fim do atalho, a giesta,
Os bravos roseiraes, os jasmineiros,
E vôa um melro a gargalhar no céu...
Vae, ao meu lado,
A moreninha ideal, cantarolando,
N'um tom magoado.
As ovelhinhas brancas vão na frente.
E a moreninha ideal vae ao meu lado...

Agua corrente
Passa, não longe, alem, por entre abrolhos,
Cardos em flor...
Erguendo nuvens tenues de poeira,
No atalho as ovelhinhas vão na frente,
Scismando... d'olhos suaves, meigos olhos!
Sedentas, bebem agua... Faz calor.

Chegámos á clareira.
Denso arvoredo em volta. São carvalhos,
São pinheiraes.
E das ovelhas brancas os chocalhos
Soluçam ais...
Chegámos á clareira. A noite vem.
O céu estrellado.
Nem uma folha a viração agita!
Pasta nas hervas o rebanho... alem.
E a moreninha ideal vae, ao meu lado,
Tão bonita!...

E diz-me, então, essa morena ideal:
—«Vamos subir o monte? Sobre a crista
É que a estrellinha, pelo céu, se avista!»—

E subimos... subimos. Pelo valle,
Soluçam os chocalhos, gemem ais...
Sombras vem confundindo, vem descendo,
Cobrindo os pinheiraes.
E subimos... subimos. Vão correndo
Astros na esphera negra, mas tranquilla.
Não vês? não vês? —diz-me ella:— «Lá desfila...
Lá vae aquella alminha e vae gemendo!»—

Sentâmo-nos na crista,
Ou quasi nos deitâmos.
D'ali os nossos olhos enviâmos
Ao mudo firmamento, que se avista
Rutilo todo, constellado, azul.
Azul negro... profundo...
E lá distante, o grande oceano, ao sul!

—«Eis o céu, não vês tu?— o Outro Mundo!...
Cada estrella uma alminha!
Conheço muitas eu!... a da rainha!...
Olha, não vês aquella?
É a de minha mãe.
—«Onde está ella?
—«Alem, alem, não vês?... tremeluzindo.

—«Que quer dizer?
—«Que estude o cathecismo.
—«E aquella... aquella de fulgor tão lindo?
—«Deixa-me perguntar-lhe.»—
E eu scismo... scismo,
—Eu que não tenho mãe!
Se ali, acaso, ella andará tambem!...
Se acaso ali a avistarei!... E a medo,
Eu digo-lhe em segredo:
—«Pergunta á tua mãe se vê a minha.
Pergunta-lhe —Maria!»—
—«Pois sim, pergunto! Antes, porém, os dois,
Rezemos á estrellinha
Uma salvé-Rainha!»—
Começa ella a rezar... Mas eu... depois...
... Depois... dormia...

A DOR

Contemplo-te a dormir. Doce sorriso o teu!...
Tranquillo e bom dormir! Quasi me enterneceu!
Respiras tão de leve! Augusta paz, suavissima!...
E ella, a fada gentil, angelica, purissima,
D'olhos postos no céu, murmura de vagar
Essa oração de amor, pura como o luar!...
Joelhitos em terra, os labios ciciando,
Mãosinhas, ao de leve, em arco, alevantando
Ao astro fixo, alem, como um brilhante enorme...
Interrompe-se, e diz—«Então tu dormes?... Dorme!

E sonha que tens mãe, ao menos lá no céu!...»—
E fica-se a scismar, por largo tempo...
Eu
A pouco e pouco, então, as palpebras premindo-lhe,
A cabecita vae, de manso, descaíndo-lhe
Sobre o teu hombro. E, em breve, adormeceu tambem.

Que perfume subtil dos jasmineiros vem!...
Como adeja tranquilla e morna a viração!
Calmo somno innocente! As ovelhinhas vão
No fundo val' pastando, e dos chocalhos mais,
Tiram, plangentemente, uns dolorosos ais...

Contemplo-os a dormir! Circumdo-os... a voar...
Garra pendida, assim como as aguias no ar.
Em meu auxilio chamo os sonhos feiticeiros,
— Que não se esquecem nunca – os sonhos bons, primeiros!
E digo-lhes:—«Alem dormem, em nossa frente,
Essas creanças: Vão insidiosamente
No cerebro dos dois lançar mortal peçonha!»—
. . . . . .

Pequenito, sonha... sonha:
Que tu és rei, e tens côrte,
Côrte gentil tão faustosa!...
Lá n'umas terras ao norte,
Que têem prados côr de rosa...

Pequenito, sonha... sonha:
Que os cordeiros, n'esses prados,
Têem de lã vélos doirados,
E cornitos de marfim.

Morenita, sonha... sonha:
Que dos céus cáe um rubim,
Que em teus cabellos se prende...
E ali fulgura, ali esplende
Como diadema real...

Pequenito sonha... sonha:
Que á luz de aurora ideal,
N'um jardim, todo magnolias,
Ignotas harpas eõlias
Tangendo, fallam d'amor...

Morenita sonha... sonha:
Que elle é teu rei, teu senhor.

Morenita sonha... sonha:
Que as pombas, brancas de neve,
Trazem-te o amado, ao de leve,
Por sobre as aguas do mar...

Pequenito sonha... sonha:
Que a princeza é morenita;
Tal qual a Virgem bonita
Que tu adoras no altar.

Morenita sonha... sonha:
Que teu vestido é de seda,
Loiro como o trigo em meda,
Ou como o sol da manhã...

Pequenito sonha... sonha:
Que tens calção côr de amora,
Manto mais branco que a aurora,
E chapéu côr de romã!

Morenita sonha... sonha:
Que as ovelhinhas são fadas,
São princezas encantadas
Confidentes d'esse amor...

Morenita sonha... sonha:
Que elle é teu rei... teu senhor!

A DOR

Sonhem... sonhem assim, desventurados! Quando
Suave, calmo se der o despertar tão brando,
Quero que o sonho fique impresso eternamente
Em nimbos côr de rosa em vossa idéa ardente...
Pois que? Eu posso, acaso, espedaçar-te a alma,
Continuando tu, n'essa ignorancia calma,
Pelos prados em flor pastoreando o gado?
Dos regatos ouvindo o marulhar... sentado

Á sombra protectora e densa dos carvalhos?...
Como é que has de soffrer os horridos trabalhos,
Amarguras sem fim, as lancinantes maguas?
Se basta o espelho claro e poético das aguas,
Se basta a fresca sombra, a broa loira e dura,
P'ra que não vejas nunca a minha garra escura!?...
Não!... Soffrer é fatal! E o ponto de partida
É dar-te á intelligencia exuberante vida!
Accender-te do genio as fulgidas scentelhas,
Que á phantasia dão irradiações vermelhas,
Brancas, ao coração que no sentir se expande,
Que todo se abre á luz de tudo quanto é grande,
Que vôa, que idealisa... e sonha o Inattingivel!
Então sim! Só então é que será horrivel
A lucta em que teu Ser, em convulsões, se torça!...

E eu rirei só então. Tu chorarás por força.

Eu quero que ambições doidas, febris, pungentes,
Cravem-te dentro d'alma os acerados dentes.
A umas eu darei a mascara marmorea,
Que fumo occulta só, e que se chama... Gloria!
A outras eu darei, n'uma fallaz destreza,
Esse aspecto villão, sordido da avareza!...
E a cruz, e a eterna cruz, que has de arrastar exhausto
Até ao fim, até ao derradeiro hausto,
—Cruz agora bemdicta e logo amaldiçoada,
E agora repellida... e logo desejada!

Egual á de Jesus... inda talvez maior—
Não sabes qual será?—o Amor!... o doido Amor!

E tu, candida filha ingenua das aldeias,
Como é que has de sentir correr em tuas veias
O sangue ardente, vivo, impetuoso?... Como,
N'esse rostinho em flor, avelludado pomo,
Poderás aspirar, aos cariciosos beijos,
Que se evolam febris dos cupidos desejos,
Envoltos subtilmente em 'spumea gaze ideal?...
Quero que soffras tu. Quero fazer-te mal...
E não posso!... Quebrei n'essa innocencia as garras.
Despretenciosa, a trança, a negra trança amarras
Na cabeça gentil. E... basta-te uma rosa.
Um simples malmequer realça-te—formosa!
Morena fez-te Deus.—Temperamento em fogo.
E deu-te o olhar profundo e muito negro... Logo
Como ser pura?... Não! A feminil vaidade,
O orgulho da belleza has de sentir. Ella ha de,
Submissa, buscar a minha sombra escura...
Quero que sirvas tu de argentea taça impura,
Que distille o veneno a quantos bebam n'ella!...
Quero, que, vezes mil, te denominem bella!
Quero ver-te cantada em versos côr da aurora...

Só então eu rirei... porque o teu peito chora.

*

Uma da tarde. O mez d'Agosto é quente.
Poeira de sol inunda terra e céus...
E, monotonamente,
Chiam cigarras, vão zumbindo insectos.
Pelas traves dos tectos,
Moscas segredam, nos idyllios seus.

Torcem-se as trepadeiras,
Á roda da janella pequenina,
Voltada ao poente. A trepadeira em flor
Azul e purpurina.
Largo o horisonte. Ao longe, os trigos loiros
Em medas, junto ás eiras.
Lá mais distante os arrosaes verdejam...
Agua bebem no rio os negros toiros.
Espójam-se e bocejam.

É pequena a salinha da janella,
Que a trepadeira enlaça
Em caprichosas redes.
Mas lá dentro, que aceio, mas que graça!
Que santa paz aquella!...

Muito brancas paredes.
O chão muito lavado. Ergue-se, a um canto,
D'ares serios, profundos,
Um secular armario de pau santo.
No outro, um pendulo, a marcar segundos.

Lá, da salinha ao meio,
A mesa, que a toalha côr de neve
Encobre totalmente...
Na mesa: mialhas d'um repasto leve,
De lindas flores um cestinho cheio,
Agua... fructas... um vinho transparente.

Ergue-se o sacerdote e põe as mãos.
Aos céus o olhar levanta.
E recolhido orou.
Após murmura: —«Ó Deus! que os meus irmãos,
Todos os vossos filhos vos enviem,
N'este momento, as graças, que vos dou!»—

Que prece aquella fervorosa e santa!

Tambem, em frente, a moreninha reza.
Veste de branco. Em seus cabellos riem
Dois rubros cravos sobre a trança presa.

Persigna-se o velhinho, e diz-lhe:—«Óra,
Maria, um Padre-Nosso,

Por alma da santinha — a tua Mãe,
Que já no Céu descansa
De certo n'esta hora!» —

— «Já o rezei, meu tio» —
— «E pelo vosso
Bom pae e meu irmão, que lá de França
Te manda a bênção carinhosamente?

— «Já o rezei tambem.
... Pela vida do pae,
E pela vossa!» ...
— «Quente
O mez d'Agosto vae!
Quasi que abafa a gente!
Cerra-me, um pouco mais, essa janella.» —

Fallando assim, senta-se o velho cura
N'um antigo espaldar
Bordado de ferragem amarella.
Senta-se. Põe-se a olhar
A moreninha, e diz-lhe com doçura:

— «Amanhã ... tu já sabes?
O rapazito lá vae ...
Abandonaram sempre o ninho as aves! ...

Pois vae fazer-nos falta o rapazito!
Coitadito!...
Não teve mãe, nem pae,
Que lhe quizesse, lhe beijasse o rosto.
Foi um exposto!
Mas teve-nos a nós... louvado Deus!

Deixal-o ir, deixal-o ir ao estudo!
Dará conta de si.
Vae em quinze annos já. Lá nos lyceus
É que ha bons mestres e se aprende tudo!...
Não é decerto aqui...
Depois... intelligente!
—Porque o pequeno é mesmo talentoso!—
Rapido se faz gente...
Deus sabe s'inda me fará vaidoso!
A minha pouca sciencia
Eu toda lhe ensinei...
Já lê, já escreve bem... sabe latim.
Mas é pouco p'ra aquella intelligencia...
É pouco... e eu mais não sei!»—

Suspira, commovido, e após murmura:

Quem é que, ao pé de mim,
Nas longas noites do anno
Tão bem recitará o bom Virgilio!...
Arma... virumque cano...

A palpebra descáe, treme-lhe o cilio,
E inclina a fronte...
E adormeceu o cura!

A DOR

Morena o que é que tens? Morena porque choras?
Porque deixas rolar, silenciosamente,
Dos teus olhos gentis a lagrima pungente
Lucida como a aurora?
Morena, porque choras,
Como estatua pregada ao chão?... e contemplando
O dormir calmo, brando,
Do santo?
Como eu rio contente! Ah! quanto rio... quanto!

*

Meia noite já deu. O luar é claro. Abriste
O cancello, defronte, e avanças ao jardim...
Teu seio oppresso arqueja... e soffre!
Não me viste!...
Morenita ideal eras ao pé de mim!

E tu, ó rapazito!... ó D. Juan pequeno,
Com quinze annos só...

Sem sentir, aspiraste o putrido veneno,
Da minha garra vil, cravada sobre o pó.

Riâmos!... Ri commigo, ó Alma errante!
Olha-te, alem, não vês?—Tomas-lhe a mão,
Pallido, a medo, e tremulo, e offegante...
Choras, tambem... Sentida commoção!

Como és galante! O garbo, a gentileza,
Com que o joelho sobre a terra dobras,
É d'um rei que conquista uma princeza;
Não d'um lapuz, que ía matar as cobras!...

E ella... ella, a pombinha casta e branca...
Como, entre as tuas, as mãosinhas tem!...
. . . . . .

Ama! Fere-te mais!... Depois o espinho arranca!...
E a alma vê então... que ensanguentada vem!

Oiço-me:

. . . . . .
—«Bem!... descansa!
Com fervida esperança
Vou trabalhar, Maria!
Vou estudar—ser homem!
As ambições consomem,
Quando não ha um guia,

Quando na nossa idéa
O fogo não se ateia
D'um ideal sublime!...
Eu não! Não desfalleço!
Por ti —a quem 'stremeço!—
Por ti... faria um crime!

Adeus!...Tu vês? não choro...
Uma só cousa imploro:
(Sou louco... bem o sei...)
Conserva, junto ao peito,
Aquelle amor perfeito,
Que inda hontem te offertei!...

A cruz, que tu me deste,
A cruz azul-celeste
Vae sobre o coração!...
Quando voltar, Maria!
Que festa! que alegria!...
Ai! não me esqueças... Não!

. . . . . .

A DOR

Vae... parte! Agora, emfim, essa tu'alma branca
Ha de sentir-me; e —flor— ha de esfolhar-se bem!
Ama! Rasga-te mais!... Depois o espinho arranca...
E a alma vê então... que ensanguentada vem!

*

E á Inveja eu disse, a rir:—Que vesgo olhar possues!
Que miope qu'elle é! Não reparaste ainda
Que n'aquelle rapaz, d'olhos, um nada azues,
Tens uma presa linda?
Não vês como elle vae, triumphador, galgando
A ingreme ladeira?
Não sejas tão ronceira!
Ataca-o sem piedade.—Assalta-o no caminho!
E quando da victoria os hymnos for cantando
Enterra-lhe o teu espinho!...

E foi, assim, que a Inveja, insidiosamente,
Nas garras te colheu, um dia, de repente!...
Mas que tempera a tua!—Ali mesmo nas garras
Teu genio mais se expande e não conhece amarras!
Trabalhas, mais e mais, doida, insensatamente!
A natureza deu-te um cerebro potente,
Que assimila, que pensa, e que produz... Avante!

Não desalento... não! Hei de esperar-te... adeante!

Assento-me ao teu lado. A noite é longa. Ali
Contemplo-te a estudar, e quantas vezes ri!...
Subtil, a pouco e pouco, entorno-te a anciedade

De transpor, a correr, o templo da Verdade...
E vejo as contracções ferozes do teu rosto,
E quasi palpo, até, as sombras do desgosto,
Do tedio, que te dão inexplicaveis tomos...
Quanta vez!... quanta vez, de braço dado, fomos
Archivos consultar de frias bibliothecas.
Segredava-te ali:—não idealizes... peccas
Sonhando: o Raciocinio é logico sómente!—
E ria-me depois. Ria-me doidamente,
Quando, desfallecido, os tomos arrojavas!
Discutias?—Se acaso, ardente, discursavas
Gritava-te eu:—«Poeta! os argumentos lyricos
Olha que não são mais, que remedios empyricos!»—
Discutias?—Pensaste o que exprimir não pódes!
Fallas? Nublo-te a Idéa. O que é que dizes?—Odes,
Versos, cousas gentis que a Logica repelle!
Soffres, que eu bem o sei! E que martyrio aquelle
Quando, á rutila luz d'uma intuição potente,
Eu te deparo em volta os mestres... tanta gente
Que menos é que tu, que menos vale! E emtanto
Prende-te o Pensamento, amarra-t'o!... O quebranto,
O desalento quasi invade-te? Aos ouvidos
Grito-te logo assim, por entre os meus gemidos:
—«Trabalha mais! e mais!... Evita que elles vão
Bradar que o teu talento é bola de sabão.
Dizer a *alguem* que tu succumbes no caminho.
Que desgosto teria aquelle bom velhinho!
E que desillusão ella teria... Ella!

Trabalha mais! e mais!»—
Olhas nos céus a estrella
Que julgas proteger-te... E, n'uma furia insana,
Doida, febril, cruel, tragica, sobre-humana,
N'uma caudal, irrompe o genio teu, que assombra!...

Noites de febre! Em vão repousas sobre a alfombra
A cabeça onde o fogo em labaredas arde!
—«Não descanses, oh não! D'aqui a pouco é tarde!...
Mulheres —diz a trova— a variar, deleitam-se...
Doido o que n'ellas crê!»—
Descansam, deitam-se
Sobre o matto florido, os abegões das rezes,
E tu, embalde, o somno has de chamar por vezes!

Mas vences. O teu nome ascende, aureolado.
Já te impões ao respeito. Então é que ao teu lado
Repito á Inveja —Vae!

Julgaval-o um amigo.
Comia á tua mesa. Ía estudar comtigo.
Era o teu confidente, o teu intimo. Um dia,
Puz-lhe esta phrase, assim, no labio que tremia:
—Fallava-se de ti, do teu talento... alguem
Motejando, bradou: inda tem mais que a mãe,
... Uma cabra ensinada, em alta escola!—
Agora

É que te estala o peito, e que a tua alma chora!
O Passado... O Passado, esse phantasma escuro,
Ergue-te a mão crispada... abrange o teu futuro!

Contemplo-te a scismar, desfallecido, exangue!...
Mas sei como insuflar-te ao coração o sangue:
Ella!...
Cobras alento.
—«O que me importa a mim
Que, a toda a gente, eu seja annunciado assim?
Se nunca os labios d'ella hão de maguar-me... nunca!»—

(Mais de vagar te cravo a minha garra adunca)

—«Mas se o pensar? Se, um dia, a sombra no seu rosto
Me disser —eu bem sei! Tu não és mais que um exposto?»—

Uma carta, uma carta, alvoroçadamente,
Recebes n'esse instante. E eu vejo-te contente.
Pula-te o coração nevrotico. Talvez
Alguma nova má... Já não ris! E tu lês:

. . . . . .
«Hontem subi áquelle oiteiro, d'onde,
«Se avista a terra em flor, e o céu profundo.
«Lembras-te d'elle? amado meu, responde!

«Morna caía a noite... Lá no fundo,
«No valle, íam pastando as ovelhinhas...
«Morna caía a noite sobre o mundo!

«Lembras-te? Nós, os dois, pelas tardinhas,
«—Tempo ditoso!— íamos lá tambem
«Examinar no céu as estrellinhas!

«Uma, suppunha eu ser a minha mãe...
«Buscava a tua. Não a vi jamais!
«Fixos os nossos olhos para Alem...

«Hontem voltei ali... Meus tristes ais
«Livres deixei correr, no espaço infindo!
«Quando é que voltarão dias eguaes?

«Que tempo ideal!... aquelle tempo lindo!?

. . . . . .

(Suspendes a leitura. Indescriptivel lucta!
Olho a tu'alma. Góso. Ella lembra uma gruta
Onde, em golphões, penetra o mar tempestuoso.
Mas onde vae tambem raio de sol formoso
Iriar o crystal da estallactite pura...
—O sol —o dizer d'Ella— a poetica ternura!)

. . . . . .

. . . . . .

«—Mas vê tu... Mas vê tu que vida a minha!
«Nem sei porquê, mas tremo de o pensar...
«Vejo que, dia a dia, elle definha...

«Que a muito custo póde já fallar!
«Olha-me fixo, um largo tempo, ás vezes,
«E nada diz... mas põe-se a meditar...

«A missa não celebra ha já dois mezes!
«Não come, mal socega, geme apenas...
«Só bebe o leite das torinas rezes!

«Noites calmas d'abril, noites serenas,
«Passa-as, olhando os astros na amplidão,
«Junto á janella orlada de verbenas!

«Meu Deus! Meu Deus! que pávida afflicção
«Quando lhe escuto a esmorecida voz...
«Quando lhe beijo a regelada mão!

«Se elle morrer o que será de nós?!»—
. . . . . .

A DOR

Olha-te, alem, não vês?
Firmes os cotovellos,
Sobre a banca de pinho. As mãos pelos cabellos.
Parece o teu olhar, errante, pelo escuro,
Contemplar a visão confusa do Futuro...

E sou eu quem desenha essa visão medonha!
Dança-te em frente já. Teu coração já sonha

D'esse amargo porvir a torturante magua...
Tu sentes que te escalda, em labareda, a fragua
D'onde eu sopro os carvões de mil angustias... Sentes
O approximar fatal da desventura!... Quentes
As fontes, mui febris, apertam-te esse craneo,
Latejantes.
E eu brado, no som subterraneo
Da minha voz soturna, aos teus ouvidos:—Olha
Como das illusões a flor ideal se esfolha!
Como tu, que és altivo, has de, submissamente,
Mover á compaixão, em breve, tanta gente!...
Porque elle—o velho cura, o protector, o amigo,
Morrendo, levará o que possue, comsigo:
—Uma batina velha e um coração de pomba!
Vê como tudo cáe! Vê como tudo tomba!
Como é que has de volver á paz dos campos?... Como
Da arvore da Sciencia o appetecido pomo
Has de agora trocar pelas ovelhas brancas,
Pelos mattos em flor, pelas risadas francas
Dos rouxinoes?... Vê tu que tragica batalha
Representa, do cura, a angelical mortalha!...
Ella... o teu sonho bom! Ella que te conforta,
Ha de talvez transpor o limiar da porta
Da casa de seu pae... o aristocrata, o nobre...
E o nobre não verá sómente em ti... o pobre,
O que, em vez de fortuna, e acima d'ella, tem
O talento e o saber!—filho, que não tem mãe,
Nem pae... sómente o exposto... unicamente... o exposto...

Verá em ti!...
E rio, ao contemplar-te o rosto,
Onde os olhos, em fogo, erram, no espaço, assim
Como que a provocar-me!
Ai! louco... a mim! a mim!...

*

Morrem assim... as avesinhas!... Morrem
Tambem, a pouco e pouco, á luz do dia
As estrellas!... Assim... sem agonia...
... Assim, as almas boas partem... correm!...

É mais branco o seu rosto que a açucena!
Tem sobre o peito as mãos cruzadas... Tem
Nos labios um sorriso para alguem...
Cadaver santo!... Que expressão serena!...

E esse alguem ali está —a moreninha—
E esse alguem ali está—Sou eu! Sou eu!...
Expira assim tambem uma avesinha...

E ella propria não sabe que morreu!...
Ai! dos olhos, que a choram —Dor mesquinha!—
Ai do labio! Ai do labio que gemeu!...

*

A DOR

Quando á cova desceu o corpo do bom cura,
Era ao teu lado um velho,—uma nobre figura
De velho! Barba branca. O olhar profundo, grave,
D'onde, em silencio, cáe um pranto bom, suave.

Elle aperta-te a mão. E assim te falla:
—«Sei
Quanto soffre... senhor! Porque eu tambem o amei!
Dois affectos eu tinha... Agora um só me resta!
O meu irmão partiu!... A minha filha... é esta
A derradeira luz onde meus olhos ponho!...
Que attribulado sonho a Vida é!—Que sonho!...
Esta morte —eu bem sei— faz-lhe transtorno grande.
Educa-se. É honesto. E, dia a dia, expande
O seu talento... Sei quanto é brioso e altivo.
Imagine, porém, que meu irmão é vivo,
E lhe pede que acceite a minha protecção.
Que diria?»—
Gritei-te em continente—«Não!
Não acceites! Repara! Elle ha de odiar-te um dia!
Elle... a educar-te!...Vê que indignidade! Havia
De te chamar ingrato e vil, quando soubesse,
Que por ti —pobre exposto— a propria filha o esquece!
Não acceites. Recusa. Ella gloriar-se-ha.

Soberbo, altivo assim, mais ella te amará!

. . . . . .

Pois quê? Como rasgar-te o coração, ás tiras?
Como hei de envenenar-te o proprio ar que aspiras,
Se acceitas d'esse velho a generosa mão?

Agradece-lhe já. Mas dize-lhe... que não!»—

. . . . . .

Ouvi-te. Fallas bem!—Que sabes trabalhar,
Ganhando, dia a dia, o pão, mesmo a estudar...
Que és homem! Que talvez, dentro em dois annos, possas
Buscar collocação nas africanas roças;
Ou talvez dirigir alguma industria. E emfim
Honradamente obter o teu sustento assim!
Não rejeitas. Se acaso ao transe afflicto, um dia,
A Sorte te levar, a mão que se te erguia
Esperas encontral-a,—a valedora mão.

. . . . . .

E protestas ao velho infinda gratidão!

. . . . . .

O certo é que elle, absorto, ouvindo-te, chorou.
E entre um cavo suspiro o labio murmurou:
Que alma nobre que tem! Mysterios da desgraça!
Quem não dirá qu'elle é da minha egrégia raça!

E eu, que o fidalgo ouvi, desato á gargalhada!..
Perdidamente a rir, n'essa terra sagrada,
Que a Materia corrompe aos encontrões da Morte!...
Ria tambem commigo o frio vento norte!...
Riam a Lousa, a Cruz, os Cyprestaes esguios!...
Riam, vendo-me rir, os mansoléus sombrios,
Pois que tudo comprehende a minha gargalhada...

—A começar por Deus na abobada azulada!

CANTO OITAVO

CANTO OITAVO

Tu recordas-te bem d'aquelles dias
Da infancia, que passavas a meu lado?

BULHÃO PATO.

O MINEIRO

PASTOR que lá vaes, pelas tardinhas,
Buscar o aprisco, em matagaes florentes,
Nunca abandones, não! as ovelhinhas!
Que, em seu dormir, ha sonhos innocentes!...

Ó rude cavador, que vens ceifar,
D'enxada ao hombro, pelos campos fóra,
Dorme. Descansa á morna luz do luar!
Que a um beijo só ha de acordar-te a Aurora!...

—«Dormir, dormir... sonhar que sou ditoso
Ai! quem me dera!

A DOR

Soffre!

—«Podera
Despedaçar-te, coração, sequioso?!

A DOR

Soffre!

—«... Soprar o polme infame
Das ambições!...

A DOR

Expia!

—«E ver voar o enxame
Dos loucos ideaes... das tentações?!...

A DOR

Expia!

—«Volver á paz serena
Do campo em flor?!
Que crime fiz? Porque esta pena?
Senhor! Senhor!

A DOR

Anda, moireja a Vida! Anda, trabalha e chora,
Desde que a noite vem, á clara luz da aurora,
Sem treguas, sem descanso. Anda! Moireja a Vida!
Quem sabe se da luz, de um cerebro fugida,
Uma scintila só póde queimar um mundo!

Anda! Trabalha e soffre! O amor, quando é profundo,
Entôa, triumphante, os hymnos da Victoria!...
Quem é que esmoreceu no limiar da Gloria?
. . . . . .
E eu vejo-te... E se acaso um coração tivesse,
Se acaso commover-me, uma só vez, podesse,
Talvez... ao contemplar-te, eu sentisse essa magua,
Que vezes mil tornou teus olhos rasos d'agua!...
Altivo? Tu curvaste, humildemente, a fronte,
Porque a Fome sorriu-te, ironica, defronte.
Forte? Tu choraste, em convulsão ardente,
Quando te viste só, no meio de tanta gente!
Anda! Trabalha e soffre! O mundo em breve admira
Essa tenacidade, e o mobil, que te inspira,
Conta-te, hora por hora, o fecho da carreira!
Avante!
E lá vaes tu, trepando, na ladeira!

*

E volves ao pobre albergue
Por fria noite d'inverno...
Lá se ergue a lua! Lá se ergue!

E olhas o azul eterno,
E scismas n'ella... scismando
Que ella é teu céu, teu inferno,

Vaes, a pouco e pouco, anciando
Novas haver de quem amas...
E eu, que ali ando pairando,

Sem me crestar n'essas chammas
Do ciume que te abraza,
(Serpe de verdes escamas)

Deixo-te uma carta em casa.

Tremendo a lês:

. . . . . .

«Soube tudo meu pae!
«N'uma colera immensa, indefinida,
«Punhos cerrados, ameaçou-me—Sáe!
«Deshonra que és da minha honrada vida!—

«Vê tu! Vê tu, que situação tão crua!
«Põe um dilemma apoz. Cruel dilemma!
«—Professe n'um convento, á escolha sua,
«Ou casará então á minha escolha.
«Pense. Dou-lhe tres dias. Depois... trema!—

«Como o nosso futuro se desfolha!
«Eu não hesito, não! Irei em breve

«No claustro frio sepultar-me... Deve
«Ser triste aquelle encerro... aquelle tumulo!
«Mas quero ver-te ainda uma só vez;
«'Spero-te... Vem... Não tardes!»...
. . . . . .

A DOR

Chamas cumulo
Ao soffrimento d'esse instante horrivel?
Quanto illudido és!
Vae... Parte! Agora emfim! essa tu'alma branca
Ha de sentir-me; e —flor— ha de esfolhar-se bem!
Ama! Rasga-te mais!... Depois o espinho arranca!
E a alma vê então... que ensanguentada vem!

*

Meia noite já deu. Como um ladrão,
Lá vou, lá trepo. O muro escalo. A lua,
Serena no céu fluctua.
Ao longe, ladra um cão.
Threnos soluça o vento, perpassando
Na densa ramaria do arvoredo...
Sob os meus pés a areia estala, ondeando,
Eu peço-lhe segredo!
Baça luz, indecisa, na janella

Como desenha, nitido, gentil,
O gracil vulto d'Ella!...
Abre o calix sequioso a flor d'Abril,
Aos orvalhos da noite perfumada...

A DOR

Trovador da ballada!
Um pulo mais!... depois...
Sejam só um—os dois!

. . . . . .

E trepas ao balcão... Contemplo-os!... Porque tremem?

. . . . . .

Da minha garra, em volta, uns espiritos gemem...
Supplices, querem já reincarnar... Um d'elles
Mais arrojado até, circumda-te, se a impelles
De manso ao leito branco e virginal!... Collou
Os seus, aos labios d'ella... E quando o seio lhe arfou
Nos espasmos febris, allucinadamente,
Esse espirito, então, julgava já ser gente...
Não era... Não quiz eu!
... Ciciam beijos... beijos,
Que tornam mais ardente a febre dos desejos...
A fonte do prazer... Fonte que não se estanca!
Ó pranto original, germen talvez d'alguem!...

. . . . . .

Ama! Fere-te mais!... Depois o espinho arranca.
E a alma vê então... que ensanguentada vem!

Já se tinge o Levante. Nasce a aurora,
Tranquilla e santa como o olhar de Deus.
Tu vae dizer-lhe—Adeus!
—Ao casto lyrio... que arrojaste fóra.

Onde?... aonde o perfume d'uma flor?...
O virginal perfume?...
A alma, o fogo, a idéa, o riso, o lume?...
Que louco amor! Que desgraçado amor!...

Olham-se os dois, hypnoticos... trementes!...
Sentem-me, os dois, nos seios d'alma afflicta.
Das minhas azas vês a sombra. Sentes
Meu halito lethal que diz—*Desdita*...

E pela cinta ampára'l-a, ternissimo,
E dizes-lhe, entre beijos, aos ouvidos:
—«Juro-te pelo Altissimo!
Que dentro de tres mezes, não corridos,
Minha serás... eternamente minha!
Entra no claustro...Vae!
Abrandarás a colera mesquinha
De teu irado pae!
Entretanto, já findos os estudos,
Irei tomar a direcção da hulheira,

Que uma só legua dista do convento.
... E então ali!... os porticos são mudos!...
Não has de sentir medo da rodeira!...
E deixa o resto
A bom cavallo, mais veloz que o vento,
Intelligente, lesto!

. . . . . .

És sincero. És leal. Perdido amor lhe tens!
D'esse corpo o segredo entre-gostaste apenas...

. . . . . .

Acompanho-te a rir pela estrada onde vens
Da aurora á fresca luz de irradiações serenas.

Tens vinte e oito annos... Bella idade!
Que sangue ardente em tuas veias! Força
Viço, Frescor, Saude, Alacridade!
Possues a ligeireza d'uma corça.

Fulgura o teu olhar, em luz estranha,
Quando á memoria aquella noite volta...
Reflue-te o sangue todo sobre a entranha
Se a noite egual a phantasia é solta!...

Oiço-te os planos de ventura, e rio!
Ambos, longe do mundo —eterno amor—
Dentro de um bosque perfumado, em flor.
Á luz suave d'um eterno estio!...

E dá-te alento esse ideal formoso!
Dizes ás aulas um adeus. Terminas.
Pódes agora dirigir as minas.
O que te falta para ser ditoso?...

É alem... é alem, n'aquelle monte.
Vae extrahir-lhe dos seios o carvão.
Achar diamantes—Mas alem, defronte,
Ella te aguarda... Não a esqueças... não!...

Erguem-se, lá, os torreões sombrios,
Do velho claustro —mausoléu enorme—
Dormem das monjas corações já frios.
—Apenas d'ella o coração não dorme!...

Noite e dia, d'ali, a prisioneira
O olhar alonga pelos mudos céus!
Ai! como tarda essa hora feiticeira!...
Como tarda o calor dos beijos teus!...

*

A Mina!

A céu aberto, olhando a encosta nua,
Ferida pelo sol — tonalidade crua—
Ha negros barracões onde o carvão em pilha
Entre as pyrites lúz, pallidamente brilha...

Ha forjas, onde o fogo, a retorcer o ferro,
Dos martellos ao choque arranca-lhe, n'um berro,
Scintillas que no ar espalham-se candentes!
Ar negro... negro pó! São pulmões doentes
Que o respiram ali... ali n'esse deserto,
Onde ás vezes repousa o meu olhar incerto!...

Ha sómente uma casa alem distante, casa
Que a luz crua do céu não queima, não abraza,
Quando Agosto lhe lambe o seu telhado agudo...
Platanos verdes tem a circumdal-a. E eis tudo
Que de ridente ali os céus contemplam...Tua
É essa habitação n'essa planicie nua.

Lá no cimo do monte, escancarada, horrenda,
É a bôca da mina. O solo em larga fenda
É hulha e ferro só. Carreiros sinuosos
Zorras deixam passar em saltos perigosos.
Ai! a bôca da mina!... O poço mestre é fundo.
Elle é que dá entrada áquelle estranho mundo.
Quinhentos metros já penetram pelo chão,
E kilometros vinte as galerias dão!
Labyrintho medonho! Alongam-se, rebaixam-se,
Cruzam-se. E ali talvez seiscentos homens acham-se.
Ás voltas, na espiral elastica da cobra,
Esta vae encontrar aquella, que se dobra,
Se bifurca avançando, e sinuosa e estreita,
Aos poços, onde a bomba, entre golphões, lhe deita

Agua fóra, agua negra, um vomito de lama...
Das lanternas a luz, a avermelhada chamma,
Oscilla, n'uns clarões sinistros, momentaneos,
Que assumem fórma e côr—rapidos instantaneos
De seres...
Negros, nus, ossudos, magros... uns
Deitados sobre o chão, partindo a hulha; alguns
De costas, que é tão baixa a galeria... Passam,
Repassam, legiões phantasticas! perpassam
Pelo cairel do abysmo—horrendos pandemonios!
Como os corvos, subtis, negros como demonios!
Tac... tac... é o som das picaretas!... tac!...
E rola o mineral aos saltos, surdo baque,
Emquanto, e sempre, e sempre, as valvulas aspiram
Agua, que á negra terra as grandes bombas tiram.
Suam. Calor intenso os corpos lhes confrange.
Á mingoa de bom ar, o peito d'elles range,
Como se o pulmão ás tiras se rasgasse...

Felizes se, uma vez, ali o sol entrasse!

Lá vaes... Lá vaes tambem, intrepido, descendo.
Ha diamantes, talvez, crystaes no fundo horrendo.
Trinta mineiros vão cavando, perfurando,
Arcos abrindo aqui, paredes entivando,
De rastos, dentro d'agua ás bombas dando. A Terra
Exhala emanações do phosphoro, que encerra!
Lá desces... Vaes tambem asfixiado, ancioso

De luz e d'ar. Lá vaes lançando olhar piedoso
Aquella turba; ouvindo o seu cantar nocturno,
Que retumba feroz, n'um rythmo soturno!...
Ais! que partem do chão... Attende-os—infeliz!
A letra é minha. Escuta o que esse canto diz:

Tres vezes maldicto o Destino cruel,
Que a fronte nos dobra da terra na entranha...
Maldicto! Maldicto!...
Brilhante cravado no rutilo annel!
Teu brilho é do sangue, que, em furia tamanha,
Nos chupas dos corpos, desfeitos em fel.
Maldicto! Maldicto!...

Diademas escaldem as frontes que adornam!
Que o brilho que espargem é sol que nos tiram!
Maldictos! Maldictos!...
Maldictos os astros, que as flores amornam...
Maldictos dos homens os labios, que riram!
Maldictos! Maldictos!...

Collares n'um seio d'infinda pureza,
Scintillas que expandem, são ais que soltàmos!
Maldictos! Maldictos!...
Maldictos crystaes, que esplendem na mesa!
Maldictos das vinhas os cachos, que amâmos...
Maldictos! Maldictos!...

Alfombras de linho, lençoes perfumados,
Ha lagrimas nossas em vossos tecidos...
Maldictos! Maldictos!
Maldictos os leitos d'arminho dourados!
Maldictos os somnos tranquillos dormidos!...
Maldictos! Maldictos!...

Perfumes que exhalam as rendas em flocos,
Que dores ha n'elles na roda d'um anno!...
Maldictos! Maldictos!...
Maldictos das hulhas profundas os blocos...
Maldicto nos ventres o germen humano!...
Maldicto! Maldicto!...

Tres vezes maldicto o Destino cruel,
Que a fronte nos dobra da terra na entranha
Maldicto! Maldicto!...
Brilhante cravado no rutilo annel!
Teu brilho é do sangue, que, em furia tamanha,
Nos chupas dos corpos, desfeitos em fel,
Maldicto! Maldicto!...

Ouviste-los?... Fui eu que os ensinei assim
A espalhar n'esse threno, a magua, ao pé de mim!
Conhecem-me de ha muito. Alguns d'elles jamais
Murmuraram canções, que não gemessem ais!
Chamam por mim. Se chego, a minha garra admiram!
Como os subterra!... e como, em um minuto, expiram

Nos poços, pelo ar nas explosões dos gazes!
Almas que expiam! São bem moços, são rapazes,
Que envelhecem depressa, e deixam logar vago
Das almas aos milhões, que sob as azas trago!...
Soffres? Eu sei... Eu sei! Tu soffres mais do que elles!
Por elles e por ti! Soffres, porque repelles
O mundo... que suppões o auctor da Iniquidade!
Philosopho, tu tens principios de Egualdade!
—Chymerico ideal!... Abençoado sonho,
Que se desfaz no chão onde esta garra ponho!
Soffres, que eu bem o sei! No intimo, a Revolta
Queima-te o coração ao contemplar a escolta,
Que, ás ordens tuas, vae minando a terra ingrata!
Inquires, quanta vez, aos mudos céus de prata,
Onde o Principio, a Lei d'uma Justiça eterna,
Que homens, assim, prendeu n'essa infernal caverna!
Mal sabes tu... que um dia... a Legião enorme,
—Em fervida caudal, n'uma torrente informe,
Andrajosa, ullulante, esfarrapada, nua,
Faminta, vingadora, em colera que estúa
Como a do Mar—feroz —grande como Jesus—
Rolará pela Terra... Ha de roubar-lhe a luz!—
. . . . . .
Rirei então... Rirei! Que miseros aquelles!
Apenas eu... sou eu quem bebe o sangue d'elles!
A Terra não tem culpa! A culpa é de ninguem.
Porque todos e tudo a minha garra tem!...
Olha, não sabes tu?—Ali n'aquella turba

Que, ao simples sopro meu, ás vezes, se perturba,
Andam almas de reis, de bispos, cardeaes,
De Cesares até, de principes feudaes.
Pois não vês:—Andas tu... que expiarás, agora,
Negras acções crueis, crimes feitos outr'ora!

. . . . . .

Mas, emfim, eu pretendo entre-mostrar-te um céu!
Pelas nuvens erguer-te!—Eu sei que o sonho teu...
O supremo Ideal que o sangue te comprime
Dentro do coração, é tel-a, como um vime,
Flexivel, bella, nua, entre os robustos braços!
Sorver-lhe o corpo e a alma, aos haustos, aos espaços,
Ás gotas, como a vinho embriagante! Vae...
Vae roubal-a ao convento! Entrego-te este—ai!
Devolve-m'o, ámanhã, por entre os gosos teus...
É esse o talisman que te protege—Adeus!

. . . . . .

*

(Lá está ella!... Lá está a Dor, feroz, sorrindo!)

O gabinete é lindo.
É verde... verde-mar.
Ninho d'amor... subtil
É como o céu... infindo!

E a luz, que o allumia
É doce como o luar
De Abril!...
. . . . . .
É como o céu... infindo.
Ninho que só dizia:
Amar! Amar! Amar!...

(Lá está ella!... Lá está a Dor, feroz, sorrindo!)

De pé, mudos, arfantes...
Toda de branco. Estreito-a!
Os olhos dois diamantes!
Os labios dois rubins!
De leve a inclino, deito-a...
Ó Estatua de marfim!
A tunica... rejeito-a!...
Ah! como és bella assim!

(Lá está ella!... Lá está a Dor, feroz, sorrindo!)

Fallo: tu vaes ouvindo?
No extasis só vejo
Esse teu collo lindo!...
Mulher: dá-me a tu'alma!

—«Que a sêde não se acalma...
Um beijo! Um beijo!... Um beijo!

—«A sêde não se acalma!
Tacteio: tranças bastas!
Pomas, outr'ora castas,
Turgidas no desejo...
Mulher, dá-me a tu'alma!

—«Que a sêde não se acalma...
Um beijo! Um beijo!... Um beijo!

—«Eu creio que isto é sonho!
Que estou sonhando, creio!
Acaso existe o seio
Onde esta mão deponho?
Dize-me! Falla... chamo-te!
Mulher! visão querida!
Vida da minha vida!
Astro do meu céu!...
—«Amo-te!...

(Lá está ella!... Lá está a Dor, feroz, sorrindo!)

—«Mas que futuro lindo
Vae ser o nosso!... Alem
O mar cantando vem,
Longe da ignara turba...
N'uma casinha branca

Das aves ouviremos
A trova alegre, franca!
Felizes lá vivemos!
E nada nos perturba!...

(Lá está ella!... Lá está a Dor, feroz, sorrindo!)

Quando o sol fôr subindo
No dia de ámanhã,
Festivos, sagraremos
No templo o nosso amor!...
E noivos, cantaremos
Os cantos, que a manhã
Ouviu a cada flor!...

Depois, meu Deus!... depois,
Chama-te o mundo minha!
Ó doce moreninha
Já hoje minha chamo-te!
Eternamente os dois,
Não é assim, querida?
Duas, n'uma só vida
Faremos nós?
—«Se eu amo-te!
Se a luz que m'allumia, se a minh'alma
És tu!
Leva-a!...

Leva-me! leva-me ao Tormento, á Calma!
Inferno ou Céu, Abysmo, á Luz, á Treva...
Beija-me!... Rasga-me este peito nu!»—

(Lá está ella!... Lá está a Dor, feroz, sorrindo!

As azas arquejando, as azas vae abrindo...
Devagar... Devagar! E as almas, que ellas têem,
Em circulos de luz imperceptiveis... veem
Rodeiam-nos.)

Diz uma:

Deixa-me reincarnar!
Sou pura como a espuma
Mais alva que o luar!

(Que orchestra de beijos!... Que ardentes suspiros!
Que anceio infinito!... Que mar de prazer!...)

(Diz outra) Dá-me vida!
Sou forte, audaciosa...
Mulher, serei formosa,
E rica, e pretendida!

(Ciciam... ciciam!... phantasticos giros!
Suspiram... afrouxam... morrer... a morrer!...)

. . . . . .

Bradam em côro:

Vida!

A fórma, a carne, dae-nos!
Ó femea concebida
Chamae-nos já, chamae-nos!...
Alma desfallecida!
Chamae-nos já, chamae-nos!...
Á Vida! Á Vida! Á Vida!

. . . . . .

A DOR

De novo as azas ergo. Ellas de novo acodem.
É safaro o terreno! Ali, em balde, pódem
Achar o molde, a fórma, o involucro!...Talvez
A semente germine!... um dia... qualquer vez!

*

Vem a Aurora a sorrir. Pratêa os céus. Lassa
Deixas pender a fronte, exhausta quasi a taça
Do goso. Eu chamo então o Somno, o Sonho vago,
E as palpebras dos dois ligeiramente afago...

Contemplo-te a dormir! Contempla-a... que é formosa!
... Formoso que tu és! Como ella sonha e gosa!...
Mas emquanto tu frúes o somno bom, suave,
Força estranha me impelle, —a mim— funerea ave,

Á mina, onde o trabalho acorda brevemente...
Volto. Não tardo... Crê! Despérto a tua gente.
Que bello despertar! Que rico despertar!...
. . . . . .
E a Dor, qual flécha parte, ás risadas, no ar.
. . . . . .

*

Ah que airosa mulher! É estatua grega!
Contorno seductor!... Sinuosas curvas!...
Tem seus olhos, em volta, sombras turvas.
Humido beijo o labio lhe segrega!...

Revolto cáe, nas almofadas brancas,
Seu cabello da côr dos negros corvos.
Libidinosamente, em longos sorvos,
Soltos anneis lhe vão lamber as ancas!

E o collo... o collo! um lubrico poema!
Arfa-lhe já na ondulação suprema,
Humido, pleno, lacteo, tentador!...

Sonhas commigo?—Eu rasgo-te a epiderme!
E a palpitar, n'um gozo estonteador,
O coração te arrebatei—inerme!

*

Eu!... Como eu fui viril! Musculatura de aço.
Alto, proporcionado, atheletico o meu braço,
E o meu peito, bem largo e pennugento! O rosto,
Que, ao de leve, crestou ardente sol d'Agosto,
Linhas suaves tem: energicas, correctas.
Arqueiam-se, gracis, as sobrancelhas pretas.
A testa é alta e larga. Os labios ensombrados
Pelo negro bigode, entre-abrem-se, perlados,
E os dentes deixam ver, firmes, eguaes, perfeitos!
Aquilino o nariz. Naturalmente feitos,
Sedosos, em anneis, morrem os meus cabellos,
Curtos, atraz, e á frente espalham-se em novellos,
Pretos como azeviche, artisticos, sedosos.
Labios grossos um tanto, uns labios voluptuosos,
Onde a paixão lavrou extraordinario fogo.
Vel-os: adivinhar-me o temperamento logo!

Que mascula rijeza esse meu peito encerra!
Pujantissimo torso! Assim pariu-me a Terra,
Valente como um toiro, irmão das carvalheiras.
A fome, os trambolhões, as lagrimas primeiras
Da minha juventude, as convulsões moraes,
Parece que mais força inda me deram... mais!

Como durmo tranquillo!
Ella, sobre o meu seio,
Pousa a fronte, sorrindo. O sonho vae a meio,
E já o Sol irrompe, em ondas, nos espaços.
. . . . . .

A DOR

Acorda! Acorda! Acorda! Ouves aquelles passos?
Aquelles gritos? Vae! levanta-te d'um salto!
Chamam por ti! Acorda! Esse clamor, que é alto,
Vem da mina!... Depressa! Ha corpos a enterrar...
Vae... Monta o teu cavallo! E voa... Corta o ar!

*

(Medonha confusão. Mulheres desgrenhadas torcem as mãos, no ar, chorando, invocando a piedade divina. Clamam pelos paes creancinhas esfarrapadas.)

Que foi? (perguntas logo.) E contam-te:
Partiam
Na galeria nova, o mineral. Ruiam
Blocos d'hulha, aos montões. A entivação cedeu.
Quebra-se um arco, e o chão carga terrivel deu.
Sepultos dez talvez... mortos dez companheiros!

Ordenas.—Venham já commigo seis mineiros.

Picaretas, e pás, lanternas!
Corajosos,
Descem, lá vão!

Eu vejo os olhos anciosos
Dos que buscam ali, n'esse pávido escombro,
Corpos amigos. D'um lá surge, a custo, um hombro,
D'outro uma perna...
Vens tranquillisar o povo,
Vens á bôca da mina. Apoz, desces, de novo,
Vinte metros talvez.
Quebrara-se a lanterna
De alguem que errava lá, n'essa infernal caverna,
A procurar, choroso, o corpo de seu pae.
Quiz reaccendel-a.
Então eu disse ao Fogo: — vae!
Beija o *grisou!*
E logo a combustão fatal!
Convulsa a terra inteira, o monte, o cerro, o valle,
Como se mil canhões arrebentassem perto,
Ou como se irrompesse um mar n'algum deserto!...

Que medonha explosão! Que tremenda explosão!

Dei-te um segundo só. Nervosamente, a mão
Lançaste ao guincho. E, ao ar, rasgando-te, a pedaços,

Erguido, bruscamente, entre o fogo, aos espaços,
A tres metros ficaste, e sob o chão, em brazas!...

Quem te dera *morrer!* Vir procurar-me as azas!...

(Braços contorcidos, em indizivel angustia, olhar nublado pelas lagrimas, desgrenhada, pallida — ella — a noiva desventurosa — clama:)

Oh! cavem! cavem! o chão removam!
Fumegam cinzas, morreu de certo!
Lagrimas brotem, lagrimas chovam!
Onde o seu corpo? Coval incerto!
Oh cavem! cavem! o chão removam!...

(Accelerados, os mineiros procuram achar meu corpo. Duzentos braços cavam, revolvem o chão, cautelosamente. É quasi noite. Ella, desmaiada, é levada em braços, mettida n'uma sege. Ao seu lado, pranteia um velho de longas barbas. Dois frades, alguns soldados acompanham a sege, pelas estradas ermas. A lua surge; mas pallida, desolada...)

CANTO NONO

CANTO NONO

Olho por olho; dente por dente.

O MUTILADO

Noite fria, tetrica...

Ao longo da enfermaria alinham-se os catres. Figuras esqualidas espantam olhos aterrados, meio sentadas algumas nos leitos, debruçadas outras, alongando os pescoços em attitudes de pasmo. Do tecto pende uma lampada, cuja luz vacillante torna gigantescas as sombras dos que passam, correndo, e da-lhes tons de phantasmas... Uiva lá fóra o vento.

A DOR

Á ESTÁS... não vês?

E ainda o coração te pulsa!
A face roxa-negra, ensanguentada. Expulsa
Golphões de pús a bôca horrifica, disforme...
És n'um catre deitado; enfermaria enorme
Onde, lenta, passeio a contemplar a Morte...
Baixo, um medico diz:—pobre rapaz!... Que sorte!...
(Outro conclue)—Alastra inexoravelmente
A gangrena... É melhor, porque elle nada sente,

É melhor operal-o agora mesmo—E aquelle,
Criminosa visão, phrenetico, repelle...
. . . . . .
Tinha n'esse momento os olhos marejados.

Descobrem-te. Não vês? Ossos esmigalhados
Mostram tendões a nu, rigidos, palpitantes,
Tecidos onde o sangue, em flocos espumantes,
Negro coalhou. A perna esquerda apenas tem
Pelle junto ao quadril, onde prender-se bem!
Do teu braço direito um côto apenas! Labios
Cortados foram já!... o que horrorisa os sabios
E enfermeiros... Até eu mal te conhecia!
Porque sem labios, ris!... porque o semblante ria!

E desprendem-te a perna. Aparam-te os tendões,
Arterias laqueando. Eu toco-te. Raspões
Ao cerebro te envio e tu não sentes! Côma
Os teus nervos abrange. O coração retoma
O latejar normal; mas o Inconsciente empolga-te!
E então, embalde, o craneo a minha garra amolga-te!

Os medicos, no emtanto, instantes contam, vendo
Na base do teu ventre um ponto apparecendo,
Roxo-negro, outros mais... os nuncios da gangrena!

—«É fatal! (diz então um d'elles). E serena,
E magestosa a fronte, e firme, a dextra empunha

Afiado escapello. Um outro os olhos punha
No relogio, que marca as tres da madrugada...

Bramia, fóra, o vento, em rigida nortada,
A soluçar canções de lagrimas e de ais!

. . . . . .

Perdeste agora mesmo os orgãos sexuaes!

*

Depois eu disse á Febre:

Eil-o prostrado ali!
Assalta-o sem pavor. Não vês como elle ri!...

A FEBRE

Não tem labios, o triste! Extravagante cara!
Pois labios lhe darei...

A DOR

Não sabes tu?... amára
Uma certa mulher, bella, formosa, callida,
Como a açucena em flor, um poucochinho pallida...

A FEBRE

Pois nos labios que empresto os beijos d'ella sente-os!...

A DOR

Ambos os braços teus, ella tambem consente-os
Se lhe apertam a cinta, em lúbrico prazer...

A FEBRE

Pois seus braços tambem na cinta ella ha de ter!...

A DOR

Nos espasmos febris e cupidos desmaia,
Como a onda que vem acarinhando a praia!

A FEBRE

. . . . . .

*

A DOR

Calla-te! Quem te escuta ou comprehende acaso?
Tens sêde?... Tens calor?... Falta-te o ar?... Abrazo
O leito onde a cabeça inerte quasi pousas?...
Calla-te! Quem percebe as complicadas cousas
Que da bôca, n'uns sons extravagantes, sáem?...

Olha aquella janella. As folhas morrem... cáem.
O outono vem despindo as arvores. Tristeza
Diz o céu, diz o mar, soluça a Natureza!
O que será de ti, ó pobre mutilado?...

Trinta noites ali, passei-as, ao teu lado,
Trinta dias tambem. Mal me sentias. Eras
Presa da Febre. Agora, em lúcidas chimeras,
Vias do teu passado auroras festivaes:
Na madresilva, em flor, risadas dos pardaes,
Dos melros pelo ar as gargalhadas francas;
Lá no prado florido as ovelhinhas brancas,
Á luz do luar, no monte, a moreninha ideal!...
Ías de cerro em cerro, ías de val' em valle,
Descalcinho a chorar, tremendo do gigante.
Praguejava a mulata, andava o cão adiante...
Depois eras no circo a trabalhar no arame,
Caíste... Elle sem dó quiz espancar-te... o infame!
Mas o bom cura, o velho abraça-te a chorar...
Aulas, mestres, o estudo... Ella lá está a olhar
Pelas grades do claustro a luz, que irrompe em breve!
Ó thalamo gentil, vastos lençoes de neve!
Ó corpo esculptural! Ó seios d'alabastro!
Olhar negro, profundo, olhar que deixa um rastro...
. . . . . .
Trinta noites, ali, passei-as ao teu lado!...
O que será de ti ó pobre mutilado?

*

Novembro. Surge um dia, em rútilos diademas,
No céu azul, o Sol vem recitando poemas.

Emerges do lethargo. Olhas-me em cheio! Eu rio!
Teu rosto se contorce em repellões de frio!

Queres fallar-me... em vão! Fogem-te os sons dos dentes
Sem formarem palavra! Os labios cerces, rentes,
Cortaram-t'os. Pediste anciosamente um espelho.
O clinico hesitou; mas foi buscar-t'o. E o velho,
Que vira tanta vez, n'esse hospital, a Morte,
Impassivel, sereno e magestoso e forte,
Abraçou-te a chorar... e convulsivamente,
Quando o espelho fatal te collocou em frente!...

*

Detraz do espelho — eu! Explico-te: não vês?
— Eternamente, a rir, que eternamente és
Alegre, embora o pranto ao teu olhar, em nevoas,
Lhe roube toda a luz! Tuas palavras levo-as,
Dou-as ao ar subtil, que nem as comprehende!...
Quem te quer d'or'avante? Alguem, acaso, entende
O que disseres tu? E o pão de cada dia,
Onde, como ganhal-o? Espreito-te: eu já via
A Loucura pender sobre o teu craneo a garra.
Brado-lhe logo — foge! E o lethargo te amarra.
. . . . . .

*

Meia noite. Lá estou junto do catre. Acordas.
Pões-te a pensar. Escuto: (em têa argentea bordas
Uns sonhos de ventura, aureos sonhos d'amor!...)
—«Que negro o seu cabello! Havia tal frescor
No seu labio vermelho, havia tanto mel!...
Quem me dera beber n'este momento n'elle!
Mas... meu Deus! mas beber é ter labios!... não tenho!
Mordia, não querendo...»—
Imperceptivel, venho
Buscar o espelho. Olhaste a propria fronte... e então
A colera feroz rasga-te o coração!...

E blasphemas—«Ó padre, hypocrita sandeu!
Que exista Deus, mentira! Ouviste? Nego-o eu!
Ensinaste-me a orar!... Orar a quem? Orar!...
Crer!... crer n'aquelle Deus!»—
E pões-te a gargalhar,
Riso feroz, cruel, que a retumbar, medonho,
Leva da enfermaria atraz de si o Sonho!...

Calla-te!... brado-te eu. Que Deus existe e é Grande!
Não discutas sequer! A minha garra expande
Justiça eterna d'Elle!
Ó Rei maldicto, attende

O que essa turba diz, que o teu soffrer entende,
Porque chorou, gemeu, quando a pizaste um dia...
. . . . . .

(... E a pouco e pouco abria
As minhas negras azas:
E vinha um'alma... e mil... e mil, outra saía
Rubra, nervosa; e assim com seu olhar de brazas
Gritava-te aos ouvidos:

—«Onde os meus filhos, Rei! os meus filhos queridos!
A guerra m'os levou... e não os vi jamais!

OUTRA

—«Teus exercitos, Rei, talaram meus trigaes,
Loira palha, que os bois tão sofregos comiam!...

OUTRA

—«Na fogueira, eu bem vi, que os labios teus sorriam!...

OUTRA

—«Condemnaste-me ao fogo, e hereje me chamaste!...

OUTRA

—«Mátas-me... só porque os meus feudos pilhaste!...

OUTRA

—«Deshonraste-me a filha!... Assassinaste o pae!...

OUTRA

—«O teu bobo!... o teu bobo! envenenar-me vae!...

OUTRA

—«Eu nunca fui rebelde!... Eu nunca fui traidor!...

OUTRA

—«Era pura!... Manchou-me o teu lascivo amor!...

TODAS

—«Expia! Soffre!... Nós soffremos tanto, tanto!
Que ainda, com horror, nos esmorece a voz!
Se Deus se amerciar de teu sentido pranto
Descansa!... que tambem te perdoaremos nós!»—)

*

Já decorridos vão uns cento e oitenta dias.

A primavera rompe, em madrugadas frias.
A neve beija, em floco, as pequeninas folhas.

Pela primeira vez o catre deixas. Olhas
O azul profundo e bello... Ai! que irrisão pungente!
Tanta paz! tanta calma! e tu tão triste e doente!
Tanto amor! tanto amor! Beijam-se, as rosas, suaves,

Noivas, beijam-se, a rir. N'um doce idyllio, as aves,
Os insectos, até o bravo tôjo, até
O mais rasteiro verme adora espera e... crê!
Mas tu, ó mutilado!... Ai! tu... nem és um homem!
Que furias que te dou!... que raivas te consomem!...

Entregam-te a muleta; e apoz mais trinta dias,
D'esse hospital a porta, aos tropeções, saías!

Seis da tarde. O sol cáe. A viração amena
Agita os milharaes—ondulação serena.
Rebanhos veem do monte. Ao torcicolo, a estrada
É d'acacias em flor e de jasmins bordada.
Em torcicolo, vae passar junto ao mosteiro...

Lá vaes tu!... Lá vaes tu!
O sol descáe ligeiro
Avermelhando a terra, e torna-te vermelho,
A ti, que aos saltos vaes, e corcovado, e velho,
Ossudo, a longa barba até ao peito... aos saltos,
Mais pequenos alguns, phreneticos, mais altos
Outros, com a muleta entre o sovaco esquerdo,
Ferindo o pó no chão, n'um som pesado, lerdo...

Páras, arquejas. Tens banhado o rosto em suor.
E, esquecendo-te, o côto agitas. Uma dor
Lembra-te que já não tens o teu braço direito!...

Morre, entretanto, o dia.
O sangue, do teu peito
Ao cerebro febril um pensamento leva...

Lá distante... distante, alvejando, na treva,
Avistas do convento os torreões...
E chiam
Rallos, e vão gemendo as noras, e corriam
Veios d'agua, cantando, em rythmo dolente...

Surge, no céu, a lua espherica, silente.

Mas que sêde, que tens!... Perto existe uma fonte.
Frio suor te inunda a afogueada fronte.

Aos saltos, lá vaes tu bamboleando-te... És
Sinistro: fato negro; e recurvado, vês
O chão onde a muleta enterras com firmeza.
Só quando páras, só, é que, em funda tristeza,
Contemplas, lá distante, as torres no horisonte...

Camponezas d'ali eram ao pé da fonte
Alegres, a fallar de romarias. Umas
Contando historias; caso acontecido. Algumas
Enchendo as bilhas.
—«... Vae (dizia uma aldeã
Torcendo o avental, rubro como a romã,
A tres, que, em espanto, o olhar poisavam n'ella)

... Vae,
... P'ro convento voltou... fez a vontade ao pae,
Mas dois mezes, depois, a pobre enlouqueceu»—

Ouviste. Dás um salto. O teu olhar, o teu
Nervoso coração pulsa-te á solta. Em frente
Das pobres aldeãs surgiste de repente...

Dão um grito estridente as raparigas.
Bôca
Escancaras... e a voz, por ente os dentes, rouca,
Articulada mal, por entre os dentes brancos
Todos a descoberto, inquire, n'uns arrancos
Profundos: —«Mas... quem foi?... quem foi... que en... lou... que...ceu?

Fugiram todas logo apavoradas.
Eu
Disse-te: emfim descansa e bebe um gole d'agua.
Bebe-a?... Sorve-a da mão...
Sorveste-a. Funda magua
O teu olhar traduz, o teu olhar, que chora!

E deitas-te no chão, pões a muleta fóra,
Aspiras longamente o balsamo dos ares,
Fixas, depois, no céu tristissimos olhares
E scismas:
Coitadinha! enlouqueceu... talvez!
Tão nova! tão gentil!... Tu vês, Senhor! tu vês
Que desventura a nossa?

(E, como se uma idéa
Te escaldasse a Rasão) Percebo-te: bem cheia
De piedade, Senhor! é tua mão divina:
Podia ver-me assim essa alma crystallina?
Podia, sem morrer, olhar meu rosto?... Ó Deus!
Não mais escutes, não! os sacrilegios meus!
Perdôa-me, Senhor! Melhor!... de certo, a louca
Labios verá orlando a minha pobre bôca...
E eu hei de amal-a tanto! E eu hei de amal-a tanto!

. . . . . .

Devaneias. A lua, em dois crystaes, o pranto
Que pelas faces tens, converte, ao reflectir-se.
Sonhas. E agora, emfim, com ebriedade, a rir-se,
Traduz a tua bôca intimo goso...
... A louca
Beijos de um casto amor imprime-te na bôca!

*

Manhã clara. Ao portal d'esse mosteiro enorme,
Mas que triste que elle é!—granitico, disforme,
Mendigos pelo chão, uns lazaros chagados,
Incidem sobre ti olhos apavorados...

Entras... lá vaes... lá vaes movendo o corpo... aos saltos,
Mais pequenos alguns, phreneticos, mais altos

Outros, com a muleta entre o sovaco esquerdo,
Ferindo o chão n'um som, duro, rispido, lerdo,
Sobre a lagem, batendo, e arrebatando um echo
Á abobada do claustro, echo pesado, secco...

Toma-te o passo um frade. Ía a mandar-te embora.
—Que não entram ali mendigos... só lá fóra,
Podem beber o caldo e a hora: meio-dia—
Fallas; mas o bom frade, a custo, te entendia,
E, todo horrorisado, ao contemplar-te a bôca.
—«Vens de longe saber se está melhor... a louca...
A louca! sim! a louca!... a que uma vez fugíra...
Maria! uma noviça!...
O frade bom sorríra.
Mas agora carrega o sobrecenho, e, em voz
Colerica, alterada, assim te diz:—Não!... nós
Não deviamos nunca abrir-lhe a porta! Quando
Se evadiu bem sabia o peccado nefando
Que tinha commettido! O pae —Deus lhe perdoe!—
Não devia trazel-a aqui de novo. Dóe
A negra ingratidão d'essa mulher perversa!...

—«Morreu o pae?
—«Morreu. Eu lembro-me: era terça...
Oito dias, depois, invoca a Lei... e sáe!

—«Mas louca?
—«Louco és tu! Talvez, casar-se vae.

Herdeira rica e nobre, ella achará com quem!»—

. . . . . .

Lagens sob o teu pé, sepulturas d'alguem,
Abri-vos!...

*

Leguas dez trilhaste, n'estes dias.
Córregos, encostas más, alpestres serranias,
Torrentes, que, em cachões, ao despenhar-se talham
As rochas de granito e os salgueiraes orvalham,
Ardentes sóes, a noite, ou de luar, ou escura,
Viram-te andar... andar, ó tragica figura
D'homem!... a barba esparsa, ondeantes os cabellos,
Crespos, a embranquecer, revoltos em novellos
Pelos hombros, no peito, entregues aos tufões!...
Viram-te andar... andar, aos saltos, aos baldões,
Pelos mattos em flor, as vaccas e os novilhos,
E as mães, com medo então mugiram pelos filhos!...
Viram-te andar... andar, pelos casaes, ás vezes,
Comendo hervas ruins, e ingenuos camponezes
Benzeram-se, a chorar a perda dos trigaes!...
Ouviram-te soltar uns dolorosos ais,
As lindas aldeãs, as noivas promettidas,
E ficaram por terra, exanimes... caídas!...

Lobos viram-te andar... por entre densas trevas,
Galgando pedras, indo em matagaes d'estevas,
A arremessar o corpo, aos tropeções, gemendo...
E ficaram no chão pregados e... tremendo!

Lá vaes! Subiste agora ao cume d'esse monte.
Olhas em volta. Alem, tres leguas mais, defronte,
Ella está... ella habita o seu castello... Ali,
A poucos passos só, como que te sorrí
A casinha do cura... essa casinha branca.
Lembras-te d'ella, ainda?! Ai! que saudade arranca
Do teu peito um gemido! um gemido profundo!...
Eu bem sei... eu bem sei: essa casa é um mundo.
O mundo ideal d'outr'ora; aureola da alma...
Luz doce, luz tranquilla; a primavera calma,
Cinco annos, que eu te dei, de risos e venturas!...

Embevecido, o olhar em extase, ás alturas
Do pincaro subiste. A noite vem descendo,
Noite de temporal, d'aspecto agreste, horrendo!...
Electrisado o espaço, as nuvens se condensam.
Aguias cortam o ar apavoradas... pensam
Que o céu negro e pesado abate, a cada instante!
Ruge ao sul um trovão, ribomba outro distante.
Outro... mais outro ainda. Orchestra colossal!

Ao pincaro subiste. Em baixo, o fundo valle
É matta secular d'enormes carvalheiras.

Ovelhadas lá vão, em tremulas carreiras,
Abrigos procurar no tronco carcomido.
Subito fende o céu metallico estampido...
E listra-o, rasga-o, fere-o a luz do raio! Estala
Simultaneo o trovão, que o firmamento abala.

Vi-te. De pé; o olhar fixo no espaço; esquálido
E terroso o semblante; olhar em fogo, callido,
Esgazeado; a barba ás ondas pelo peito;
O braço esquerdo erguido — ameaçador tregeito!—
E aberta a bôca... a bôca em contracção grotesca
Dos dentes através a expellir sons!... Dantesca
E medonha visão!...
Trovões sobre trovões ribombam.
Cruzam-se, nas amplidões, raios aos centos! Tombam
Lascando, com fragor, as carvalheiras. Tu
Ergues, irado aos céus, teu magro braço nu,
E clamas:
—«Jehovah mostra que existes!... Mata-me!
A algum dos raios teus ata-me o corpo... ata-me
Esta alma, que te dou, contente! Não me queres?
É sómente o carvalho aquelle que tu feres?
É sómente o pinhal a victima das iras?
Não me ouves blasphemar? Existes tu? Mentiras!
Deixa o carvalho em paz! Castiga-me sem dó!
Se és Deus... se tens poder reduz minh'alma a pó!...» —

A seis metros de ti um raio fende a terra.

(Bradas, gargalhas, ris)—«Tu não me queres! Erra
A tua mão potente! a tua injusta mão!
Tu tens medo de mim! Tu não me chamas... não!
Sou coxo, faz terror a minha bôca... e a falla...
. . . . . .
. . . . . .

Chuva torrencial a voz blasphema cála.

*

Dia de luz. Azul o firmamento esplende.
E o sol enxuga a terra. É meio dia; pende
A prumo sobre o oiteiro... aquelle oiteiro bello
Onde vias no céu, outr'ora, o Sete-estrello...

Lá vaes... todo molhado, aos saltos a subil-o.
Lá vaes... detens o olhar, doce, calmo, tranquillo,
Em cada pedra ou urze ou flor; no alto páras.
Deitas-te sobre o chão — certo local, que acharas
Proximo d'um granito.
O Sol, n'uma caricia,
N'um doce e brando afago, em maternal blandicia,
Beija-te o rosto, enxuga os teus cabellos, morna
Torna-te a pelle, dá-lhe um consolo, entorna
Uma tal quietação que... inconscientemente

(Porque tu, desgraçado! ainda és bom, és crente)
Murmuras: Sol de Deus, bemdicto sejas!...
Olhas
Na encosta o verde matto; a flor perlada, as folhas
Pequeninas, azues... e vaes pensando—«ali...
Correndo atraz d'um coelho, eu lembro-me... caí.
As ovelhas alem íam pastando... íam...
Levava-as a beber... á tarde recolhiam
Quando era inverno frio; em noites de Setembro
Deixava-as pelo valle... Oh! vejo-a... se me lembro!
Vestidinha de branco... ás vezes uma rosa
Na cabeça tão linda! Aqui—noite formosa
D'Agosto!—foi aqui... interrogando os astros,
Que fulgiam no céu, em luminosos rastros,
A rezar orações, adormecemos... Clara
Já rompia a manhã, quando ella despertára...

E agastado commigo... afflicto o meu padrinho,
A chamar-nos d'alem, curvado já, velhinho,
E tropego, a ralhar!»—
Voam pombas aos bandos...
Verdejam arrozaes. Torrões humidos, brandos,
Arados vão rompendo ao longo das campinas.
Lá, na crista do oiteiro e sobre o matto, inclinas
A sonhadora fronte e dormes...
... E a sonhar:
Vês o velhinho, o cura a dizer missa... O altar
Muito florido, e tu, o pastorsinho, agora

Ajudas. Hostia ergueu o sacerdote; elle ora:
—*Dominus!*...
E tocaste a campainha. *Dominus!*
. . . . . .

*

Cruzes! Demonio, foge!
Assim brados anonymos
Partem da multidão. Espavoridas clamam
Lavradeiras gentis dentro d'um pateo, e chamam
Pelos maridos, paes, que no portal d'adega,
Bebem, copo na mão, em bebedeira cega.

Do portão contra a grade o rosto encostas. Páram
As danças e as canções, que, ao ver-te, se aterráram
As aldeãs. O pateo é grande, arborisado.
Por entre a ramaria avista-se o elevado
O gothico solar de torres e setteiras,
Onde ha postes ao ar e festivaes bandeiras.

Recomeçam depois os risos e os descantes.
Quadras eguaes, assim: (Escuta-as... Não te espantes)

Não ha dama mais formosa
Da terra na redondeza.
E nasceu p'ra ser ditosa,
Que foi Deus que a fez princeza!

Ullulas do portão:—a quem? a quem?
Um velho,
Tisnado pelo sol, jaleca pel' de coelho,
Da grade se approxima e traz na mão calosa
Um pedaço de brôa. E canta mais, formosa
Moça, saracoteando as ancas; e na roda
Das aldeãs a pular, a requebrar-se toda:

Madrinha de todos vós!
Tanta bondade e belleza,
Alegres cantemos nós,
Que a nossa ama, hoje, é princeza!

Interrogas o velho anciosamente. Rí-se.
Viu-te a bôca. Se acaso esses teus olhos visse
Que de máguas! Que dor!...
—«Ella é princeza? Falla!
Dos dentes através a tua voz estalla
Sibillando: —«Feitor, responde-me: quem é?
Essa princeza, quem?
—«Queres beber? Olé!
(Grita pr'a turba logo) um cangirão do roxo
Aqui para este amigo, um 'stropiado, um coxo!
Entreabre a grade. Pões os olhos supplicantes
No camponez. Bebestes, em haustos vacillantes,
O vinho; mas de novo interrogaste: quem
Quem é essa princeza?
—«Agora segues bem

Por essa estrada fóra, e Deus te guie, maltez!
Quem é essa princeza? A nossa ama!... Não vês
A festa? Não ouviste o canto das moçoilas?
Bandeiras e festões de buxos e papoilas?
Aberta a adega, e franca a toda a gente? O dia
É todo de prazer, é todo d'alegria!
Casou-se já de certo a nossa ama. Ás tres
Entraria na egreja...
—«E ella é princeza? Crês?...

—«Porque não? Na cidade ha principes. Foi lá
Que lhe entregou a mão... ou lh'a deu mesmo já.
É principe inglez ou russo ou allemão
Lá das terras do norte; é rei um seu irmão.
Rico senhor. Nem sabe as quintas e os rebanhos
Que possue; nem os bois, cerdos e vinhas, anhos,
E mattos e pinhaes, grandes manadas d'eguas...
Herdades elle tem que medem bem cem leguas!
Mas tysico, vê tu. Tem pulmoeira o pobre!
Sempre alagado em suor; molha a roupa que o cobre...
Come pouco... Talvez o casamento o cure!
Talvez enrige agora! Engorde até, e... dure!»—

—« Velho, obrigado, adeus!
... Uma pergunta mais:
É longe essa cidade?
—« É muito longe! Vaes

Té lá... pedir-lhe esmola?
—« Irei »—
—« Leguas trinta
Tão coxo... andas n'um mez!»—
—« Irei! »—
. . . . . .

Lá pela quinta
Que prazer! que alegria! Ai! como é bom cantar!
Emquanto não me apraz descer... ferir... rasgar!...

*

Repousas. Faz calor. Deu meio-dia. Ao largo
Calmo somno descáe,—suavissimo lethargo,
Sobre a vasta campina onde os trigaes ondulam.
Descansas. Pelo ar voejam insectos. Pulam
Gafanhotos á flor do matizado chão.
Brancas nuvens, no azul, pelo occidente vão...

A quatro leguas só demora a tal cidade.
Beija-a do mar profundo a larga immensidade,
E já impregna o espaço a viração marinha.
Tu deves lá chegar, hoje, pela tardinha...

Repousas. Sobre a mão, a fronte exhausta encostas.
Erras um vago olhar pela campina. Gostas
D'aspirar o perfume oxigenado. A fome
Allucina-te quasi, a força te consome,
O vigor para andar mais essas quatro leguas...
Mas repousa um bocado e apoz caminha! As treguas
São lá... é lá, talvez, final descanso!... Lá?!
(Oiço-te) pensas tu:—descanso onde ella está?
Onde ella vive e gosa e folga e ri e canta?
Que ingratidão, mulher!... quanta impudencia... ai quanta!

—«Hei de matar-te!
Em terra has de caír, chorando,
A implorar compaixão... e pallida e arquejando,
A trança desgrenhada, e apavorado o rosto!...
O que me dizes... sei!—Foi profundo o desgosto...
Correr deixaste o pranto immersa em magua enorme!
Mas se eu morrêra! Se eu despedaçado, informe,
Fôra lançado á valla? Eternamente havias
De me chorar?... Tão nova... e rica... e bella...irias
Passar a vida inteira a contemplar-me a cova?
Bem sei... bem sei, mulher! Eras ardente... nova...
Tinha sêde de amor teu corpo!... Muito bem!
Mas eu não quero, não! que o gose mais ninguem!
Alteza... morrerás!»—
(Riso feroz, cruel,
A tua horrenda bôca, em contracções, expelle!)

E emquanto a phantasia a architectar martyrios
Se desregra; na frente, entre papoilas, lirios
Roxos do campo, um sapo, um sapo grosso e verde,
Crava os olhos em ti; parece que não perde
Um pensamento só de tantos, que se agitam
No teu cerebro e ali choram, imprecam, gritam!

Crava os olhos em ti; a cabecita erguendo,
Abre de vez em quando a bôca enorme... e vendo
A pequena distancia um gafanhoto... vae...
Arteiro fórma o pulo... e o pobre insecto cáe!

Volve a cravar de novo os olhos sobre ti...
E... philosopho, até parece que elle ri!...

*

D'alem d'aquelle cerro abranges a cidade.

Tranquilla a noite cáe. É rubra a claridade,
Que o sol manda, descendo, ao mar profundo e vasto.
Vem matizando o céu o constellado rasto
Da Via Lactea. Em breve, illuminada, esplende
A cidade, que, alem á beira-mar, se estende.

Cidade sem egual em porphyros talhada!
Odalisca indolente, inclina-se, deitada

Sobre as areias d'oiro, em praia curva e linda!
Luz do sol, quasi extincta, inda contorna, ainda,
Praças, bellos jardins, gothicas cathedraes,
Largas ruas... alem fontes monumentaes,
Palacios de granito, habitações airosas
De rendilhado estyllo, avenidas formosas,
Illuminadas, breve, em comprimento, á *giorno*.
Sobranceiro o castello arborizado em torno.
Theatros, e quarteis, e circos, e arsenaes...
Pelo mar dentro vão, n'uma arcaria, os caes
Onde as embarcações se acostam...

—«Noite é já!
Bella illuminação! Esplendida! Acolá!
Phantastica, não vês?...
Desçamos, vem commigo!...
Ali acharás pão, terás alem abrigo!
Talvez até um leito onde adormeças... vem!»—

—«Pois sim... leva-me ó Dor!... Tu és a minha mãe!»—

E descemos do outeiro.
Ergue-se, a pouco e pouco,
Confuso *brouhaha*, indescriptivel, rouco,
De pregões, de canções, de risos, algazarras,

O rodar de mil trens, gemidos de guitarras,
Vida, ruido, clamor—um diluvio de luz,
Que entontece, embriaga, hypnotiza, seduz!

Caminho... Lá vou eu... a bambolear-me... aos saltos,
Mais pequenos alguns, phreneticos, mais altos
Outros; com a muleta entre o sovaco esquerdo,
Ferindo o asphalto, n'um som duro, pesado, lerdo.
Lá vou... descalço o pé, e esfarrapado todo!
O cabello da barba e da cabeça é lodo,
É pastoso; faz nojo...
E a Dor grita-me, ao lado:
—«Vem depressa... depressa!»—
O meu olhar maguado
Diz-lhe—«Se tenho fome! Abandona-me a força!
É em vão, para andar, que o peito meu se esforça!
Ai! já não posso mais! sinto que morro!»—

—«Vem!
N'aquella praça ali ha de esmolar-te alguem!»—

*

Encosto-me ao portal d'um palacete. Arquejo.
Uma côdea de pão... meu Deus! como a desejo!

Como serenaria a contracção feroz
Do estomago, que até me paralysa a voz!
Ninguem repara em mim! Grupos alegres passam,
Ninguem no meu olhar a prece leu! Perpassam
Carruagens; ao longe, as musicas entoam
Hymnos bellos, marciaes, que pelo ar resoam.
Tanta gente que ri, que se diverte... Só
Uma mulher me diz, andando—mette dó...
Dois garotos em frente olham-me, com terror.
Um dá-me um pontapé, chama-me salteador.
Mas ninguem... mas ninguem de mim se compadece!

Lentas horas crueis! Como soffro! Arrefece!
Turva-me a luz o olhar. O chão anda-me á roda.
Desaba sobre mim aquella praça toda.
Vou talvez succumbir, percebo que desmaio...
A muleta escorrega e sobre o asphalto cáio.

. . . . . .

A DOR

Abre os olhos. Que vês? Em leito confortavel,
Vela-te, docemente, angelica, amoravel,
Uma santa mulher, irmã de caridade.
Um homem junto d'ella —aspecto de bondade—
Uma chavena tenta a teus labios chegar.
Recuou mudo d'espanto o medico. A apartar
O cabello da barba, elle o vae enxugando,
O desempasta, o lodo arranca-lhe... mas quando

Se lhe depara a bôca, a escancarada bôca,
Livido murmurou, tremula a voz e rouca:
—Ah... desgraçado... horror!

Ao outro dia, a fome
Não te allucina já. Teu corpo não consome.
Pulsa-te o coração com mais vigor. A idéa
Limpida se tornou.
A enfermaria é cheia
De doentes: Um'hora. O medico lá vem...
Visita catre a catre, e para todos tem
Uma phrase, um carinho, uma esperança, um dito.
Quasi é junto de ti.
Olham-se em cheio. Um grito
Soltam ao mesmo tempo, e estridulo, pungente,
Doloroso, cruel... grito d'alma, que sente!...
Passaste-lhe ao pescoço o magro braço nú
E clamas, a chorar:—tu!... meu amigo... tu!

. . . . . .

Condiscipulo teu, o teu melhor amigo.
Era um teu quasi irmão. Ía estudar comtigo,
Planeavam do futuro alegres dias. Sonhos
De elevação social, chimericos, risonhos!

Era o teu confidente; alma d'oiro, sorria
Quando o teu bello nome aureolado via!
E assim te encontra... assim!
Quere-te em sua casa.
Quere-te á sua mesa.
E tu vaes.
A minh'aza
Não conterá jamais essa alma branca e pura!...
Quando partir da Terra a demandar a Altura,
—Chrysallida— voará pelos espaços fóra...

E as azas hão de ser-lhe as lagrimas que chora!...

*

E diz-te elle:—não vás! Poupa-te ao soffrimento!
Recordar-lhe o passado é volver ao tormento.
É beber pouco a pouco o calix da amargura!
Princeza, amada e rica!... Ó dor! Feroz tortura!
Já sonhaste que inferno ha de crestar-te a alma?—

. . . . . .

Alvissimo luar. Noite d'Agosto calma,
Silenciosa, linda. É como dia o luar,
Que um triplo beijo dá ao céu, á terra, ao mar.

Imponente o castello. Architectura suave,
Gothica e Renascença. Um mixto aereo e grave
De linhas, que ora dão antiguidade ao estylo,
Ora o tornam ligeiro. Ao centro vae cobril-o
Uma cupula enorme. Ergue-se ao lado a torre
A cujos pés o oceano a soluçar discorre...
Rendilhados balcões. Pelo mar dentro alonga-se
Um terraço, que em volta, ao circumdar, prolonga-se
Determinando ao poente a escadaria vasta...
O parque é deslumbrante! O salgueiral arrasta
Sobre a argentina areia os ramos verdes. Matta
D'alvissimos jasmins, begonias folha-prata,
Magnolias cuja flor adora a noite; lirios,
Chrysanthemos azues, verbenas e martyrios,
Palmeiras e rosaes, e araucarias gigantes...
Que perfumes subtis, acres, inebriantes!
Como o branco luar acaricia as rosas!

Um orgão deixa ouvir notas harmoniosas,
Tristes, como as canções tristissimas do mar...

. . . . . .

Aos saltos lá vaes tu...Vaes, pela praia, a olhar
O terraço que a luz do céu inunda... vaes
Pelas pedras, subindo a rocha; ergues-te, cáes,
Quasi te molha o pé a agua do mar... Trepaste.

E na riba assentado, a seis metros ficaste
Da varanda.
Plangente, o orgão entoa preces...

Junto de ti, lá estou...
E digo-te:—«se esqueces
Que deves egualar-te á pedra onde te assentas,
Mergulhas n'esse mar, e acabam-se as tormentas!
Traga o verde ciume, e soffre muito e... cala!
Podes ouvir e ver... o que não tens é falla.»—

A porta do terraço abriu-se par em par.
E ella apparece, então. Circumda-a o luar.
Veste de branco. É linda! Uma visão celeste...

(Vejo-te... e rio! Diz': que sensação tiveste?)

Approxima-se. Vem junto á varanda. O seio
É semi-desnudado, é d'alabastro. Ao meio
Um brilhante scintilla. As fórmas, o contorno,
Desenha-lhe o luar, ungido suave em torno.

(Lembras-te? Foram teus aquelles seios tumidos!)

Olhos fita no oceano, e nos seus labios humidos
Volíta uma canção alegre, jovial.
Fulge no seu cabello um diadema real,

N'esse cabello negro, ondeado e basto. Agora
Debruçou-se, escutando, aquelle mar que chora.

(Lembras-te? Quando esparso, em ondas, sobre o peito,
Beijaste esse cabello, em perfumado leito?...)

O principe, embuçado em pelles de castor,
Vem devagar, tossindo. Ella diz-lhe—«Senhor!
Constipa-se de certo...»—Elle, porém, avança,
Chega-se, junto, e dá-lhe um beijo sobre a trança...

(Beijou-a... não vês tu? Beijou-a nos cabellos!)

Em doce languidez, volve-lhe os olhos bellos,
E abandona-lhe a fronte. O principe a cingiu...
Lascivo o olhar dos dois... O luar no céu... sorriu!...

(Não vês como o Desejo, em fervidos arrancos,
D'elle ao pescoço ergueu seus lindos braços brancos?)

Segredam... não sei que doce confidencia...
Abraçados lá vão...
O oceano chora. A essencia
Do teu pranto no céu em atomos se perde...
A ogiva foi cerrada... A luz lá dentro é verde,
E desenha —cruel— nos vidros da janella
Unidos, e de pé, aos beijos, elle... e ella!

(Ella... que já foi tua! Ella, que, nos teus braços,
Languida já dormiu, membros exhaustos... lassos!)

Raiva! Morde-te! Vae assassinal-os!... vae
Á ponta de punhal interromper um ai...
Transformal-o... tornal-o um ai dos meus!... Aquelle,
Que o labio d'ella agora, em convulsões, expelle,
É de goso, prazer lascivo... mas tu choras?
Ficas-te assim, ahi, anniquilado? Imploras
A compaixão do céu! Olhas o mar profundo?
Já sei que pensamento ha do teu craneo, ao fundo!...

Morrer!... O mar soluça. Entende-te o martyrio!
Entregas-lhe o teu corpo; e a demandar o empyreo
Julgas-te emfim liberto ás cruciantes maguas...
Parece que, por ti, n'uma caricia, as aguas
Chamam-te: —vem a nós desventurado... vem!—

Grito-te logo —«Não! Sabes o que é»— o Alem?
Nada talvez... talvez outra existencia e... peior!
Recomeçar talvez a expiação maior!...
Depois, queres morrer sem lhe arrojar á fronte
O fel que te segrega o coração? Defronte
Contemplal-a, a sorrir, a gargalhar... Cuspir-lhe!
Chamar-lhe barregã... morrer então... fugir-lhe!

Manhã clara... Lá vaes. Recolhes-te. Esperança!
... Ah! sim, que em mais não seja, ao menos, na Vingança!

*

Duas horas da tarde. É sua Alteza um tysico.
Longo banho de sol lhe aconselhou o physico,
Amigo qu'ora vae, no trem, a acompanhal-o.
Entram agora os dois no *phaeton*. O cavallo
Parte veloz.
Lá vaes. Vestes de preto. Levas
A barba bem tratada. Embora lá descrevas
Bamboleando o corpo, um movimento em arco,
Comicos saltos dês, teu vestuario parco,
Mas asseiado, limpo, as attenções não prende.

Pensaste bem. Ninguem logo, á primeira, entende
A palavra que expelle a tua bôca. Então,
O amigo te escreveu, sobre papel-cartão,
O seguinte:—*Sou mudo, e venho expressamente*
Do solar da princeza. Eu trago carta urgente,
Que só, em propria mão, hei de entregar-lhe. É grave
A missão que me traz.
Agitas manso, suave,
Do portão a sineta.
Um velho alabardeiro,
Barbas da côr do linho, encara-te primeiro.
Traduz o seu olhar desconfiança e dó.
Entregas-lhe o cartão. Medita-o lendo; e so

Uns minutos depois, gesticulando, diz
Que esperes. E murmura —«É moço... o infeliz!»—
Vezes tres a sineta elle tangeu. Surgiu
Um escudeiro, que ao ver-te, á gargalhada, riu.
Foi-lhe dado o cartão. Tres quartos d'hora, ali,
Aguardas a resposta.
Emfim, chega-se a ti
O mordomo. É um velho, é alto e magro, veste
D'escuro; tem calção e meia preta.—É este
O mudo? (interrogou) e por signaes: — que o sigas!

Projecta o salgueiral frescas sombras amigas
Pelas ruas do parque, orladas de verbenas,
De alvissimos jasmins, de niveas açucenas.

Sobes a escadaria. Entras o perystilo.
Phantastico, soberbo, ali é tudo aquillo!
Mármores de Carrara erguem-se, ao alto, impondo,
Em columnas, a força á cupula. Redondo
Aquelle espaço é todo. Em natural postura
As estatuas, alem, de uma ideal brancura,
As Venus, Amphytrite, as Dryades formosas,
Os candelabros d'oiro, as lampadas airosas,
Os crystaes de Veneza, os gigantescos fetus...

Lá vaes. O corredor é amplo. Os altos tectos
São carvalho e marfim. Alcatifas da Persia

Fallam de languidez, de somnolenta inercia,
E abafam da muleta o som rispido, lerdo.
A agital-a... lá vaes... Trabalha o braço esquerdo.
Bamboleas o corpo, arremessando-o aos saltos,
Mais pequenos alguns, phreneticos, mais altos
Outros. Entras, agora, a galeria extensa,
Onde quadros que vês, em profusão immensa,
Valem milhões sem conto. Ha retratos de reis,
De duquezas de raça e principes fieis.
Inclina-se o mordomo, abrindo certa porta,
E annuncia-te:

—O mudo!

Atmosphera morta.
Ha perfumes no ar, capitosas essencias.
Pequenino salão, logar de confidencias.
Paredes de setim, estatuetas, flores,
E flaccidos *divans* de matizadas côres.

Proximo da janella, e á porta as costas dando,
De pé; e n'um crystal o proprio rosto olhando,
Eis a princeza. Traja um cardinal vestido
De seda de Damasco. O seio comprimido,
Desnuda-o o decote artistico, arrendado.
Collocou mesmo agora, e com maior cuidado,
Entre o negro cabello uma camelia branca.

E remira-se. E a flor nervosamente arranca,
E mais ao lado a põe, e torna a collocal-a.

Em extasi ficáste, e junto á porta... a olhal-a!
Extasi d'um segundo. Apoz, n'um salto... a fronte
Subito reproduz-te esse crystal defronte...
Deixa-o caír. Gritou. Volta-se de repente.
Olha-te com pavor!... Ris estridentemente!
Tu ris!... A bôca enorme. A descoberto, brancos
Chocam-se os dentes... ris em tremulos arrancos.
Mas dos teus olhos vão as lagrimas caíndo!...

Pallida, recuou, a pouco e pouco. Ouvindo
Esse riso, murmura, olhando-te n'um espanto:
—O mudo!

N'esse instante eu bebi o teu pranto...
Eu toda me lancei n'essa tua alma em brazas!
Na garganta, sem dó, pozeram-te estas azas
Quanta angustia contenha um grito humano... um grito
Metallico, feroz, e tragico, infinito,
Que chorava, exprobava, ou supplice... gemia!
Foi synthese de mim o brado teu:
—«Maria!»

E conheceu-te a voz! Avança um passo—Tu?!
Contorce as mãos no ar. No seu pescoço nu
As arterias, n'um salto, a latejar-lhe arquejam!
Arfa-lhe o seio; as mãos aos olhos leva. Sejam
Talvez loucas visões, talvez as sombras, sonhos
Febris que o opio dá, sinistros ou risonhos!

E clama—«não és tu!... que tu... morreste! Não!
Não te acredito... vae! Morreste na explosão...
És um 'spectro... bem sei... perdôa-me!»—
...E desmaia
Evitando o *divan,* que no tapete cáia.

. . . . . .

Desmaiada! Tão linda! Eil-a na tua frente!
Mata-a!
Fere-lhe o seio! Arranca-lhe, inclemente,
A palpitar, ainda, o coração! Vacillas?
Dilatadas que tens as tremulas pupillas
Não dizem ellas odio e colera feróz?
Não te queres vingar? Nem movimento, ou voz!
És uma estatua, espectro, és um phantasma?...
E eu rio!
Quando assim te contemplo anniquilado... frio!

O frasquinho dos saes, que viste sobre a mesa,
Carinhoso o levaste á sua fronte. Presa
Do deliquio ficou, pendendo-lhe a cabeça,
E o desnudado seio, e desgrenhada a espessa,
A trança negra.
E eu oiço o que tu pensas:
—«Linda!
Quem me dera, meus Deus! poder amal-a ainda!...
Que feminil odôr se evola d'este peito!
—O mesmo que, algum dia, em perfumado leito
O sangue, n'um cachão, me incandesceu nas veias!...

Tenho-te aqui... (e riste) Ai! sabes tu? não creias
Que eu sacie d'este amor a doida febre!... Não!
(E choras) Sou um casto!... Eu sou um justo!... E a mão
Raivosa, do teu craneo, arranca-te cabellos!

Entretanto ella accorda. Abriu os olhos bellos.
E fixa-te. E depois, passados uns instantes,
Cambaleando, se ergueu. Tremendo, em vacillantes
Monosyllabos, diz-te: És... tu? Oh! não!... não és!

—«Sou eu! Alteza... sou! E n'este estado... vês?
Causo-te horror... bem sei! Fallo... tu não me entendes!
Olha!... os labios aonde... (escuta! comprehendes?)
Os labios, que sorveste em beijos tão ardentes,
Deixaram-me, não vês!... Ficaram só os dentes!
Voluveis como tu, foram, talvez, beijar
Labios d'outra mulher, que mais os saiba amar!...

(Entre soluços ris, nervosamente)
Escuta!
Venho de longe. Errante, andei no mundo, em lucta
Com a doença, a fome —atrozes privações—
Entregue aos vendavaes, ás neves, aos tufões,
Foragido, maldicto!... Excommunguei o Eterno,
Que assim me condemnou ao pavoroso inferno!...
Mas vivi!... mas vivi... por tua causa! Quiz
Chorar junto de ti. Mas vejo-te... feliz!
Enganei-me! Não és essa mulher, que amei!
Doce ideal d'outr'ora, esse... morreu tambem!

Não és!... Mas se não és, porque motivo ainda
Bella, como ella foi... porque rasão... és linda?...
Linda!... quero matar-te e falta-me a coragem!...
Ao doido coração quero arrancar-te a imagem,
Já que não posso enlear-te ao meu fatal destino!
Já que não posso... não!»—
E, sobre o pequenino
Sophá, velludo negro, a soluçar caíste.

Ella de pé, erecta, olha-te fixa. Triste
Medita. O seu olhar lagrimas nublam. Vae
Até junto de ti e diz —«peço-te... sáe,
Volve ámanhã... O principe não tarda...
Toma esta chave...Toma-a e, com cuidado, guarda-a!
Lá no fundo do parque has de encontrar a porta.
Abre-a... quando for noite... ás tres, a hora morta.
Alguem te indicará onde me encontras... vae!
(E tomando-te a mão, n'um fugitivo ai:)
...Eu conto-te, ámanhã, a minha historia triste!» —

Formosa então a viste... e como nunca a viste!

Encaminhas-te á porta, e, imperceptivelmente,
Cicias um— «*adeus!*»

. . . . . .

Eu bi-parti-me. Sente
Uma angustia cruel teu coração. Que noite!

Que febre que te dei! Parece que um açoite,
Feito de bronze, quebra esse teu craneo em fogo!

Rasgo no peito d'ella um mar d'angustias logo.
Ao longo dos salões, a passear, nervosa,
Monologa:—Que horror!... Mas que terrivel cousa!
Que farei? Que direi? Acaso fui culpada?
Julguei-o morto... e agora... agora sou casada...
E mesmo que o não fôra... assim... n'aquelle estado...
Porque elle faz horror... Faz nojo até... Coitado!

Já raiava a manhã, quando ella adormeceu.
Hypotheses sem conto o seu pensar teceu.
Mas por fim fez a conta... um calculo de juros...
A tanto... uns capitaes —empregos bons, seguros—
Deviam dar-lhe —a Elle— um tal ou qual conforto!...

N'um quadro, em frente, Christo era a rezar no Horto.

*

—«Por aqui.»
Já de leve a gorgear as aves,
Annunciam a Aurora. Em badaladas graves,
Soturnas, deu um sino as tres da madrugada.
Pela direita vaes. Sobes estreita escada.
Segues n'um corredor. Entras n'um quarto. A luz

D'uma lampada é morna, é pallida; traduz
Um mysterio.
Na frente, em robe azul envolta,
Tremula toda, o olhar brilhante, a trança solta,
Ella estende-te a mão... a mão gelada. Apoz
Cerra-se a porta, e assim falla-te, a meia voz:

—«Não imaginas tu que horrivel noite!... Deus
Foi para nós cruel! Grandes peccados meus!
Assim... te encontro... assim! Mas que fatalidade!

—«Tu tens pena de mim? Maria! por piedade
Dize-me, ai! que soffreste!...
—«Horrivelmente!... Ali
Nunca deixei de orar, n'aquelle altar, por ti!
Julgava-te, no céu!
—«Antes, mil vezes, antes!
Eu te visse d'alem... d'aquelles céus distantes!

—«Novas de ti busquei, e todos me enganaram!...
Morrêras no hospital, disseram-me... affirmaram!
Meu pae (Deus lhe não tome a mais estreita conta!)
Que fôra ao teu enterro até jurou-me! Affronta!
Colerico, bradou, quando eu, a duvidar,
Pedi-lhe, que deixasse alguem ir indagar...
Morreu a breve trecho. Eu fico no convento.

Julgava meu pae rico. Era um engano. Tento
Fugir vezes sem conto, ir procurar-te... em vão!
Primos nossos, a quem meu pae devia, vão
Tirar-me da clausura; e pensa um d'elles... Céus!
Dar-se quite, tomando a minha mão. É Deus
Testemunha do quanto então soffri!... Fugindo,
Vim habitar aqui esta cidade. Infindo
Poema d'humilhações!... O velho tabellião,
Que fôra o nosso outr'ora, e tinha-me affeição,
Offereceu-me a casa e quiz-me como a filha!
Acceitei... Diz-me um dia: —«A tua estrella brilha!
Apparece-te um noivo... um principe... o cliente
Mais rico que lá vae ao meu cartorio» — Sente,
Ouvindo-o, dor cruel meu coração... Chorei!
Mas que fazer... meu Deus! Era tão só!... Casei!»—

—«Separados! Não basta... assim ficar... assim!
Sou quasi um monstro!... Eu sei... Sentes horror de mim!
Causo-te medo!...
—« Não... Cala-te!...
—« E separados!
Para nós nada existe... oh... nada!... Condemnados!...
Casam-se as leis do mundo ás leis da Natureza.
Não me illudo... bem sei!... Nem sombras d'incerteza
Podem, sequer um dia, acarinhar meu seio!...
Sou mutilado... um coxo... um ente ascoso... feio.
Tu não podes amar-me!»
—« É formosa a tu'alma!

—« Que dizes tu!? Repete essa palavra... Acalma
Este fogo voraz que me consome!... Não!
Mas tu não sabes tudo!... Olha... imagina: —vão
N'este momento, em breve, ao despontar da aurora
Bandos d'aves gentis pelos espaços fóra,
N'um doce idyllio... anciando a prole... anciando
Reproduzir-se!...Vão... juntam-se, gorgeando.
Uniram-se os casaes... Fazem o ninho!... Eu, só,
Mutilado... serei mais esteril que o pó!...
Não me entendes... pois não?!... Lembras-te, acaso, ainda
D'aquella noite?...

—« Oh!...não! não digas mais!...»

—«Perdão!...
Ouve-me... escuta!... eu sou... unicamente... o irmão...
Então... era o teu noivo! E agora... bella assim,
Livre... se fôras minha... eras, ao pé de mim,
N'esse leito d'amor... apenas... uma cousa!
Fria... gelada como a tampa de uma lousa!
Entendes?... mutilado!»

ELLA, *n'um grito, mixto de horror, de dó e de asco*

—« Oh!

—« Que horrida tortura!...
E, comtudo, meu Deus!... a tua formosura
Enlouquece-me! Sinto em combustão o peito...
... Rio, que transbordou despedaçando o leito!
Tem dó de mim!... Sómente eu posso amar-te... como
Do sol a luz que beija a flor, a folha, o pomo.

Mas deixa amar-te, assim... como o ideal... assim!
Resigno-me... vês tu? Viverei... ai de mim!

—«Mas se me tens amor!...
—«Pois tu duvidas?»
—«Não!
Pois porque amor me tens...»—
—«Uma allucinação!»

—«Se acaso eu te pedir...»
—«Não digas mais... já sei!
Que te esqueça, não posso!»—
—«Eu tal não digo!»
—«Errei?
Que me pedes então?»
—«Olha... que é dia! Adeus!
O principe talvez acorde cedo... e... oh céus!
Que tremenda desgraça!... Adeus... volta ámanhã!»

—«Adeus!... Deixa beijar-te ó minha linda irmã!

. . . . . .

Emquanto vaes descendo a escada estreita, ignoras,
Que ella correu ao espelho, e a trança côr d'amoras
Compoz. Tomou um vidro, um frasco de crystal,

Que encerrava uma essencia, um liquido oriental,
E gottas duas poz na face que beijaste!..

. . . . . .

Que sonhos que eu te dei! Que sonhos que sonhaste!...

Durante o dia todo ella maldiz, nervosa,
O destino que assim a perturbou. A rosa
Que nos cabellos poz, desfolha-a; depois quebra
Uma jarra da China, e sobre a pel' de zebra,
Que forra o chão, ao pé do seu leito d'arminhos,
A soluçar, caíu. Esvoaça, dá pulinhos,
E, de repente, morre um pintasilgo, essa ave
De estimação, que ali n'uma gaiola, suave,
N'uma gaiola d'oiro, ía passando a vida.

O passaro contempla e diz desfallecida:
—«Isto é prenuncio mau!... Obra do coxo... tudo!»—

*

Tres horas da manhã. O bairro dorme, é mudo.
Ninguem te viu entrar no parque do castello.

. . . . . .

—«Que tens? —lhe dizes tu.— No teu olhar tão bello
Vejo signaes de pranto!...»
—«É certo que chorei!»
—«Porquê?»
—«A causa, tu.»
—Explica-te.»
—«Eu bem sei
Que não devo pedir-te um sacrificio!»
—«Qual?»
—«Que me deixes!»
—«Ai!... Não!»
—«Mas olha que é fatal!»
—«Exiges por acaso?»
—«Exijo sim! Devias
Ser generoso... e forte.»
—«Amavas-me... dizias!»
—«Sou casada... bem vês!»
—«Hei de perder-te, queres?»
—«Pensei no teu futuro...»
—«... Ó alma de mulheres!...»
—«Pensei no teu futuro...»
—«Adeus!... Calla-te!... Eu sigo...
Talvez encontre, em breve, o meu melhor amigo:
O tumulo!»
—«Pensei... que viverás tranquillo
Com certa renda... longe.»
—«E depois?...»
—«E... sigillo!»
Eis... mil notas do banco...»—

Anda-te á roda o chão.
Do olhar foge-te a luz, rasgo-te o coração.
E clamas, como fera, ensanguentado o flanco,
N'uma voz, que era d'alma o derradeiro arranco:
Meretriz! Meretriz!...

Ao fundo, a porta abriu-se.
E uma detonação, subitamente, ouviu-se...
A mão levas á fronte, e cáes, desamparado,
De costas sobre o chão. O craneo trespassado.
Pallido, fixo o olhar, embaciado, triste,
Confusamente a vês. E um hausto mais...
Partiste!

*

Vem ao meu seio...Vem! Alma cançada. Ascende!
Mergulha n'este céu que luminoso esplende!
Vôa!... Pergunta a Deus se a expiação é finda,
Se tu volves, acaso, a reincarnar ainda,
Ou se já pura, emfim, pelo Infinito vaes!...

—«Volta— disse-te Deus.

Na minha garra cáes.

CANTO DECIMO

O luar deve ungir a Terra. Sonham as flores. Amedrontado, em vão procuro ao longe aquelle Espirito *que ha de orar por mim eternamente*... Não o vejo... não o distingo... Estou só. E a implacavel Dor paira em volta do meu ser... silenciosa.

Approxima-se. Quero descobrir-lhe, no frio olhar, parcella minima de piedade. Fita-me. E assim me falla:

CANTO DECIMO

—? A dónde vas, alma mia,
Hacia ese mundo perdido?
—A ser alma de un nacido
La Omnipotencia me envia.

Doloras. R. de Campoamor.

A DOR

Foi n'um dia d'Outubro, que nasceste.
Pallido outono, triste, mas sereno...
Foi n'um dia d'Outubro tão ameno...
—Ultima vez que ao mundo, então, volveste!

Foi n'um dia d'Outubro. O sol tombava...
O mar gemia uma canção funerea.
Nuvens passavam na amplidão siderea...
E, ao vir a Noite, um rouxinol chorava.

Toda confusa, e receiosa, a medo,
O mundo olhavas, com expressão de horror.
Disse-te eu—Vae! (e n'um fugaz segredo:)
—«Agora, alem, vela por ti... o Amor!

Procuro ha muito, sobre o mundo, Aquella
A quem darás um nome doce—Mãe!
Achei-a!... Anciosa ella te aguarda!... Ella!
Achei-a!... Emfim... Não tenhas medo...Vem!

Tambem procuro na amplidão radiosa,
A branca e pura alma gentil d'Alguem...
Achei-a!... Um dia has de chamar-lhe... Esposa!
Achei-a!... Emfim... não tenhas medo...Vem!

O mundo é mau. Mas o que importa... amando,
Pallidas sombras d'estas azas vês!...
E se eu passar, junto de ti, gritando...
Quem sabe... até tu sorrirás. Talvez!

Crueis martyrios, que soffreste, echoaram
Nos Céus... no Azul... no Infinito... Ali!
Teu pranto... os ais, que tu soltaste, voaram
A Deus, que teve compaixão de ti...

Disse-me Deus então:—Ó mensageira
Da Justiça! não vês?... é quasi pura
Essa alma. Leva-a! Pela Terra inteira...

Subtis afagos maternaes procura!...
Mulher, que ao seio a estreite, carinhosa,
Descobre! Achal-a vae na Terra escura.

N'essa abobada azul e magestosa
Procura outra alma (e escolhe bem!) mui casta,
E branca e luminosa... alma de Esposa!

. . . . . .

E foi assim que pela esphera vasta,
Que pela Terra, esvoaçando, á solta,
Andei buscando os teus affectos...

EU, *contemplando, indignado, a Dor, e interrompendo-a*:

—Basta!

Tanta ironia —ó Dor cruel!— revolta!
Deus que é bom, Deus que é justo, não te quer!
Não blasphemes... oh, não! Andar envolta

Com tua garra a celica piedade?...
Elle perdôa só, mas nunca fere.
E tu, ó Dor, és só—Atrocidade!

A DOR

Enganas-te. Ah... bem sei! Eu hei de ser
Eternamente o grande enygma fundo...
Nem, mesmo aqui, me podes entender!

Sabes qual é minha missão, no Mundo?
—Purificar... purificar as almas...
Brancas erguel-as d'esse pego immundo!

Fazel-as voar pelas espheras calmas.
Tornal-as impalpaveis como a Luz,
Offerecer-lhes do martyrio as palmas!

Góso, rasgando? O riso meu traduz,
—O riso solto aos ais crueis, que arranco—
Que essa alma brilha, depurada, luz!

E folgo quando as lagrimas lhe estanco!
Sou como o lapidario... alegre fico,
Porque o brilhante é facetado, é branco!

Corto, rasgo, perfuro, enterro, pico,
E sinto-me tão bem!...Vejo-a brilhar.
Se alma d'um pobre ella é, ou se é d'um rico,

Contente as vejo o mesmo Azul fitar.
Sem mim a Vida era impossivel, era
Um vacuo eterno, um cahos sem luz, sem ar!

Deus —o Progresso— occulta-se na esphera...
Todo o Universo elle é... a Força eterna.
Pois, sem mim, essa Força não podéra

Do mundo fazer luz em tal cisterna,
Dar-lhe do Bem a divinal noção,
... Olhos dos céus baixar a tal caverna!

Sou d'essa Força a justiceira mão!
Porque sou eu que as gerações maguando
Um fim apenas tenho—a perfeição!

Sobem... descem as almas... vão passando.
Deixam sempre vestigio... e avança o mundo!
(Semeador que a semente vae lançando.)

Choram? Pois bem: aquelle pranto fundo
É que fecunda o espirito —agua santa—
E o pensamento assim tornou profundo!

E como, em fresca terra, brota a planta,
E a planta o fructo dá... assim a Idéa.
Mas, quantas vezes genial... mas quanta!...

Uma existencia é nada, embora cheia,
Embora, em minhas garras, sempre presa!
Entre milhões o que é um grão d'aveia?

Quantos não fructificam na deveza?
Quanta vez é mister volver á Terra,
Para ter a noção da Natureza?...

Uma existencia só, quantas encerra?
Newton, Kepler, Voltaire... quantas tiveram?
Atila, quanta vez o mundo aterra?

Sob que estranhas fórmas renasceram!
Quantas vezes... ai! quantas, que os hei visto,
Vagindo agora... hontem, talvez morreram.

—Quantas incarnações não teve Christo!

EU

Eu não posso entender-te. Quanta vez
Roubas violentamente á luz da Vida
O Ser que nasce apenas?... Tem um mez,

Um dia, um'hora só, hora vivida,
Sem possivel rasão, sem consciencia,
E tu, ó Dor, ordenas-lhe a partida!...

Porquê? E para que, dar-lhe a existencia?
Como é que o mundo progrediu assim?
Porque sopraste essa immortal essencia?...

Porque a taes vidas assignalas fim?
Calla-te. Eu sei! Tu folgas, inclemente!
Quando pallida a vês, côr de marfim,

No roseo berço, a creancinha doente?
E afflicta, e louca, e angustiada a mãe,
As mãos torcendo, aos céus, convulsamente?

Tu folgas? Ris? Que vaes dizer-me... eu sei!
—É a alma da mãe, que tu depuras,
Levando o filho, que em seus braços tem!...

E não te quebra Deus as garras duras!

A DOR

Não me entendes... ah... não! A creancinha,
Que é flor d'um dia e uma hora apenas vive,
Que insciente parte, assim como a avesinha,

N'um diverso planeta... alem... revive!...
E se, na Terra, um'hora só passou,
E se na Terra instantes só a tive...

Foi porque um'hora apenas lhe faltou
Na incarnação pregressa, não cumprida,
Que finda, assim... e d'uma vez ficou!

Como é que tu abandonaste a vida?...
Todo o calix havias já tragado?
Tinhas a culpa toda redimida?...

Decerto não... que foste assassinado!
Tu não findaste a expiação! Prosegue...
A vida foi-te, só, fio cortado!

Mas que eu atei de novo!... Segue... Segue!...
Suavemente, um pouco mais, agora...
Agora... a santas affeições entregue...

Tu não te lembras, Rei cruel d'outr'ora!
—Enclausuraste a mãe... Abandonaste-a!...
Foste um mau filho! Renasceste?... Chora

Filho das hervas!... Rei... assassinaste-a,
A esposa... áquella a quem amor devêras?...
Renasceste... e jamais mulher... lograste-a

Que nutrisse por ti amor devéras!...
Pagaste. E foi tão grande o teu lamento
Que Deus se commoveu lá, nas espheras!

Mas como não findáras o tormento,
Mas como a expiação se interrompeu,
Quiz dar-te Deus um refrigerio... o alento...

E foi então que pelo vasto Céu,
Elle mandou, na sua voz possante,
Que a esposa e a mãe te descobrisse eu!

Entendeste-me acaso—ó Alma Errante?

EU

Comprehendo-te, emfim! Dize-me agora
Onde me levas tu: se volvo á Terra,
E qual a fórma que a minh'alma encerra?
Se livre pairo n'esse espaço em fóra...

Tu cumpriste a promessa. As existencias,
Que sobre o mundo este meu ser enlearam,
Como subtis essencias
Ao mando teu voltaram!
Embriaguei-me em seu lethal perfume,
Pois cada uma te resume — Dor!
Deixa-me, agora, pelo Azul, liberto,
Como d'um somno que dormi, desperto,
Gosar a luz, o som, o aroma, a côr...

A DOR

Eu cumpri a promessa. Cumpre a tua!
Dá-me n'um peito o coração leal...

EU

Na Terra... o mundo que beijar a lua?
D'outro planeta em região ideal?

A DOR

Onde quizeres. Tens de reincarnar ainda.
Escolhe pois. Aqui n'esta amplidão, que é linda,

Milhões de mundos vês, nas orbitas, rolando.
Voa commigo... vem!... Eu posso-t'os, mostrando,
Dizer-te como, ahi, o meu imperio exerço...

EU

Onde haja um seio maternal, um berço!

A DOR

... Dizer-te como sopro os ideaes sonhados!...

EU

Onde haja labios bons, labios sagrados!...

A DOR

... Dizer-te como o Riso, ao ver-me, empallidece...

EU

Onde ha constante Amor, que não fenece!

A DOR

... Dizer-te como rasgo os corações amantes...

EU

Onde a Traição não tenha olhos faiscantes!

A DOR

... Dizer-te como empenho a lucta fratricida...

EU

Aonde a Inveja não empolgue a Vida...

A DOR

... Dizer-te como corto uma existencia ao meio...

EU

Onde haja uma guarida... um casto seio...

A Dor aponta-me, subitamente, o planeta Venus. Envolve-o a luz suavissima de um roxicler d'alva. Vem de lá harmonias melancholicas, como d'orgãos tocados por mãos de anjos. De vez em quando, escuto ais dolentes, repassados de saudosa amargura. Femininas vozes pronunciam, em lamentos, nomes de poetas que amei. Uma brada: Camões! Outra clama: Petrarcha!... E a Dor, abrindo a pouco e pouco a sua grande aza negra, pretende envolver-me n'ella. E avança — e impelle-me para Venus.

A DOR

—«Venus, alem... não vês? Brilha suavemente.
Mal a noite descáe, irrompe logo a Aurora.
Maio que nunca finda. A rosa mal presente
A brisa, que ao beijal-a, a petala descora...

Tem perfumes subtis as viraçõe da tarde...
Sorri-lhe, eternamente, um poetico luar!
Radiosa brilha a luz, não queima o fogo... e arde!
Tem campinas azues da côr do céu, do mar.

Ha canções juvenis, das aves, nas florestas...
Aguas que vão correndo em limpidos regatos...
Sombras de salgueiraes... deliciosas sestas,
Sobre o lençol em flor dos verdejantes mattos!

Insectos d'azas d'oiro, á luz do sol, fulguram.
E do Lothus a flor jamais fenece ahi.
Ondas mansas, na praia, a suspirar, murmuram
Preces... sonhos... ideaes!...Vamos!... Incarna ali!...

EU

Mas, que estranhas canções, em volta do planeta!
Mas, que sentidos ais que geme alguem aqui!
Quem é que assim recorda o nome d'um poeta?
—O nome de Camões, nitidamente, ouvi!

Ascendo: e a pequena distancia de Venus—o fulgurante luzeiro onde outr'ora, na Terra, pelas tardes amenas de Agosto, tanta vez cravei meus nublados olhos!—a pequena distancia, e como a circumdal-o, mãos dadas, tranças esparsas, envoltas em roupagens brancas, vaporosas, vejo-as:

É Beatriz... é Marianna, a freira!
É a Laura... a Natercia de Camões.
É Leonor—do Tasso a feiticeira—
É Heloisa, de ideaes paixões!

Choram. Seus ais, pelo Infinito, espargem...
Como a rosa que ao espaço o aroma envia.
No Azul, cravado o olhar, de pé, na margem,
Ó victimas do Amor, eu bem vos via!

E então eu digo á Dor:
—Descreves-me o planeta
Como a ideal mansão do Bem e da Ventura

Mas eu já vejo, ali, a tua garra escura,
Varando os corações, aguda como a setta!...

. . . . . .

Antes volver á Terra. Incarnarei ahi.

A DOR

Pois bem. Seja na Terra. Um pouco adiante.
Aqui.

E eu conheço o planeta. Eil-o... é o mesmo! Lá vejo o vasto oceano que a viração ao de leve arqueia. Prados, florestas, o fumo azul dos casaes, que ascende em espira. Ó Terra... como te amo ainda!

A DOR

Vês? Como a tarde cáe, enlanguescida, morna!
Tarde de primavera. O sol, morrendo, entorna
A quietação, a paz d'um somno casto e bom.
D'Ave-Marias se ouve o merencorio som!...
Repara agora: ali... n'aquelle parque umbroso,
Não vês uma mulher—rosto gentil, formoso,
Languida, descaíndo, enternecida, a fronte?...
Ouvindo o que lhe diz aquelle que, defronte,
N'um extasi, a contempla—esse mancebo loiro,
Delicado, franzino e de cabellos de oiro?
Tu sabes? Elle é duque... Um dia será Rei...
Ama aquella mulher... e casará... eu sei!

Queres no ventre d'ella germinar? Vê bem!
Um principe serás... Rainha é tua Mãe!

EU, *recordando os conselhos de alguem,*
que ora por mim, eternamente.

«*Se entre arminhos ducaes, em regio leito,*
«*Alguem se revolver anciosamente*
«*Por collocar um successor ao peito*
«*Ai... não incarnes, não!... que tudo mente!...*

—«Não quero, não! Aspiro á maxima ventura!

A DOR

Outra visão contempla:
Essa montanha é dura.
É de granito. Vae morrer no mar profundo.
Pobre aldeia perdida, isolada do mundo,
Lá na crista branqueja. Uns pobres pescadores,
Quando o oceano adormece, ou canta os seus amores,
As redes vão lançar, contentes, satisfeitos.
E quando o peixe abunda ha risos em seus peitos,
Alegria no lar, nas arcas pão. Agora
D'aquella ermida, alem, mais branca do que a aurora,
Não vês saír um par... alegres noivos... Elle,
Forte como um titan, um bello olhar que expelle,
Na rudeza nativa, abnegação heroica.
Foi o mar que lhe fez a grande alma estoica,
Tisnando aquelle rosto aberto n'um sorriso.
Ella, de negra trança, os dentes mostra, em riso

Onde toda floresce a immaculada alma.
Bellas ancas, robusta, um bello seio, e calma,
Serena e bem capaz d'ir affrontar o oceano...
Dando ao marido até dois filhos cada anno!
Queres no ventre d'ella germinar? Talvez
A maxima ventura ali conquistes. És
Um pobre pescador. Ambições mui pequenas!
Vens ao caír da tarde... ás viraçõnes amenas,
A proa dando á Terra. A pescaria é boa.
Se houver um temporal, a tua voz entoa
Uma prece, que Deus... escutará talvez!...
E só essa ventura... essa ventura:—crês!
Não mais sonhos de gloria, as noites mal dormidas,
As febres da riqueza, as illusões mentidas,
As duvidas crueis da Consciencia em lucta!...
...Nada! De pranto a face has de sentir enxuta,
Tranquillo o coração... livre de fundas maguas,
Dormidos somnos bons, ao marulhar das aguas!...
...Queres?...

EU, *que me lembro do Amor, que até matando é delicioso—da Gloria, que embriaga, matando embora—das Ambições, que são ideaes, que alentam; mas que presinto a ventura na simplicidade, no Amor sem aureola, no somno sem sonho—hesitante, respondo á Dor:*

...Ó Dor... o que fazer?... Irei?
Acaso ali, na incarnação obscura,
Terá minh'alma paz, terá ventura?
—Mentido ideal que tanta vez sonhei!

Tentou-me sempre o vasto mar. Amei
Da tarde a brisa cariciosa e pura,
O marulhar de poetica ternura...
Aguas azues e limpidas... Mas sei

Que tu —ó Dor— o feres impiedosa!
Fazes da meiga Ondina a vaga irosa,
Tornas a vaga um tumulo medonho...

A DOR, *sarcastica, volve-me:*

Talvez!—Mas dou-te uma Consciencia calma!
Talvez!—E a Gloria não te róe a alma!
Morrendo, ignoras que é veneno... o Sonho!

FIM

S. João do Estoril,
madrugada de 20 de outubro de 1895.

INDICE

	Pag.
Prefacio	VII
Proemio	1
Canto primeiro	5
Canto segundo	33
A Rocha	35
A Palmeira	38
O Rouxinol	44
Sombras estranhas	50
O Dromedario	53
O Gorilla	57
Canto terceiro	61
O Escravo	77
Canto quarto	87
O Conquistador	93
Canto quinto	137
Canto sexto	155
O Saltimbanco	157
Canto setimo	179
O Pastor	181
Canto oitavo	209
O Mineiro	211
Canto nono	237
O Mutilado	239
Canto decimo	289

ERRATAS

PAG.	LIN.	LEIA-SE:
17	9	Se abre, sorrindo, á luz, que o vasto céu inunda.
17	12	Não ha fugir-lhe... não! Tudo o que vive sente!
98	11	Á conquista! Á conquista! oh sonho que te afaga,
103	9	Descargas, o chão morde em convulsivo arranco...
106	2	Elmos fendidos, rubro o sangue a empenachar-se!...
107	14	Áquelles corpos!... Vem descendo, devagar...
108	21	Que as defendam, talvez, dos corvos que as devoram!...
108	24	Echo sinistro, mau: — *Rataplan... rataplan!*
110	2	Luz immortal!...
		Comtudo — um mysterio profundo! —

ACABOU DE SE IMPRIMIR

ESTE LIVRO

Aos 31 de Janeiro de mil oitocentos noventa e sete

NOS PRELOS DA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

DO MESMO AUCTOR

Vacillantes (primeiros versos — edição esgotada).

THEATRO

O Bezerro de Ouro, drama em 5 actos $600

QUESTÕES ECONOMICAS

Habitação do Operario e classes menos abastadas $500

Uma Idéa para a solução da crise economica e financeira, opusculo. $100

EM VIA DE PUBLICAÇÃO

Lyrica dos vinte annos.

THEATRO

Zingaros, drama em 3 actos, em verso.

QUESTÕES ECONOMICAS

Portugal honesto e rico.

EM PREPARAÇÃO

O Poema d'um Vivo.

3 1761 06184595 4